
J.Piantola



EU NÃO PODIA ME

APAIXONAR



J. Piantola

Eu não podia me apaixonar

1ª Edição

Independently Published

2017

Direitos autorais do texto original © 2017

Juliana Piantola da Silva

Todos os direitos reservados

Selo Editorial: Independently Published

ASIN: B06XJRYDXB

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20 – FERNANDO

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

AGRADECIMENTOS

A AUTORA

Dedico este livro à minha prima Renata, pelos velhos tempos de muita criatividade e inspiração.

PRÓLOGO

Esse é aquele tipo de situação que vemos nas novelas e nos filmes e nunca imaginamos que pudesse acontecer com a gente. Estava tudo organizado, o vestido nos últimos ajustes, o Buffet pago e os convites prontos para serem enviados.

Mas confesso que pensei que sofreria mais, que seria como arrancar meu coração de uma só vez, como dilacerar cada plano, cada idéia, cada pedacinho de mim. Mas foi como simplesmente fechar a porta.

CAPÍTULO 1

Ele me implorava para abrir a porta, me concentrei em minha respiração, acreditando piamente que assim que ela normalizasse tudo voltaria ao normal. Mas enquanto eu lutava contra a respiração ofegante, lágrimas transbordaram pelos meus olhos evidenciando meus sentimentos, e nesse exato momento agradei por ele estar do outro lado da porta.

Sua voz era forte e imponente, mas falhava em meio ao desespero, ele devia estar chorando. Era difícil acreditar que aquele homem alto e forte estava chorando. Gabriel Torres era filho de um famoso advogado tributarista e seguiu os passos do pai herdando o escritório, quando seu pai faleceu em um acidente de carro há três anos. Gabriel sempre agiu com a razão e nunca com a emoção e por isso escutar seu choro estava me matando. Mas eu não iria me entregar, não queria me jogar novamente em seus braços. Os braços que abraçavam à outra, minutos antes.

Eu não queria conversar, ele não me escutaria, eu apenas queria esquecer, queria nunca mais olhar naqueles olhos, os olhos que por muitas vezes me fizeram vislumbrar um futuro brilhante, os olhos em que me perdi cegamente. Neste momento eu estava cega pela decepção, pelo choque, pela raiva. Simplesmente peguei o interfone e pedi ao porteiro que o tirasse da minha porta e que não o deixasse entrar novamente, nunca mais. Foi mais fácil, uma separação calma, um rompimento sem traumas.

Mas eu sabia que uma hora teria de encarar aqueles olhos novamente. Mas hoje não, eu só queria paz.

Um sábado chuvoso era tudo o que eu precisava para ficar em casa, um dia nublado, triste, melancólico. Não queria me levantar, mas o toque do telefone ecoava na minha cabeça. Meus olhos estavam grudados, me lembrando o quanto chorei antes de finalmente pegar no sono.

- Alô? - Atendi com a voz rouca.

- Letícia?

- Oi, Ângela. – Respondi desanimada. Ângela foi a primeira pessoa que conheci quando cheguei em São Paulo há seis anos. Ela morava com a mãe no apartamento ao lado do que eu acabara de alugar. Muito pura e inteligente me ajudou na época da faculdade e me apoiava muito quando consegui meu primeiro emprego, e desde então nos tratamos como irmãs, o fato de sermos filhas únicas facilitou essa aproximação. Quando sua mãe faleceu no ano passado, ela ficou sozinha e veio morar comigo. Conheceu o Fernando em uma festa da família do Gabriel e estão juntos desde então. Eu não gosto muito do Fernando, ele é da mesma cidade que eu, estudamos juntos até o terceiro colegial, ele era o artilheiro do time de futebol. E no dia da formatura ele disse que gostaria de dançar comigo, mas ficou a noite toda com a Rafaela, a menina mais linda da sala. A verdade é que o que mais me incomoda é ele nunca ter falado sobre já me conhecer, a Angela não sabe e eu também nunca falei nada. Ele continua muito bonito, um *personal trainer* de cabelos claros, ombros largos e olhos azuis.

- Que voz é essa? Te acordei?

- Sim, mas tudo bem. Pode falar.

- Vamos sair hoje? Preciso comprar umas roupas novas, as minhas não servem mais. - Dava para notar a frustração em sua voz, mas eu realmente não estava disposta.

- Desculpa Ângela, eu realmente não estou bem. Quero ficar sozinha. - O telefone ficou mudo e senti o quanto eu devia estar decepcionando ela. - Terminei meu noivado ontem.

- O que? - Ela gritou no meu ouvido, fazendo minha cabeça doer.

- Pois é. Depois te conto.

- Como assim? Vocês só brigaram, não é motivo para terminar tudo. Calma, vocês vão se resolver.

- Não, não vamos resolver nada. Ele me traiu. Peguei ele aos beijos com a secretária.

- Meu Deus, que canalha! Sinto muito amiga! - Eu sabia que ela realmente sentia muito. Ela vivia um conto de fadas, ela queria isso pra mim. Mas eu sabia que contos de fadas não existiam.

- E como está o nenê? Chutando muito? – Ângela está grávida há sete meses e casada há cinco meses. Fui totalmente contra o casamento, mas ela dizia estar feliz, então só pude apoiá-la. Afinal, eu era sua única família.

- Nossa! Se mexendo muito, quase não consigo dormir. – Sua voz explodia em emoção e felicidade.

- Que bom amiga. Vou comer alguma coisa. A gente se fala mais tarde.

- Se precisar me liga. Tchau.

Nem todo fim é fácil e nem todo recomeço é simples. Decidi recomeçar, separei todas as coisas do Gabriel, afinal, estava certa de que nada me faria voltar com ele. Nada do que ele pudesse me dizer poderia explicar o porquê a língua dele estava dentro da boca da secretária. Incrível como nos julgamos isentos de certas situações, eu via pessoas sendo traídas e ficava inconformada em como essas pessoas podiam não saber o que estava acontecendo debaixo do próprio nariz, pois bem, agora eu entendo. Às vezes eu ligava no escritório e a secretária atendia, ficávamos conversando sobre como ele trabalhava muito e ela dizia que ia expulsá-lo do escritório. Como fui ingênua, acreditando que ele realmente estava trabalhando e que tinha sorte de ter uma secretária tão dedicada.

Decidi devolver as coisas dele o quanto antes, eu sabia que ele estaria em casa, sabia que não iria ao futebol, não neste sábado. Mas de uma forma ou de outra eu teria que encará-lo, teria que pôr um ponto final definitivo, olhando nos seus olhos e não aos berros pela porta do meu apartamento. Então, peguei a caixa com a escova de dente, umas roupas e CDs que estavam na minha casa. Não havia percebido que ele praticamente morava em meu apartamento até juntar todas as suas coisas e lotar uma das caixas da mudança que eu, muito adiantada, já estava arrumando. O casamento seria em sete meses.

Minha vida estava desmoronando.

Eu não queria aparentar arrasada, então escondi com maquiagem as bolsas que se formaram em meus olhos, devido ao choro da madrugada, vesti uma calça jeans e uma blusinha florida de ombros de fora e amarrei meus longos cabelos claros e ondulados em um rabo alto. Cheguei ao prédio e fui recebida com um sorriso do porteiro, que já estava acostumado com minhas constantes visitas e me deixou entrar sem anunciar aos moradores. O prédio era muito chique e seguro, cada andar possuía apenas dois apartamentos. Entrei no elevador me observando no espelho e apertei o botão três. Ao

descer do elevador senti meu estômago embrulhar e minhas pernas estremecerem. Tocar a campainha só me fez perceber como era cedo demais para conversar, senti um frio passar por minha espinha e minha garganta secar, meu coração disparou, e senti que talvez minhas pernas não me sustentariam por muito tempo, e quando ouvi o giro da chave na maçaneta pensei em correr, mas seria muito infantil. Para minha sorte era a irmã dele.

- Letícia?

- Oi, Amanda. – Amanda era nova, tinha dezessete anos e era diferente de todos da família, ela era mais carinhosa, mais receptiva. Espero que o tempo não a torne como a mãe e o irmão, que apesar de ser meu noivo, quer dizer ex-noivo, sempre foi carinhoso entre quatro paredes, mas em público era um poço de frieza. O que me atraía nele era exatamente a cara de mau que ele fazia quando estava fora de casa.

- Nossa, eu estava quase te ligando. Entre. – Ela me convidou com um sorriso muito sincero.

- Só vim devolver algumas coisas do Gabriel que estavam na minha casa. – Falei, dando um passo adentro sem conseguir olhar nos seus olhos. Eu sabia que não tinha culpa pelo fim do noivado, mas gostava muito da Amanda para encarar seus olhos tristes.

- Ah, não! É verdade, mesmo? Você terminou com meu irmão? – A tristeza de sua voz era muito notável, o que me forçou a encará-la nos olhos, mas logo me arrependi. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e sua voz falhando.

- Sinto muito, mas não vamos nos casar. Depois ele te explica o que aconteceu. – Respondi friamente, evitando qualquer tipo de explicação, ele teria que explicar para a própria família o quanto era um canalha. Coloquei a caixa no chão, e me virei para ir embora.

- Ele está no quarto. - Parei de andar, mas não me virei. E ela continuou - Não comeu nada desde que chegou ontem, não atende aos telefonemas de ninguém, e de noite acho que ele estava chorando. Por favor, converse com ele. Ele está sofrendo.

- Acho melhor não. Hoje não. Tchau. – Falei rápido, e continuei andando. Ela resmungou alguma coisa e antes que pudesse terminar eu já estava no segundo degrau da escada. Desci os três andares pela escada de incêndio e cheguei à recepção ofegante.

Fugir foi a coisa mais covarde que já fiz na minha vida, mas não estava preparada, não hoje, e talvez nem amanhã, era muito recente. Entrei no carro e fui para a imobiliária cancelar a compra do apartamento que estávamos dando entrada nos papéis para a regularização, depois fui ao Buffet e na loja do vestido. Precisava cancelar tudo o mais rápido possível, não podia estender esse sofrimento, quanto mais rápido tudo terminasse, menor o sofrimento. Era o que eu acreditava que aconteceria ou o que eu queria que acontecesse.

CAPÍTULO 2

A parte mais difícil foi voltar para casa depois de cancelar tudo e me deparar com a caixa ainda fechada com os convites que havíamos mandado fazer. Faltavam sete meses ainda para o casamento e eu já estava com tudo quase pronto. Agora era verdade, estava tudo acabado, tudo cancelado. Eu precisava avisar meus pais, mas isso poderia esperar. Ignorei a caixa e peguei o telefone na mesinha ao lado da porta de entrada.

- Ângela?

- Oi, Lê! Você está melhor?

- Não muito. Você pode vir aqui em casa? – Eu sabia que se pedisse ela viria sem pensar duas vezes.

- Claro. Assim que o Fernando voltar do futebol, peço pra ele me levar.

- Ah. Ele ainda vai demorar e vai reclamar de você ficar saindo de casa nessa situação.

- Sabe que não posso dirigir com essa barriga gigante. – Respondeu ela numa voz de tédio.

- Então se arruma que eu te pego em quinze minutos.

- Você e sua implicância com o Fernando.

- Se arruma. – Dei uma risada e desliguei o telefone.

Mais do que depressa corri para o carro. E em exatos quinze minutos já estava buzinando na frente da casa da Ângela. Era uma casa bem ajeitada, eles reformaram assim que compraram, foi tudo muito rápido por causa da gravidez, e como o Fernando é dono de uma academia não foi muito difícil escolher a casa como ela sempre desejou – simples e aconchegante. Não tinha nada que fosse escolhido por Fernando. Não sei se é porque ele não se importava com nada ou se queria apenas agradar Ângela. Mas a casa era ela por dentro e por fora.

- Lê, sempre pontual. – Disse Ângela enquanto fechava o portão, no seu vestido branco estampado de flores azuis, a sua roupa predileta.

- Uau! Você está linda. – Falei, assim que abriu a porta do carro se ajeitando para sentar.

- Pois é, estou tão feliz que este vestido ainda serve. Aliás, é o único que serve. Precisamos fazer compras de roupas, urgente. Meu guarda-roupa está um caos. – Disse Ângela emburrada, cruzando os braços sobre a barriga.

- Podemos ir hoje. Que tal? – Perguntei animada, afinal, precisava me distrair e nada melhor do que fazer compras.

- Combinado. Vamos!

- Mas antes preciso passar em casa e fazer umas coisas, na verdade preciso da sua ajuda.

- Pra quê? Não posso fazer esforço, você sabe. A Lais me limita a certos exercícios.

- Ai, meu Deus! É menina? Não acredito, parabéns. Poxa esqueci que ontem você foi fazer o ultra-som mas você não queria saber o sexo do bebê. Mudou de idéia? Desculpa por estar tão desleixada com você e a nenê. – Fiquei feliz, muito feliz, afinal era exatamente o que ela queria, uma menina. Porém ao mesmo tempo, senti um remorso enorme e o sangue subir à minha cabeça, não acreditava que desta vez não tinha me lembrado do ultra-som, eu sempre estava com ela.

- Tudo bem, perdoada, foi por um bem maior esse esquecimento, aliás, por um mal maior. Eu é que sinto muito por você estar passando por isso. – Seus olhos estavam cheios de água, sei que em dias normais ela ficaria triste por mim, mas não chegaria a chorar, acho que a gravidez a estava deixando mais sensível.

- O importante é que a Lais está chegando. – Tentei forçar um sorriso, mas saiu tão duro que

olhei para o lado da janela para disfarçar.

Ao chegar no meu apartamento, pedi para a Ângela retirar todas as fotos do mural, todas até mesmo as que o Gabriel não aparecia. Eu precisava de uma mudança radical naquele apartamento sem graça. Separei alguns móveis, como a mesinha perto da porta de entrada, o pufe roxo que ficava perto da minha cama, a cadeira da mesa do computador, o próprio computador, a televisão, e algumas coisas menores. Pedi para o zelador do prédio, encontrar novos donos para tudo aquilo. Peguei a chave do carro e balancei para a Ângela que estava guardando as fotos dentro de uma caixinha na última gaveta da mesa do computador, agora vazia.

- Vamos! Hora de inovar! – Falei com um sorriso de uma criança de cinco anos que acabara de ganhar um brinquedo novo.

- Vamos aonde? – Perguntou Ângela feliz por me ver com um sorriso verdadeiro estampado no rosto.

- Ao centro da cidade, comprar móveis novos.

- Mas e minha compra de roupas?

- Hum, pode ficar para amanhã? Prometo te levar ao shopping e ficar o tempo que você quiser e precisar.

- Está bem, tudo pra ver você sorrir novamente.

- Obrigada, gorduchinha! – Falei apertando meus lábios contra sua bochecha, enquanto saíamos pela porta do apartamento e ela revirava os olhos com cara de tédio. – Ah, já ia me esquecendo dessa caixa. – Falei enquanto voltava para pegar a caixa lacrada com os convites do casamento que não aconteceria mais.

- Poxa, são os convites? – Perguntou Ângela com a voz triste, olhando sugestiva para a caixa em minhas mãos.

- Sim. – Respondi enquanto trancava a porta me concentrando em não derrubar a caixa que apoiara sobre a perna encostada na parede.

- Posso ver um? Se você não se incomodar, claro. – Perguntou estendendo a mão.

- Pode. – Na verdade eu não queria abrir aquela caixa, traria lembranças de algo que foi apenas planejado, traria lembranças de dois anos felizes já que no convite colocamos algumas fotos nossas. Mas o que eu não esperava era que pudesse trazer raiva, decepção.

Quando Ângela abriu um dos convites verde água, senti minha garganta secar, meu punho se fechou e eu não consegui conter minhas lágrimas. Sentei e comecei a chorar, ali mesmo, no corredor. Era uma sensação nunca vivida antes, uma angústia. Não eram lágrimas de tristeza ou de dor, eram de raiva. Eram lágrimas de todo o planejamento de uma vida baseada em uma pessoa que não pensou duas vezes antes de jogar tudo por uma aventura.

- Calma amiga, estou aqui. – Disse Ângela, lutando com a barriga enorme para se abaixar ao meu lado, mas logo desistiu, percebeu que seria impossível se abaixar e então passou sua mão direita pelos fios que formavam o rabo de cavalo, penteando meus cabelos longos com os dedos.

- Está tudo bem. – disse enquanto enxugava as lágrimas com as costas das mãos – Eu não estou triste, estou brava, com muita raiva.

- Entendo. – Enquanto se virava para se ajeitar na minha frente.

- Ele ... nós íamos nos casar... ele não devia ter feito aquilo. Você acha que ele está apaixonado por ela?

- Não. – A resposta foi tão imediata que eu nem tinha o que questionar.

Respirei fundo, contei até três e me levantei lentamente, olhando minhas roupas, sem encarar

Ângela nos olhos, me senti envergonhada por estar chorando como uma menina de doze anos que acabou de descobrir que o menino por quem é apaixonada gosta de outra.

- Só... só acho estranho ele não ter me ligado. - Falei.

- Você quer que ele ligue? Quer que ele fique no seu pé? – Sua voz parecia brava, talvez desafiadora.

- Não. Quer dizer, ele nem sequer ligou para o fato de estarmos separados agora. Parece nem estar sofrendo.

- Com certeza está. Mesmo que esteja gostando dessa secretária. Ninguém gosta de magoar ninguém. Talvez esteja longe para não te magoar ainda mais. – Ângela disse enquanto passava os braços pelo meu ombro.

- É, talvez.

Eu realmente não queria ter de lidar com ele me ligando, mas o fato de ele não ligar mexia com meu ego.

Ao chegarmos ao centro da cidade, havia tantas lojas com vitrines convidativas que até esqueci o motivo inicial de eu estar ali. Andamos por algumas lojas e comprei mais que o necessário. Decidi trocar até o sofá. Mas quando tudo estava bem e eu estava até sorrindo novamente. Ângela me puxou pelo braço me forçando para a saída da loja.

- O que foi? – Perguntei a ela olhando ao redor. Com certeza tinha visto algo que não queria, de maneira alguma, que eu visse.

- Nada, estou passando mal, vamos embora.

Mas antes que pudéssemos passar pela porta de saída da loja, uma mão puxou meu outro braço.

- Leticia? – A voz, apesar de surpresa, era suave e doce, e me fez estremecer. Não consegui conter meu instinto de me virar. Ângela soltou meu braço e soltou o ar de uma vez, quando percebi já havia puxado com força meu outro braço e estava encarando aquela figura que no dia anterior eu nem consegui olhar.

Me virei de volta para a saída, tentando ignorá-la, mas uma voz na minha mente me forçou a encará-la. Olhei nos seus olhos escuros, aquele cabelo preto brilhante a pele bem branca sem nenhuma marca, de dar inveja a qualquer outra mulher. Definitivamente ela era bonita.

- Cláudia. – Falei virando os olhos.

- Queria te pedir desculpas pelo que aconteceu ontem, eu... a gente não... foi sem querer, me desculpe. Foi de repente! Nunca aconteceu nada antes, e nem vai acontecer mais. – Percebi em seus olhos que talvez pudesse ser verdade, e pelo modo como ela olhava para as mãos segurando a chave do carro, era uma verdade que a deixava triste. Ela realmente gostava dele. E eu sabia como era ruim gostar de alguém que não poderia ser seu, já havia passado por isso e sabia que não era fácil, em todo caso, ela não tinha tanta culpa, afinal quem me devia explicações era meu noivo, aliás, naquele momento, ex-noivo.

- Tudo bem. Ele não é mais meu noivo. Está livre. Pode acontecer quantas vezes vocês quiserem. – Respondi mais áspera do que realmente gostaria.

- Não, eu... me desculpe. Não faça isso com ele. – Ela disse a última frase me encarando nos olhos.

- Na verdade, ele fez, não eu! No entanto. Boa sorte!

- Mas...

- Sem ressentimentos. - cortei antes que pudesse dizer mais algumas coisas.

Dei as costas sem olhar pra trás. Sabia que Ângela me crucificaria por ter sido tão amigável, mas não havia uma maneira melhor ou pior para tratá-la. Gritar só me faria ser quem eu não queria ser, e me alterar por uma pessoa que não merecia, não era do meu feitio. Ao chegar no carro, Ângela ainda me fuzilava com o olhar.

- O que foi aquilo? – perguntou antes que eu pudesse me sentar.

- O que? – Me fiz de desentendida.

- Que tratamento foi aquele? Era a sua chance de descontar toda a sua raiva. – Seu olhar era de desaprovção.

- Vou descontar na pessoa errada? – Perguntei com uma cara indignada, mesmo entendendo o pensamento da Ângela, que não era nenhum absurdo.

- Pessoa errada? Pelo que eu saiba foi a língua dela que estava dentro da boca do seu noivo.

- Hummm... ela é o quê minha? Nada. Portanto, não vou falar nada pra ela.

- Tem razão. Mas não conseguiria me conter. – Disse ela, enquanto olhava pelo vidro do carro.

Ao parar na frente da casa da Ângela, desliguei o motor do carro. O silêncio era algo que me deixava agoniada, então dei a partida novamente.

- Você vai jantar aqui em casa, não é?

- Não, deixa pra outro dia. - respondi.

- Por favor. O Fernando vai fazer lasanha hoje, sabe como é, agora digo que estou com vontade e pronto ele corre fazer.

Era impossível resistir aos pedidos da Ângela, ainda mais depois de ela ter passado a tarde inteira comigo, me distraindo dos pensamentos melancólicos que tomariam conta de mim. Assenti uma vez e desliguei novamente o motor.

CAPÍTULO 3

Ficar na casa da Ângela era algo que eu adorava, era tudo como ela, aconchegante e convidativo, os móveis combinavam com o seu estilo e o espaço. O quarto do bebê estava pronto, tudo amarelo, pois como eu, ela sempre foi muito adiantada e não teve paciência para esperar saber o sexo antes de fazer as compras. Fernando estava na cozinha de costas, lavando a louça que sujou para fazer a lasanha que cheirava deliciosamente bem, no forno. Parei sobre a soleira enquanto Ângela se aproximava para cumprimentar o marido e avisá-lo que teriam companhia nesta noite. Logo ele olhou pra trás e acenou com a mão cheia de sabão, um sorriso amarelo acompanhava. Sempre tive a impressão de que meus sentimentos em relação a ele eram correspondidos à altura, mas hoje tive a certeza. Do mesmo jeito que eu me sentia desconfortável ao lado dele, ele também se sentia ao meu lado. Mas pelo bem dos nossos relacionamentos com a Ângela nos suportávamos. Nunca consegui entender o porquê desse sentimento, não houve nenhum momento em que eu pudesse dizer: “É por isso que não gosto dele”.

- Você podia dormir aqui hoje. – Disse Ângela, animada, me puxando dos meus profundos pensamentos.

- Não. – Respondi de imediato. – Quer dizer, sei o que está tentando fazer, mas preciso encarar minha casa, minha solidão.

- Mas é tudo muito recente ainda. – Disse, enquanto puxava uma cadeira para se sentar e outra para apoiar os pés inchados da gravidez.

- Quanto mais cedo eu lidar com os fantasmas, mais cedo estarei recuperada. – Dei uma piscadela e sentei na cadeira à sua frente.

Não demorou muito, o Fernando já estava nos servindo. Ergui minha mão para pegar a espátula da mão dele e me servir sozinha, mas sem ao menos olhar para mim, ele puxou o prato da minha mão delicadamente e já foi colocando uma fatia generosa. Agradei sem jeito e encarei meu prato. Ângela me deu aquele olhar de reprovação, pois sabia que eu estava pensando que o único motivo de ele me tratar bem era ela estar presente. Senti meu rosto esquentar, provavelmente eu já estava vermelha pelo olhar que ela me lançara. Então, iniciei uma conversa, que eu sabia que não teria fim.

- Então quer dizer que é menina. Como você se sente, papai? Está feliz? – Perguntei, forçando um sorriso, que saiu mais natural do que eu imaginava.

- Claro, muito. – Como sempre, muito frio. E então me lembrei do motivo de não gostar muito dele. Apesar de a Ângela jurar que ele é muito romântico, sempre me pareceu muito frio, e Ângela é o tipo de mulher que larga tudo por um homem, talvez ele não a merecesse.

- Mas preferia que fosse um menino? Claro, todo pai sonha em ensinar o filho a jogar bola. – Falei sem nem mesmo olhar para ele, afinal, eu só queria dar início a uma conversa que eu sabia que Ângela iria começar a falar e ninguém a faria parar.

- Não, sonho em ter uma filha desde a primeira vez que vi a Ângela. Fico imaginando uma miniatura dela andando pela casa. Vai me deixar louco. – Lançou um olhar tão profundo para Ângela e vi um sorriso se formar no canto de sua boca. Que me deixou até sem graça, nunca esperei presenciar uma cena desta vindo dele.

- Ahh. – Soltei involuntária.

- Eu queria um menino. – Falou Ângela, um pouco mais alto do que o necessário. Talvez o fato de haver uma conversa entre mim e o Fernando a tivesse deixado bem animada.

- Menino? Por quê? – Perguntei, já esperando que a resposta fosse a mesma que o Fernando havia dado, uma miniatura correndo pela casa.

- Porque os homens sempre defendem a mãe, não é?!

Ângela lançou um olhar feroz para o Fernando, e logo percebi os problemas com a sogra. Evitando dar continuidade aos olhares de Ângela que poderiam iniciar uma discussão. Me levantei, retirando os pratos da mesa e levando-os à pia, mas enquanto procurava a bucha e o sabão, Fernando já estava em pé ao meu lado, me expulsando apenas com o olhar. Pegou a bucha e o sabão e começou a lavar a louça.

- Deixe que eu lavo. Você fez a janta, aliás, estava ótima. – Falei rápido, relutando em elogiá-lo. E notei um sorriso presunçoso no canto de sua boca, que fez com que eu me arrependesse amargamente de ter dito aquilo.

- Obrigado. E deixa que eu lavo a louça, tenho certeza que a Ângela quer aproveitar o seu tempo aqui conversando e não assistindo você lavar a louça.– Disse logo se recompondo.

Fui para a sala com a Ângela, sentamos no sofá confortável demais que dava vontade de dormir só de se sentar nele. Ela me olhava como quem gostaria de perguntar algo, mas tinha medo de entrar no assunto. E eu já imaginava o que pudesse ser.

- Fala. – Soltei logo sem rodeios.

- Não, eu só... – Ela abaixou a cabeça e segurou minhas mãos. – está tudo bem?

- Sim. – respondi olhando para nossas mãos juntas.

- Não minta. Quero a verdade. Não tenho dó de você, preciso saber se realmente está bem! – Ela perguntou, agora olhando dentro dos meus olhos, com a expressão brava, por eu estar escondendo a verdade.

Meus olhos encheram de água, soltei suas mãos e me levantei, andei de um lado para o outro em frente ao sofá. Ela me observava sem dizer nada. Lutei contra as lágrimas e as palavras que queriam saltar da minha boca. Parei e me virei de frente para ela. Respirei fundo e fechei os olhos. Me ajoelhei e então abri os olhos novamente, já secos depois do momento forçado de auto-controle.

- Não estou triste, estou até bem, melhor do que eu poderia imaginar. O que me deixa magoada é o fato de ele nem me procurar, de ele nem se importar se eu estou bem. Você acha que ele pretende ficar com ela?

- Não sei, amiga. Não sei nem o que te falar. Eu te entendo. – Ela me abraçou forte como se quisesse tirar toda a dor que eu pudesse sentir.

- Bom, vou embora. Está tarde. – Levantei repentinamente.

- Tem certeza que não quer dormir aqui?

- Melhor não. Preciso ficar sozinha.

Já havia escurecido, e o vento do leste dava a sensação de que o tempo estava mais frio do que realmente estava. Me despedi de Ângela e corri para o carro. Dei partida, mas o motor falhou, dei partida novamente, sem reposta, mais três vezes e nada. Ouvi duas batidas na lataria do meu carro, levantei a cabeça e me deparei com o Fernando esperando que eu destravasse o capô. Destravei e aguardei que ele me desse alguma ordem.

- Dê a partida. – Ele gritou por de trás do capô levantado.

Dei a partida novamente, e nada. O motor desta vez, pareceu querer trabalhar menos. Ele simplesmente abaixou o capô e me pediu para soltar o freio de mão. Soltei e de repente ele estava empurrando o carro para trás, com o intuito de deixar a saída da garagem dele livre, provavelmente para fazer uma ligação direta na bateria. Desci do carro e escutei a Ângela falando que não iria, acenou de longe e entrou na casa.

- Entra. – Disse o Fernando, girando a chave na maçaneta do Vectra preto estacionado na garagem.

- Mas... o quê? – Perguntei sem entender.

- Vou te levar, amanhã eu chamo um mecânico para ver seu carro. Você devia aproveitar que está com o dinheiro do casamento e trocar de carro. De quando é esse carro? 2001?

Esse definitivamente era o motivo de eu evitar conversas com o Fernando, ele era sempre muito agressivo no modo de falar, sem contar o jeito mandão e possessivo. Nem me perguntou se eu queria que ele me levasse, decidiu tudo sozinho, como se o que eu pensasse não fizesse a menor diferença.

- Não precisa, eu pego um taxi. – Respondi, procurando meu celular na bolsa.

- Entra logo. Eu te levo. Bem que a Ângela me avisou que você é teimosa. – Balançou a cabeça negativamente e entrou no carro.

Não tive escolha, entrei no carro sem jeito.

- Noventa e sete. – Falei emburrada, cruzando os braços sobre as pernas.

- O que? – Ele parecia realmente não entender o que eu estava falando.

- O ano do meu gol. – Respondi com uma voz de tédio.

- Ah.. Se você precisar de ajuda para comprar um carro, eu posso te ajudar. Se você quiser, é claro!

- Tudo bem, obrigada, eu acho. – Virei o rosto para fora do carro.

Ele estacionou o carro do outro lado da rua e desceu para fechar o portão e trancar meu carro. De uma coisa eu não podia reclamar, ele realmente era atencioso como Ângela sempre dizia. Mas muito ousado, falar do meu carro me deixou irritada, eu sabia que precisava trocar de carro, mas o que isso dizia respeito a ele? E o fato de ele ser amigo do Gabriel estava me deixando mais nervosa. O caminho para minha casa foram os quinze minutos mais demorados de toda a minha vida, estávamos mudos, como se estivessemos nos ignorando. Finalmente chegamos.

- Muito obrigada. – falei puxando a maçaneta para abrir a porta.

- Letícia, eu... – Ele parou, respirou fundo e olhou nos meus olhos. Aqueles olhos azuis que pareciam não ter fim. – Sinto muito por você e o Gabriel, na verdade, sinto muito por você, não concordo com o que ele fez. Eu nunca magoaria a Ângela dessa forma e imagino o quanto você deve estar... com raiva dele. – Senti que ele trocou a palavra “sofrendo” por “raiva”.

Ele era amigo do Gabriel, foi em uma festa na casa dos pais do Gabriel que Ângela conheceu o Fernando.

- Tudo bem. Obrigada. – Respondi e logo saltei do carro, sem dar a oportunidade de uma continuidade nessa conversa melancólica.

Em meu apartamento tudo era vazio, meus sentimentos, os cômodos, tudo. Meu telefone, que agora estava no chão, desde que eu decidira me desfazer da mesinha ao lado da porta, piscava o botão de um vermelho alarmado, como se quisesse me avisar para não ouvir as mensagens de voz. Sentei-me no chão ao lado do telefone, respirei fundo e apertei o botão para ouvir o que me aguardava.

-“Você tem nove mensagens”. Nunca em minha vida recebi mais de três ligações em um dia, que não tenha sido no trabalho. “Primeira mensagem: Filha, me liga, estou preocupada”. Respirei aliviada e ao mesmo tempo decepcionada, não queria escutar a voz do Gabriel, mas ao mesmo tempo gostaria que ele tivesse, no mínimo, a curiosidade de saber como eu estava. “Segunda mensagem: Lê, desculpe... eu... sinto muito... vamos conversar?”. Meu coração disparou, aquela voz doce, grossa,

forte sempre me fazia estremecer. “Terceira mensagem: Amor, você está em casa? Atende”. “Quarta mensagem: Letícia, precisamos muito conversar, me liga”. “Quinta mensagem: Me atende, eu preciso falar com você, não é o que está pensando”. Aos poucos as mensagens iam ficando mais urgentes, mais suplicantes. “Sexta mensagem: Letícia, eu preciso que você me escute”. E também mais nervosas, mais precisas. “Sétima mensagem: Me atende, por favor”. Desta vez, um soluço de choro encerrou a ligação. “Oitava mensagem: Saia na janela, o porteiro não me deixou entrar. Estou aqui fora, por favor..”. E então percebi que meu rosto estava molhado, as lágrimas desciam sem obstáculos, eu precisava disso, precisava deixar escorrerem. “Nona mensagem: Fui ao seu apartamento, mas acho que você não estava, deve estar na Ângela, me liga quando chegar. Por favor”. Nesta última mensagem ele parecia mais calmo, talvez tivesse percebido que eu não o estava atendendo por não estar em casa, talvez tivesse a ilusão de que assim que chegasse retornaria suas ligações.

Eu precisava disso, precisava colocar um ponto final, ele parecia estar sofrendo e por mais que merecesse, eu ainda assim, me sentia culpada. Mas culpada por quê? Ele estava errado. De repente, o telefone tocou, e por um lapso atendi sem pensar.

- Alô!
- Letícia? Não desliga.
- O que você quer Gabriel?
- Conversar. Ter a oportunidade de me explicar.
- Ok.
- Posso ir até sua casa?
- Não. Você tem cinco minutos a partir de agora. – Falei friamente.
- Por favor, preciso olhar nos seus olhos. – Disse Gabriel, suplicante. Imagino aqueles olhos me olhando, me tirando de órbita. Eu não podia encará-lo.
- Quatro minutos e cinquenta e dois, cinquenta e um....
- Ta, olha.. Eu não tenho um caso com ela, na verdade, nunca aconteceu nada. Eu te amo. É com você que quero envelhecer. – Sua voz era urgente, como se tivesse muito a dizer e fosse a última chance.

- Preste muita atenção no que vou lhe dizer. – Minha voz, de alguma forma era forte e precisa. – Não quero mais me casar com você. Hoje cancelei tudo do nosso casamento, festa, igreja, bolo, vestido e a casa. Nunca mais me procure, não quero nem te ver. Sei que você não tem um caso com ela, mas você me magoou e essa oportunidade é única, você não terá chance para me magoar de novo. Adeus.

Desliguei o telefone, pensei por dois minutos inteiros, ainda sentada no chão, se havia feito o certo. Mas de alguma maneira eu estava mais leve, mais calma, mais viva.

CAPÍTULO 4

Domingo era um dia que eu normalmente gostava. Mas especificamente esse domingo era um pesadelo. Levantei com o toque agudo do telefone, era minha mãe dizendo que estava a caminho, pois não deixaria que sua filha passasse por um momento complicado como esse sozinha.

Insisti que não estava só, pois tinha amigas, mas nada convence minha mãe super protetora e possessiva. Ao passar pela sala a caminho da cozinha, percebi um papel amarelo dobrado à frente da porta de entrada. Abaixei-me para pegá-lo e ao abrir, reconheci de imediato a caligrafia, nem bonita nem feia, do Gabriel.

Letícia me perdoa, por favor. Percebi que não sei viver sem você. Você é minha vida. Sinto muito se a magoei, mas preciso de uma segunda chance. Nós precisamos ficar juntos. Faça o que você quiser.

Te amo e sempre vou te amar.

Gabriel

Ele não era muito romântico, nunca foi. Muitos de nossos desentendimentos eram por ele ser meio distante cheio de si, nunca me escrever cartas ou mandar flores e bombons. E desta vez, ele prometia fazer o que eu quisesse. Mas o que eu queria? Na verdade o que eu queria ele não poderia fazer. Queria que ele nunca tivesse tocado outros lábios. Tarde demais. Promessas não iam me fazer voltar atrás, ele era um bom advogado, mentia muito bem. Não podia acreditar nele, não quando o conhecia tão bem.

Eu precisava conversar com ele, precisava explicar que não daria certo, não mais, não depois de perder a confiança. Então decidi ligar pra ele, mas é claro, depois que minha mãe fosse embora.

- Filha, sua casa precisa de coisas mais alegres. – Falou a Dona Marta ao passar pela porta.
- Mãe, você mal chegou e já está fazendo suas críticas. - Falei, abraçando-a.
- Não faço críticas, faço apenas observações.
- Ah! – respondi virando os olhos e pegando umas sacolas das mãos dela.
- Leva isso pra cozinha. – Disse ela, com o tom de autoridade de sempre.
- O que é isso? – Perguntei, abrindo a sacola para uma espiada rápida.
- Comida. Comprei no caminho. – Claro, minha mãe nunca cozinha. E eu havia herdado essa falta de dom na cozinha.

- E o papai, não veio?

- Não. Seu pai e a velha mania de não querer sair aos domingos, eu disse que você ficaria chateada, mas você conhece seu pai, parece que a única coisa que importa.... – eu sabia que falar do meu pai, faria com que minha mãe começasse a falar e não parasse mais, então eu poderia só assentir com a cabeça e continuar nos meus profundos pensamentos sobre como encarar o Gabriel sem me perder em suas promessas. À medida que eu imaginava como seria nossa conversa eu sentia calafrios subirem pelo meu estômago e sufocarem minha garganta. E eu voltei à conversa com a minha mãe à tempo. – ...e eu não agüento mais seu pai sem fazer nada o dia todo, depois que ele se aposentou está impossível.

- Mãe, vocês precisam de uma viagem para esquecer os problemas. Olha só estou pagando a viagem que deveria ser minha lua-de-mel, porque você não vai com o papai? Eu não suportaria ir para Gramado sem imaginar uma vez sequer que eu deveria estar casada naquele momento.

- Ah, seria uma boa. Quanto você pagou? Vou te reembolsar.

- Não, mãe, é presente. Pra vocês dois se acertarem. Uma segunda lua-de-mel.

Dar essas passagens aos meus pais me pareceu a coisa mais sensata e correta a fazer, eu iria sozinha ou levaria uma colega do trabalho, já que a Ângela não poderia viajar por causa do bebê, e isso não me faria bem. Só me traria mais lembranças de coisas que eu realmente queria esquecer.

Depois do almoço. Minha mãe insistiu em ver como a Ângela estava, sempre que eu visitava meus pais levava Ângela comigo e eles gostam muito dela. Eu não precisava acompanhá-la nas visitas à família, ela morava com a mãe que aos vinte e dois anos fugiu da casa do marido no interior e veio à São Paulo. Foi abandonada pela família, por ter largado o marido, mesmo sofrendo as agressões dele as famílias da cidadezinha onde ela morava não aprovavam separações. Infelizmente minha mãe não conseguiu visitar a Ângela, ela havia saído com o marido para comprar roupas, já que eu havia prometido acompanhá-la, e não pude pela visita inesperada da minha mãe. Parecia uma eternidade, mas não fazia nem quatro horas que ela estava na minha casa, e então ela se levantou com uma súbita vontade de ir embora. Minha mãe sempre foi muito impulsiva, e isso eu não havia herdado dela, eu sempre pensei muito antes de agir, como o meu pai, às vezes pensava até demais. Ela foi embora me deixando mil recomendações e críticas sobre minha casa, minhas roupas, e até meu cabelo.

Finalmente, sozinha. Agora eu poderia pensar e analisar cada palavra que eu diria ao Gabriel. Mas na verdade o que me afligia não era o que eu diria, e sim o que ele faria, o que ele diria e o pior de tudo – como meus sentimentos me fariam reagir. Ser traída pelos próprios sentimentos era o que realmente me apavorava. Mas uma hora teria que acontecer, e eu preferia que fosse logo, quanto mais rápido menor o sofrimento. Então peguei meu telefone e disquei o número dele, e senti como se houvessem morcegos no meu estômago, se debatendo entre as paredes procurando uma saída. Cada toque fazia com que eles se mexessem mais querendo subir para a garganta, e de repente ele atendeu. Tive um lapso de ação e reação e desliguei o telefone, como uma garota de onze anos ligando só pra ouvir a voz do menino que gosta. Então balancei a cabeça, desacreditando no que havia acabado de fazer e disquei novamente. E dessa vez ele atendeu no primeiro toque e eu respirei fundo.

- Alô? – A voz macia do Gabriel ainda mexia com meus sentidos, precisei de cinco segundos para recuperar o fôlego e poder falar de um modo que ele pudesse entender.

- Oi, sou eu, Letícia. – Respondi ofegante.

- Você!!! Oi. Olha eu... – E antes que ele pudesse terminar a frase já fui falando.

- Precisamos marcar um lugar para conversar. Pode ser naquele restaurante de comida chinesa nesta quarta-feira às dezoito horas? - Me surpreendi ao perceber que não havia planejado nada, talvez por isso tenha escolhido o restaurante em que ele me pediu em casamento, e que era o seu predileto. Mas já estava feito, então só esperei uma confirmação.

- Ok... Te vejo lá !

Não imaginava que ele fosse simplesmente aceitar, sem tentar se explicar, sem questionar, sem ao menos hesitar. Mas já estava combinado, e eu não tinha como voltar atrás. Por um instante me senti triste por ele não tentar se explicar desesperadamente, como eu teria feito. Foi como se ele não estivesse sentindo nada, como se ele estivesse normal, como se nada tivesse acontecido, como se todo o tempo que passamos juntos não tivesse existido. Mas depois coloquei meus pensamentos no lugar e realmente foi melhor assim, seria mais fácil me desprender dele com um sentimento de ódio, por ele não estar se importando comigo, do que se ele estivesse implorando para voltar. Apesar de não ser muito emotiva, acredito que meu coração se derreteria se ele implorasse chorando para voltar.

CAPÍTULO 5

Mais um dia de angústia, segunda-feira já é um dia que demora a passar normalmente. Mas pelo menos eu tenho com o que me ocupar, meu trabalho. Revisar textos para publicar em revistas e jornais, é uma boa maneira de fugir da minha realidade atual. Mas quando as coisas não andam bem, sempre acontece algo para te deixar mais apreensiva. Logo cedo a Marisa me chamou na sala dela, e todos ficaram olhando, não era de costume ela chamar um dos revisadores em sua sala, as reuniões sempre eram feitas em grupo e quando havia algum erro ela se deslocava até a mesa do da pessoa para corrigir. Levantei-me de imediato, minhas pernas tremiam, em três anos nunca havia visto uma conversa com alguém em sua sala sem que o resultado fosse demissão.

- Pois não, Marisa? – Perguntei ao abrir a porta. Ela tinha trinta e sete anos e era encarregada pelos revisadores de textos, sempre muito detalhista re-lia todos os textos que revisávamos.

- Leticia, entre e feche a porta. – Seu olhar era sério e preocupado. E antes que eu chegasse à cadeira ela já foi falando. – Fiquei sabendo sobre seu noivado, sinto muito. – Neste momento me sentei e olhei para baixo, não suportava ver o sentimento de dó nos olhares das pessoas. Dó é o pior sentimento que alguém poderia ter por mim.

- Estou bem. – Respondi ainda sem levantar o olhar para encará-la, não queria prolongar a conversa e estava aliviada por ser esse o assunto e não a minha demissão.

- Que bom que já está tudo bem, você é uma moça inteligente e tem um futuro brilhante pela frente, se ele não soube te valorizar, é um tolo!!! – Sua voz foi um pouco severa, e percebi que ela não sentia dó de mim. Então levantei a cabeça e a encarei nos olhos.

- Obrigada! – Foi a única palavra que consegui dizer.

- Mas não foi por isso que te chamei aqui. – Nesse momento senti uma sensação estranhamente quente subir até minha garganta e voltar para o meu estômago. Engoli em seco e tentei manter a respiração constante. – Na verdade surgiu uma oportunidade e pensei em você.

- Em mim? – Não tive como não deixar a surpresa transparecer nesse momento.

- O Senhor Rafael pediu que eu encontrasse uma escritora para uma nova revista feminina adolescente, ele procura por uma pessoa que tenha facilidade em se expressar com palavras sobre diversos assuntos femininos de uma forma simples e engraçada.

- E você pensou em mim? Meu Deus !!! Eu...

- Venho analisando todos vocês há duas semanas, e você é a pessoa que mais se encaixa.

- Mas e se não der certo? Eu saio daqui, vou pra lá e se eu não atender às expectativas?

- Bem, na verdade, a nossa proposta é de você escrever um texto e vamos entregar ao Senhor Rafael, se ele gostar você vai, caso contrário, você continua revisando os textos. Mas acredito que você vá conseguir atender às expectativas. Uma pena pra mim, pois perderei minha melhor revisadora. Mas por outro lado, sinto que você tem mais a oferecer e as pessoas precisam saber disso.

- Nossa! Eu estou... estou muito lisonjeada! Agradeço muito por ter me indicado, Marisa!

- Não me agradeça! Agradeça a si mesma, e ao seu esforço! Sei que você está passando por um momento difícil, mas preciso que escreva algo para entregarmos ao Sr. Rafael na semana que vem.

- Semana que vem? Assim, tão rápido? Sobre o que vou escrever?

- Não sei, mas passe os seus textos para a Carla terminar de revisar e nesta semana você está de férias, pode escrever na sua casa ou aqui se quiser. O Sr. Rafael me pediu que te entregasse esse netbook para você se sentir à vontade para escrever onde quiser.

- Uau, estou sem palavras.

- Boa sorte! Estou aqui se quiser discutir sobre o que escrever.

- Vou pensar em algo, e com certeza vou querer discutir sobre o assunto. - me levantei e segui para a minha mesa, e antes de passar pela porta me virei. - Obrigada pela oportunidade.

No almoço não conseguia parar de pensar no que eu poderia escrever, fazia tanto tempo que minha mente só pensava em casamento, trabalho, família e até em filhos por causa da minha amiga grávida, que eu não fazia nem idéia do que uma adolescente pensava. Pedi comida chinesa, mas nem comi, percebi que outras coisas ocupavam a minha mente e não mais o Gabriel. Me concentrei nessas coisas. O que posso escrever? Adolescentes, distúrbios alimentares, em busca do cabelo perfeito, que futuro seguir? Eu tinha que falar algo que pudesse me lançar na minha carreira de escritora, eu não estava acreditando que finalmente eu poderia escrever, sempre foi um sonho ser escritora de uma coluna em uma revista ou em um jornal. Eu precisava escolher um tema nunca abordado, um tema onde as garotas poderiam se identificar, um tema que o Sr. Rafael aprovasse. O que eu realmente precisava era de novos ares. Então juntei minhas coisas e fui até a sala da Marisa.

- Marisa, eu vou sair um pouco.

- Você ainda volta hoje?

- Não sei. Acho que não.

- Letícia, você escolhe se quer trabalhar aqui ou na sua casa. Não precisa me dar satisfações. Tecnicamente você está de férias.

- Ok. Mas te deixo informada sobre o andamento e o assunto.

- Combinado.

Decidi dar uma volta em um shopping. Quem sabe eu pudesse encontrar um grupo de adolescentes e discutir sobre a vida delas. Sentei-me em um banco em frente à uma livraria grande que vendia também revistas, filmes e CDs, o movimento da loja foi intenso, muitas pessoas entravam e saíam, os mais diversos tipos. Mães com os filhos, homens de gravata, adolescentes em grupos, casais, pessoas de todos os tipos, de todos os estilos. Até que eu vi uma menina, que aparentava ter uns quatorze anos, entrar na loja com a mãe implorando para comprar um livro sobre a vida do ator internacional Johnny Depp. Me levantei e comecei a andar perto delas. Escutei a menina dizer: “Mãe você não entende, ele é maravilhoso, você nunca viu os trabalhos dele, não é? Por isso você não entende”. Foi então que eu percebi a matéria perfeita, falar sobre o porquê a adolescentes têm a necessidade de ter um ídolo e gastar tanto com objetos, revistas e livros sobre eles. Agora eu tinha que encontrar um título para a matéria, que chamasse a atenção das leitoras e do Sr. Rafael. Me sentei em um dos sofás de leitura que a loja oferecia aos seus clientes, liguei o meu novo netbook e comecei a digitar coisas que vinham à minha cabeça. Eu não escrevia um texto desde a época da faculdade, revisar textos é totalmente diferente de fazê-los, você não precisa se preocupar em organizar suas idéias e ser coerente. Afinal, é muito mais fácil criticar do que se expor às críticas.

Eu não fazia idéia do horário até que um atendente da loja se aproximou e disse que a loja fecharia em cinco minutos. Ou seja, já eram dez horas da noite. Juntei minhas coisas e ao levantar senti tontura e minha barriga roncar, era fome. Fui até a praça de alimentação e comprei um lanche para viagem. Mas não agüentei esperar até em casa e comi no taxi enquanto ia para a casa da Ângela, meu carro já deveria estar consertado.

CAPÍTULO 6

Ao chegar na casa da Ângela, fui recebida com broncas e mais broncas.

- Onde você estava? Estou te ligando desde às duas horas da tarde. Liguei no seu serviço e me disseram que você tinha ido embora logo depois do almoço, já liguei na sua casa um milhão de vezes. – Ela estava enfurecida comigo, nunca tinha visto a Ângela brigar com ninguém.

- Calma. Eu não escutei meu celular tocar. Vamos entrar que eu te conto o que aconteceu. – Mas mesmo assim ela não parava de me fuzilar com o olhar furioso. Entramos e eu a fiz se sentar no sofá, cada vez que eu a via, sua barriga parecia ter crescido mais – Hoje cedo minha chefe me chamou na sala dela dizendo que me indicou para fazer ser escritora de uma nova revista adolescente, ela quer que eu faça uma matéria para apresentar ao dono da revista na semana que vem, mas como eu não sou adolescente faz um tempo, não fazia idéia do que escrever, e então fui ao shopping para pensar em alguma coisa, me empolguei escrevendo que acabei não vendo o tempo passar. Me desculpe, amiga!!!

- Isso é ótimo! Então quer dizer que você ficou o dia inteiro sem pensar no Gabriel?

- Exatamente. E já sei sobre o que vou escrever. Na verdade já estou escrevendo.

- Parabéns!

- Obrigada, mas ainda não consegui o emprego, esse vai ser um artigo de teste.

- Você vai conseguir. Você tem potencial! Fiquei empolgada com a notícia.

- E meu carro? Desculpe não ligar pra saber antes, mas meu dia foi totalmente inesperado.

- O Fernando chegou da academia e foi buscar, daqui a pouco ele chega, é aqui perto.

- Você sabe quanto ficou?

- Não, nem perguntei. Ele paga depois você deposita na conta dele. Você acha que eu fiquei muito gorda?

- Ângela, você está grávida e não gorda. É a grávida mais linda que eu já vi.

- Sei lá, às vezes eu fico imaginando que o Fernando trabalha com tantas moças bonitas, e eu fico tão depressiva.

- Deixa de ser boba. Ele é personal trainer, não fica na academia paquerando as mulheres. - Ele é muito bonito e as mulheres devem dar muito em cima dele. Mas realmente não acredito que ele fique paquerando as mulheres, ele é sempre tão frio.

- O Gabriel não trabalha com tantas mulheres bonitas e acabou beijando a secretária. – Mas ao perceber o que tinha falado, a Ângela ficou tão sem graça que logo se desculpou. – Desculpa, falei sem pensar. Desculpa, eu..

- Não tem problema. Na verdade, você só está com medo que o mesmo aconteça com você. Não tenha medo, ele é tão frio com as pessoas, que as mulheres devem ter medo de chegar perto dele. – eu sorri, esperando que ela fosse dizer algo, mas ela estava tão chateada por ter dito aquilo sobre o Gabriel, que nem falou nada. – Ele te ama. – Completei.

- Sobre o que você vai escrever pra revista?

- Bem, estou escrevendo sobre o porquê as adolescentes gastam tanto tempo e dinheiro idolatrando os famosos.

- É? Legal. E por que elas gastam tanta energia com isso?

- Na verdade, nossos ídolos são pessoas que gostaríamos de ser ou de ter ao nosso lado, são pessoas que julgamos perfeitas, pois só os vemos atuando em filmes, ou dando entrevistas, ou cantando em shows. O que nós não paramos para pensar é que são pessoas comuns, com problemas e

defeitos como todos nós. Mas ainda não terminei, na verdade só fui escrevendo frases distintas e depois vou organizá-las.

- Nossa, você vai conseguir esse emprego, você merece! Sempre gostou muito de escrever. É o emprego perfeito pra você!

- É, é o emprego perfeito. É a mudança que eu precisava nesse momento. Mas ainda é só uma proposta, não tem nada certo, eles podem não gostar.

Logo o Fernando chegou, me entregando a nota fiscal e a chave do meu carro.

- Como eu faço pra te pagar? – Perguntei mudando meu tom de voz, para um tom mais sério.

- Você que sabe. – Disse o Fernando, sacudindo os ombros uma vez. Como sempre, o que eu faria ou fazia era o que menos importava pra ele.

- Posso depositar na sua conta? – Perguntei com voz de tédio olhando para a nota fiscal.

- Vou anotar atrás da nota fiscal os dados da minha conta. – Disse puxando o papel que estava na minha mão, sem nenhuma delicadeza.

- Claro. – Eu disse, lançando um olhar profundo à Ângela, que me devolveu um olhar que eu podia jurar que dizia: Seja boa, ele mandou consertar o seu carro.

- Aqui está. – Ele disse me entregando a Nota fiscal dobrada.

- Obrigada pela atenção com o meu carro. – Respondi como uma criança de cinco anos contrariada pedindo desculpa por algo.

- Não foi trabalho nenhum.

- Bom, vou embora. – Falei me inclinando para me despedir da Ângela.

- Te levo até a porta. – Ela disse, enquanto se preparava para levantar.

- Não, não precisa, fique aí sentadinha.

- Eu fecho o portão, amor. Descanse! – Disse o Fernando se colocando à minha frente à caminho do portão.

- Obrigada mesmo! – Falei, e desta vez, foi bem verdadeiro.

- De nada!

- Vou depositar amanhã. – Falei levantando a Nota fiscal dobrada.

- Sem pressa.

Entrei no meu carro e dei a partida, nunca foi tão bom escutar o ronco do carro, senti uma sensação de conforto inexplicável. Eu dormiria ali, naquele carro aconchegante com aquele barulho, tão familiar.

Cheguei em casa e não havia nenhuma mensagem na secretária eletrônica. O que realmente era um alívio. Tomei um banho lavando meus longos cabelos escuros e me sentei no sofá. Passei alguns canais da TV à procura de algum programa ou filme que me interessasse, mas minha mente não parava de trabalhar no artigo. Desliguei a TV e coloquei o netbook no colo, trabalhei no artigo até adormecer no sofá da sala.

CAPÍTULO 7

Finalmente a quarta-feira havia chegado. Faltou coragem para levantar quando meus olhos se abriram, mas quando meus pés encostaram no chão percebi que estava disposta e muito determinada. Saber que hoje, colocaria um ponto final nessa história toda, e que finalmente essa angústia deixaria meus pensamentos livres, me fazia querer cantar e dançar.

Ainda eram nove horas e eu sabia que o tempo demoraria a passar, fazendo meu coração bater mais forte a cada segundo, ecoando dentro do meu peito. Então resolvi ler novamente minha matéria para a revista, e quando percebi, já eram onze horas, tomei um banho demorado, meus pensamentos giravam em torno dos últimos anos, o dia em que o Gabriel me pediu em namoro, o dia em que me pediu em casamento, mas de repente uma nuvem de dúvidas pairou pela minha cabeça, o dia em que ele saiu mais cedo do aniversário da Ângela dizendo que tinha que preparar uma defesa para o dia seguinte, o dia em que ele me deixou esperando no restaurante para jantarmos e me ligou atrasado dizendo que não poderia comparecer. Desliguei o chuveiro, decidida a cessar esses pensamentos desorganizados e urgentes que brotavam na minha cabeça, como se desligando o chuveiro desligaria também minha mente. E funcionou, uma preocupação tomou conta da minha mente no exato momento em que a água parou de descer pelos meus cabelos. O quê vestir? Me enrolei na toalha e revirei meu guarda-roupas atrás de algo que mostrasse que eu estava bem, e linda. Difícil escolher uma roupa para esse momento, onde a imagem que você quer passar é totalmente confusa, quero mostrar que estou bem, mas que não gostei nem um pouco do que ele fez, quero que sinta arrependimento, pois sou linda e inteligente, mas não quero despertar os desejos dele, quero apenas pôr um ponto final. Qual a roupa certa para um ponto final? Com medo de errar optei pelo simples, calça jeans e uma blusinha preta, sem detalhes, apenas com um decote em V e mangas meia-estação, abaixo dos cotovelos.

Depois dos cabelos secos, a roupa vestida, os sapatos calçados e a maquiagem feita, é hora de sair. Minhas mãos tremiam, as chaves brincavam pelos meus dedos como se estivessem se divertindo com a situação. Decidi ir andando, já que o restaurante fica a dois quarteirões do meu prédio. E meu carro estava na concessionária para uma avaliação do preço, pois decidi seguir o conselho do marido da Ângela, antes que o carro me deixasse na mão de vez.

Ao chegar no restaurante um frio subiu pela minha espinha me fazendo estremecer, respirei fundo e discretamente passei meus olhos pelas mesas à procura do Gabriel. O encontrei sentado em uma mesa distante das outras no canto do restaurante, logo que me viu se levantou, ele parecia muito nervoso e inquieto. Me aproximei, o cumprimentei com um modesto beijo no rosto, e ele me abraçou, sem reação fiquei imóvel como uma estátua. Envergonhado, ele puxou a cadeira para eu me sentar, e então notei uma rosa vermelha no meu prato, sentei-me e agradei a rosa, deixando-a ao lado dos talheres. O silêncio era devastador, cada batida do meu coração doía como se ele não tivesse espaço dentro do meu peito.

- Você está linda. – Disse ele assim que se sentou à minha frente.
- Obrigada. – Respondi, tentando evitar seus olhos brilhantes e profundos.
- Quer pedir o almoço?
- Sim. – Quanto mais rápido terminássemos de almoçar, mais rápido terminaria nossa conversa. Ele chamou o garçom e logo fizemos nossos pedidos, pedi a primeira coisa que vi no cardápio.
- Eu costumava pedir pra você. Lembra? – Disse o Gabriel, totalmente sem jeito, e pelo visto sem assunto.

- Gabriel, vamos direto ao assunto. Nós sabemos por que estamos aqui.

- É... sim... bem, eu quero te explicar o que aconteceu. Eu nunca fiz aquilo com mais ninguém, e nem com ela antes, não sei te explicar, mas aconteceu tudo muito de repente e quando percebi já estava acontecendo, e você chegou. Eu juro que não sinto nada por ela, juro.

- Eu não acredito em você.

- Você tem que acreditar, você precisa acreditar. A gente vai casar.

- Íamos casar, não vamos mais. Já cancelei tudo.

- Não! Você vai casar comigo. – Ele disse em um tom mais alto que o normal e muito possessivo, que me assustou.

- Se você não diminuir o tom da sua voz, eu vou embora.

- Desculpe. Eu não quero te perder.

- Você já perdeu, Gabriel.

E quando ele ia dizer algo, o garçom chegou trazendo nossos pratos, e nessa hora eu já nem me lembrava que havia pedido frango xadrez. E quando o garçom saiu, continuei falando.

- Gabriel, nós nunca mais vamos ficar juntos, não importa se foi uma, duas ou três vezes. Eu não confio mais em você. Não posso viver assim, não quero viver com uma pessoa que eu não confio, como vou viver em paz? Como vou ficar em casa tentando acreditar que você está realmente trabalhando se a minha mente conspira contra meu coração?

- Então você ainda me ama?

- Eu não deixei de te amar. – Admitir isso me deixou vulnerável e um sorriso brotou no canto da boca de Gabriel, mas eu já estava decidida. – Claro que não deixei de te amar, mas meu orgulho excede meu amor. Nunca mais serei feliz ao seu lado.

- Não é verdade, eu posso recuperar sua confiança em mim. Acredite, lute contra isso. Me ajude, por favor. – Seus olhos encheram de água e sua voz era suplicante.

- Acabou, Gabriel. Se coloca no meu lugar, se você tivesse me visto com outro homem, você estaria comigo ainda?

- Sim. – Ele respondeu de cabeça baixa. Sua voz rouca. Apesar de ele sempre ter facilidade em mentir, essa era uma pergunta que exigia uma resposta verdadeira.

- Claro que não. – Respondi indignada com a resposta dele.

- Olha, você não sabe o que eu estou sentindo. Eu me arrependo muito de ter deixado me levar por um momento. Foi... foi apenas um momento. – E as lágrimas invadiram seu rosto como se as barragens de uma represa tivessem acabado de serem abertas.

Minha vontade foi de acalmá-lo, tê-lo em meus braços e prometer que nada atravessaria nosso caminho, mas algo em mim, que eu não consigo explicar, me fez levantar em um salto.

- Eu já disse tudo o que tinha a dizer. – Minha expressão era severa, como se desse uma bronca em uma criança.

- Espera. Por favor. – Seus olhos esverdeados, molhados, me suplicavam para esperar, conversar, abraçar...

- Não. Chega, a c a b o u !!! – Peguei minha bolsa, que estava pendurada no encosto da cadeira, parei em frente à cadeira dele, apoiei minha mão em seu ombro e disse em tom claro e alto. – Eu não queria que fosse assim, não queria brigar com você, mas não tenho escolha, esse relacionamento nunca vai dar certo, pois não confio mais em você. Desista!

- Por favor...

Ignorei qualquer palavra que pudesse sair de sua boca. Caminhei lentamente em direção à porta,

com um sentimento de triunfo que não gostaria de ter sentido, não me importava se ele estava sofrendo, mas vê-lo triste me fez sentir uma sensação lamentavelmente boa. Não era certo ficar feliz com o sofrimento dos outros, mesmo que essa outra pessoa o tivesse feito sofrer também. O pouco tempo que fiquei no restaurante foi suficiente para que uma chuva se formasse, e gotas largas começavam a cair. Mas não me intimidou, já havia decidido voltar andando para minha casa. E foi quando virei à esquina que a chuva realmente começou, não trovejava nem relampejava, mas a chuva era forte e apertava contra o chão, se misturando com as lágrimas que desciam desenfreadamente, que meus olhos não eram capazes de contê-las. Diminui meus passos, sentindo cada gota que escorria pelos meus cabelos, meu rosto, minhas roupas, desejando que todos os meus pensamentos, sentimentos, angústias, medos, fossem embora com a chuva. E a cada passo, me sentia mais leve, sentia que meu corpo queria parar e apreciar esse acontecimento tão deslumbrante, as pessoas passavam por mim apressadas, com guarda-chuvas algumas correndo sem proteções, mas eu estava maravilhada. As pessoas me olhavam estranhamente, tentando imaginar o porquê eu não estava correndo para me proteger. Continuei, sem olhar para as pessoas, andando lentamente, me concentrando apenas nas gotas que me atingiam. À cinquenta metros do meu apartamento a chuva finalmente cessou, me deixando apenas a sensação de que, se eu tentasse, eu poderia voar, pairar no ar com um simples movimento. Toda culpa, medo, dor, sofrimento, todo e qualquer sentimento relacionado à essa fase da minha vida, tinha simplesmente desaparecido, estranhamente da mesma forma que a chuva começou sem avisar e terminou de repente. Eu me sentia de alma lavada.

CAPÍTULO 8

Ao chegar em casa, percebi que estava frio, mais frio do que eu realmente estava sentindo. Minha secretária eletrônica piscava ininterruptamente o botão vermelho indicando uma nova mensagem, que provavelmente deve ser do Gabriel suplicando para eu lhe dar mais uma chance, talvez em uma frenética busca por qualquer sinal de fraqueza da minha parte. Pressionei o botão e comecei a tirar minhas roupas molhadas atirando-as no tanque, quando percebi que não era uma mensagem do Gabriel e sim da Marisa.

“Letícia, revisei seu texto. Fiquei tão impressionada com sua forma simples e cativante de escrever, que nem esperei decidirmos um título, enviei ao senhor Rafael. E ele ADOROU!!! Pedi que você viesse amanhã bem cedo para acertarmos os últimos detalhes da sua promoção, um título para a sua primeira matéria e um nome pra sua coluna. Parabéns, mulher!!! Até amanhã.”

Meu dia não tinha como melhorar, estava perfeito. Eu estava no auge da minha felicidade, impossível ficar melhor. Até que o telefone tocou, agora sim deveria ser o Gabriel.

- Alô. – Atendi com uma voz de incerteza, por não saber ao certo se deveria atender.

- Letícia? É o Fernando, marido da Ângela. – Como se ele precisasse se identificar, durante um ano, que a Ângela morou comigo, eu cansei de atender a seus telefonemas – Eu esto ligando pra te avisar que estamos no hospital.

- O que aconteceu? – Perguntei, sentindo minha garganta se fechar.

- Ela estava com muita dor de cabeça, não me explicou direito o que estava sentindo. Parecia bem atordoada. Já faz um tempo que os médicos estão com ela, achei que você gostaria de saber.

- Claro, obrigada. Já estou saindo de casa, te encontro em 20 minutos.

- Letícia, você não precisa...

- Claro que preciso, ela é minha amiga, quase uma irmã. A única família próxima que eu tenho.

- OK.

Desliguei o telefone e corri para o guarda-roupa à procura de uma roupa seca, adeus banho quente! Peguei uma calça jeans e a primeira blusinha que encontrei, coloquei nos pés tênis sem me importar com as meias, amarrei meus cabelos ainda molhados, em um rabo de cavalo no alto da minha cabeça. Peguei uma blusa de lã, e comecei a procurar a chave do meu carro. E então me lembrei que ele estava na concessionária. Peguei o telefone e chamei um taxi.

No hospital, Fernando me aguardava logo na porta de entrada, percebi o desespero em seus olhos – a primeira prova de amor que notei, da parte dele.

- Como ela está?

- Não sei ainda, os médicos não dizem nada. – Seus olhos não fitavam nada, parecia desorientado com a falta de informações.

- Você já perguntou a alguém? Temos que exigir uma informação. – Falei, andando em direção à recepção. No instante em que consegui a atenção da recepcionista, um médico passou pela porta se dirigindo ao Fernando. Ignorei-a, e caminhei até eles.

- O senhor é o marido da Ângela? – Perguntou o médico.

- Sim. Como ela está?

- Está bem, está sedada, podemos conversar no meu consultório? – Sugeriu o médico apontando com a mão um corredor do outro lado da recepção.

- Posso ir junto, eu sou... a irmã dela. – Perguntei, assustada. Por que o médico não queria dizer ali mesmo? Deveria ser algo grave.

- Se o senhor não se importar... – Disse o médico, se dirigindo ao Fernando.

- Claro que não me importo. – Respondeu, sem nem olhar pra mim.

- Obrigada. – Falei baixinho.

A sala do doutor, era cheia de palhaços coloridos pintados na parede, havia um armário de quatro portas de mais ou menos um metro e vinte com vários brinquedos e pirulitos em cima. A mesa de madeira com muitas coisas coloridas em cima, um convite para as crianças, percebi que ele acompanhava toda a gravidez e a infância das crianças. Na mesa, havia uma placa, com uma letra muito bonita gravado “Doutor Moisés”. Ele fez um gesto para nos sentarmos, e logo sentou à nossa frente. Meus olhos lacrimejavam, meu coração disparado, minhas mãos geladas, na minha mente muitas coisas se passavam. E então, o doutor respirou fundo e começou:

- Fernando e...

- Letícia. – Respondeu Fernando, rapidamente. Acho que ele queria que o médico acabasse logo com o suspense, tanto quanto eu.

- Fernando e Letícia, gostaria de saber se a Ângela já teve algum tipo de depressão, trauma, síndrome, se há algum caso na família. Vocês sabem me responder?

- Não, não que eu saiba. Ela sempre foi muito feliz, muito intensa. – Respondi, sem parar para pensar.

- Você já a viu triste? Muito triste?

- Sim, já. Quando a mãe faleceu, há um ano. Mas ela nunca deu indícios de depressão, ficou triste, sem fome, sem vontade de sair de casa, mas acredito que ela superou muito bem, até melhor do que eu seria capaz.

- É, doutor, ela tem razão. A Ângela nunca deu indícios de depressão. – Disse Fernando, confuso com a pergunta do médico.

- Veja bem, - disse o médico, cruzando os dedos das duas mãos sobre a mesa – as pessoas depressivas não dão indícios, um dia faz uma tentativa de suicídio, e na maioria das vezes conseguem o que querem.

- O que o senhor quer dizer com isso? – Perguntou Fernando, ainda confuso, evitando encarar os olhos do doutor.

- Bom, vou falar sobre a situação que encontrei a Ângela. Ela chegou com dores insuportáveis na cabeça, dizendo coisas sem sentido, ria, chorava, cantava, gritava, e repetia várias vezes: “A lua tem o poder de enlouquecer as pessoas”. – Fiquei chocada com a informação recém chegada à minha mente, não conseguia imaginar essa situação. E ao olhar para o rosto do Fernando, percebi que ele estava tão chocado quanto eu. – Por isso perguntei se há algum caso assim na família da paciente.

- Não sei. – Respondeu Fernando, dirigindo o olhar na minha direção, esperando que talvez eu pudesse ter alguma resposta concreta.

- Não sei também. Na verdade, acho que nem ela deve saber. A mãe dela fugiu de casa com ela, ainda bem pequena, porque o marido era muito agressivo. Nunca tiveram contato com a família. Ela nem se lembra do rosto do pai, não deve saber de nenhum histórico familiar com essa... – era difícil dizer a palavra “doença” em voz alta, era como assumir que minha melhor amiga estava doente e isso apertava meu coração. – ...como esse. – completei, amenizando a frase que agora queimava na minha mente. O ardor era insuportável, tão insuportável quanto saber que não havia nada que eu pudesse fazer.

- Vocês não são irmãs? - o médico perguntou confuso.

- Na verdade não, quando vim para São Paulo fui praticamente adotada pela mãe dela, então é

como se fossemos irmãs.

- Doutor, o que podemos fazer? Qual a gravidade? Isso vai passar? – Notei que as perguntas saíam da boca dele conforme se formavam em sua mente, desordenadas em busca de respostas.

O médico respirou fundo, olhando atentamente nossos rostos preocupados, e então respondeu calmamente.

- Ainda não sabemos, por isso é tão importante saber se há incidências como essa na família.

- A mãe dela nunca apresentou nenhum problema como esse. Acho que não deve haver... – O médico abriu um sorriso no canto da boca como se estivesse detectando alguma ação da minha parte, mas me calei.

- Veja bem Letícia. Certo?

- Sim.

- A mãe dela pode não ter esse problema, mas o pai poderia, os avós poderiam. E ainda assim, ela estaria suscetível à essa doença. Você me disse que o pai dela era agressivo?

- Sim, por isso a mãe dela fugiu de casa.

- Pode ser que ele apresente essa doença. Então ela pode ter herdado do pai.

- Mas o pai dela não era doente, ele era agressivo. – Falou Fernando, após um longo período apenas observando a minha conversa com o médico.

- Uma pessoa nessas condições pode ser agressiva, ela vê coisas que não estão acontecendo, sente coisas que só eles podem explicar.

- Entendo. – Respondi mecanicamente. – O que podemos fazer?

- Vamos deixá-la em observação esta noite.

- Posso ficar com ela? – Perguntou Fernando, com a voz rouca que notavelmente percebia que sua garganta estava seca.

- Não, pra ela ficar em observação é melhor que esteja afastada de emoções. No momento está sedada, vai tomar consciência entre quatro ou cinco horas. Precisamos avaliar todas as reações dela.

- Mas vou ficar na sala de espera, qualquer coisa que acontecer, doutor, por favor me avise.

- Ok. Vamos observar. Qualquer coisa que vocês lembrarem, alguma história, algum fato – disse o médico me olhando desconfiado, como se eu soubesse de alguma coisa e não quisesse contar – me avisem com urgência.

Saímos da sala do médico completamente abalados. Ao chegar na sala de espera, ele se sentou automaticamente em uma poltrona em um dos cantos da sala afastada da TV que passava um filme com o volume muito baixo. Me sentei ao sofá verde escuro que estava ao lado da poltrona que ele havia se acomodado.

- Eu vou ficar também. – Falei quebrando o silêncio que, apesar de ser bem comum entre nós, desta vez era angustiante.

- Não precisa ficar. Pode ir descansar. Você deve ter tido um dia difícil. A Ângela me falou que você foi conversar com o Gabriel hoje... – Disse ele, olhando fixamente para baixo.

- Não, eu vou ficar. Ela é minha amiga, a única “família” que tenho por perto. Preciso ficar do lado dela. Ela é minha irmã, entende?! – Meus olhos encheram de água, era verdade que meu dia havia sido carregado de fortes emoções, acabara de terminar por completo um noivado com a única pessoa que havia me relacionado, minha melhor amiga, quem eu realmente amava como uma irmã estava passando por uma situação complicada em que eu não tinha nenhuma possibilidade de ajudá-la. Minha vida estava escorregando pelos meus dedos, diante dos meus olhos, e eu não podia fazer nada para segurar. Quando percebi estava aos prantos, eu não tinha controle nem sobre as lágrimas

que escorriam dos meus olhos, nem sobre os soluços que escapavam pela minha garganta. E então ele se levantou, sem pronunciar nenhuma palavra nem ao menos um som, andou até um canto da sala onde havia um balcão com café, umas bolachas em potes de vidros coloridos e um filtro de água. E logo estava ao meu lado me oferecendo em silêncio um copo de água. Aceitei, acreditando ser a única forma de conter meu estado emocional. Ainda sem ao menos olhar nos meus olhos ele se sentou ao meu lado no sofá, e passou o braço em torno dos meus ombros. Fiquei parada, não tive reação alguma, nunca tivemos contato físico, sempre nos cumprimentávamos de longe, exceto em aniversários e natal, e mesmo assim o contato era discreto e sem jeito. Ele não parecia estar sem jeito, parecia normal. O choque me fez parar de chorar, e então me recompus. Mas ele continuou apoiado nos meus ombros. Não me mexi, segurei o copo vazio passando o dedo indicador na borda, ele não estava apenas me acalmando, ele estava se acalmando. Seria esse o início de alguma amizade? Será que só quando sofremos conseguimos nos dar conta do quão infantilmente agimos? Será que só quando temos um propósito em comum conseguimos deixar de lado nosso orgulho? E então percebi que eu estava contrariando tudo o que eu pensara dele, ele podia ser romântico sim, e podia ser tudo o que a Ângela dizia, eu só não conseguia enxergar, porque tinha a necessidade de protegê-la.

De repente, como se ele pudesse ouvir meus pensamentos, ele se levantou depressa e começou a andar de um lado para o outro da longa e fria sala de espera.

- É melhor você ir embora, está muito frio e ouvi falar que esta será a noite mais fria do ano.

- Não vou embora. – falei me levantando para encará-lo nos olhos – Vou ficar aqui até os médicos deixarem ela ir embora. E estou sem carro. – Completei, voltando a me sentar.

- Seu carro está quebrado de novo? Já falei pra você vender aquela porcaria, ele ainda vai te dar muito prejuízo.

- Não. Ele está na concessionária para avaliação do preço. Vou trocar por um modelo mais novo. E ele não é uma porcaria ! - Pronto, aí está o verdadeiro Fernando.

- Finalmente me escutou? – Disse ele com um sorriso de vitória no canto da boca.

- Sim, você é homem, deve entender mais desse assunto que eu, certo?

- Vamos, eu te levo pra sua casa. Preciso pegar uma blusa pra mim.

- Não vou ficar em casa. Vou ficar aqui. – Repeti, me sentindo uma criança mimada e teimosa.

- Letícia, – disse ele segurando meus cotovelos e olhando no fundo dos meus olhos – eu prometo que se acontecer alguma coisa, qualquer coisa você será a primeira a saber.

- Fernando, eu não quero ir embora, quero ficar aqui, quero estar do lado dela, eu sei que vocês estão casados e que ela não precisa que eu esteja aqui, mas eu preciso estar perto dela, preciso tê-la ao meu lado. Não estou esperando que ela precise de mim, sou eu quem precisa dela, entende? – Meus olhos voltaram a encher de lágrimas, mas fui forte e não deixei as lágrimas tomarem conta de mim.

Os olhos dele me fitavam de um jeito que eu nunca tinha visto, nunca recebi um olhar daquele, compaixão, talvez pena por eu não ter uma família próxima. Nesse momento percebi que uma grande amizade nasceria dessa situação ruim. E então, ele me soltou e começou a andar em direção à saída do hospital. Mas eu não o acompanhei, fiquei parada em pé, apenas o acompanhando com os olhos.

- Vamos! – Disse ele, em um tom mais alto que o normal.

- Eu vou ficar. – Respondi confusa, ele sabia que eu não iria para a minha casa.

- Precisamos pegar uma roupa mais quente pra você. Ou você vai congelar no frio desta noite. Você nem está de meia.

Olhei para meus pés, que nível de observação! O segui até o carro, sem dizer nenhuma palavra. Minhas pernas tremiam com o vento gelado que soprava no estacionamento do hospital. Senti minha coluna se encurvar tentando conter o frio que eu sentia. Chegamos à frente do meu prédio sem pronunciar nenhuma palavra, estávamos com o pensamento longe daquele carro.

- Vamos fazer da seguinte forma: Enquanto você se troca eu vou pra minha casa buscar algumas roupas pra Ângela, e volto pra te buscar.

- Eu não vou cair nessa. Você não vai voltar pra me buscar.

- Claro que vou. Prometo!

- Não, você vai descer comigo, e depois passaremos na sua casa. Até parece que você saberia escolher uma roupa pra Ângela. – Falei, debochando, para amenizar o clima pesado que estava dentro do carro.

- Ok, mas vamos ser rápidos.

Descemos do carro e corremos para a entrada do prédio, contra as gotas leves de chuva que o vento soprava nos nossos rostos. Ao subir as escadas, tive uma surpresa muito desagradável. O Gabriel estava sentado à porta do meu apartamento. Minha primeira reação foi parar, e o Fernando que vinha logo atrás de mim, distraído, trombou em mim, e logo parou ao meu lado esperando minha reação.

- Leticia, você precisa me escutar. – Disse o Gabriel se levantando e andando em direção a mim.

- Não! – respondi mais alto do que devia – Chega! Não quero mais ouvir. Acabou!

- Leticia, por favor... – Seus braços agarraram os meus mais forte do que deviam, seus olhos implorando o perdão, e então seu rosto se aproximou, sua boca perto da minha, o hálito quente. E por uma fração de segundo, tive a vontade de beijá-lo. Me senti traída por meus sentimentos.

- Me solta. – Pedi, me recompondo e puxando meus braços, tentando me libertar, sem sucesso.

- Não! Você me quer, eu sinto.

- Não, Não quero. – Respondi, puxando meus braços com mais força. – Me solta.

- Não, eu... – Fernando colocou uma mão no peito do Gabriel, sem empurrar, apenas como um aviso.

- Gabriel, é melhor você ir embora. Sou seu amigo, e por isso estou pedindo que você se afaste dela antes de forçar uma situação desconfortável a todos nós.

- Você vai voltar pra mim. – Ele cuspiu as palavras bem próximo do meu rosto e caminhou lentamente em direção à escada, passando as mãos nos cabelos, sem olhar para o Fernando.

Procurei na minha bolsa as chaves e abri a porta o mais rápido possível.

- Obrigada. – Falei ao Fernando sem olhar seu rosto.

- Ele tem vindo muito aqui? – Ele perguntou sério, com um tom de preocupação.

- Não, essa foi a primeira vez depois do dia em que eu peguei... – Fiz uma pausa. Ainda era doloroso dizer que ele estava tendo um caso com outra mulher. – Por quê?

- Porque ele estava estranho. Se ele voltar, sugiro que faça um boletim de ocorrência contra ele.

- Você acha que ele seria capaz de fazer alguma coisa?

- O ser humano é surpreendente, nunca se sabe o que esperar.

- Mas você realmente acha que ele teria coragem de fazer algo contra mim?

- Melhor você se trocar logo e pegar uma manta pra se cobrir se quiser mesmo passar a noite no hospital.

Eu sabia que ele estava se esquivando da pergunta, afinal, foi o Gabriel que apresentou a Ângela

pra ele. Mas ele tinha razão devíamos nos apressar. Coloquei uma jaqueta por cima da minha blusa, peguei uma meia e enfiei na bolsa, peguei uma manta, um pacote de bolacha e uma garrafa de água e seguimos para a casa dele. Não sei dizer se ele notou que o Gabriel estava dentro do carro do outro lado da rua. Ele devia estar esperando o Fernando ir embora. Talvez ainda quisesse aproveitar que o porteiro da noite ainda não sabia que havíamos terminado e permitiria que ele entrasse novamente.

Enquanto ele se trocava no banheiro, fui até o guarda-roupa da Ângela e escolhi umas roupas de frio pra ela, coloquei encima da cama enquanto procurava uma mala. Quando ele entrou no quarto e pegou as roupas nas mãos.

- Essa não cabe mais, essa aperta os seios dela e essa fica curta. – e foi atirando as roupas encima da cama novamente. – Achei que você fosse fazer as malas da sua amiga?

- Eu ia... – Respondi sem graça. E então percebi que ele não estava apenas do lado dela, como eu imaginava, mas ele realmente prestava atenção nela e nas coisas dela. Me senti mal por ter sido tão preconceituosa com ele. – Você tem razão, o ser humano é surpreendente.

- Como assim?

- Nada. Vou pegar uma manta pra você.

- Tem uma no sofá. É só dobrar. – Ele respondeu, colocando as roupas que ele pegou no armário cuidadosamente dentro da mala.

Chegamos no hospital por volta das seis horas da noite. Procuramos pelo médico, ele disse que ela ainda estava sedada e não podia nos dar nenhuma informação ainda. Comemos em uma lanchonete perto do hospital e voltamos para a sala de espera, fria e vazia.

CAPÍTULO 9

Abri os olhos devagar, uma luz bem fraca entrava pela janela, o sofá de couro verde desbotado estava colado no meu rosto. O frio ainda predominava o ambiente. Levantei minha cabeça me ajeitando no sofá e percebi que eu havia dormido tempo demais, coloquei a manta de lado me preparando para me sentar, e notei que eu estava com as duas mantas. Imediatamente olhei para a poltrona em que o Fernando se acomodara na noite anterior e estava vazia. Eu estava sozinha na sala de espera. Me levantei e andei até a recepção onde havia uma moça muito magra de aparência cansada, com os cabelos pretos presos no alto da cabeça em cachos que desciam até os ombros, ela estava ao telefone. Quando me aproximei dela, escutei a voz do Fernando, olhei pelo corredor e lá estava ele, conversando com um médico. Me aproximei calmamente, com os braços cruzados e os ombros curvados pela rajada de vento frio que entrava pela porta da recepção. Quando cheguei perto dos dois, o doutor se despediu e partiu para o fundo do corredor, passando pela porta restrita aos médicos.

- O que o médico disse? – Perguntei aflita, ainda com a voz rouca.
- Disse que vão fazer alguns exames com ela, e que aparentemente ela está bem.
- Podemos vê-la?
- Não, ele não quer afetar o emocional dela até ter certeza de que ela está bem. Ele precisa conversar com o doutor que atendeu ela ontem, no estado crítico. Ele marcou uma reunião com outro neurologista e com o doutor Moisés para as dez horas.
- Nossa, esqueci da reunião. Que horas são?
- Sete e quinze. Que reunião?
- A reunião da revista, do meu artigo. – comecei a andar de volta à sala de visitas para pegar minhas coisas, resmungando em voz baixa. - Preciso estar lá às oito horas. Meu carro? Minha roupa! Não vai dar tempo.
- Hey, Letícia. Calma! Eu te levo. – Disse ele em voz alta, aumentando a velocidade dos passos para me alcançar.

No caminho até a minha casa consegui explicar para a Marisa o que havia acontecido e alteramos o horário da reunião para as nove horas.

- Chegamos! - Falou Fernando e começou a descer do carro.
- Você não precisa descer. Serei rápida!
- Eu vou descer. Depois de ver o Gabriel aqui ontem, preciso me certificar que ele não está lá de novo.

Apenas concordei com a cabeça, seria inútil discutir com ele, e no fundo eu também estava com medo de encontrar o Gabriel de novo. O Gabriel não estava na minha porta, mas ao abri-la notei um papel dobrado no chão. Peguei o papel e coloquei na mesinha da sala. Me troquei rapidamente e ao voltar na sala Fernando me olhava sério com o papel na mão.

- Você precisa ir na delegacia. - Essas palavras me pegaram de surpresa, e pelo olhar que ele me lançava, aquilo era muito sério.
- Do que você está falando?

Ele estendeu o papel para que eu lesse. Eu nem precisava olhar caligrafia para saber quem tinha escrito aquele bilhete.

Letícia você não pode fugir de mim, você será minha de novo. Nós vamos nos casar, nem que seja a última coisa que farei na vida.

Gabriel

- Fernando, ele está desesperado, mas ele não é um assassino. Não vou dar queixa na polícia por causa de um bilhete desse.

- Ele está te ameaçando! - Ele gritou, e dei um passo pra trás.

- Ele está desesperado, não está pensando. Ele nunca encostou um dedo em mim, nunca nem se quer gritou comigo. Não tenho motivos para acreditar nessa ameaça. - Amassei o papel e atirei sobre a mesa. - Vamos!

Ele me seguiu, eu sabia que ele estava contrariado, mas não disse nenhuma palavra. Cheguei à editora quinze minutos antes de a reunião começar. Tomei um café com a Marisa, tentando me acalmar, pois nunca havia sido avaliada, que não fosse na faculdade onde todos estavam aprendendo, e errar era normal. Apresentar um texto a um senhor que está no ramo há 30 anos, que lançou ótimos jornalistas, e já leu de tudo, dava a impressão que nada do que eu pudesse ter escrito chamaria a atenção dele. Não havia novidade no que eu havia escrito, eu sou apenas uma novata.

Ele apareceu, e estendeu a mão com um sorriso para me cumprimentar. Aquele senhor era a pessoa mais simpática que eu já conheci. Apenas com um aperto de mão ele me passou toda a tranquilidade que eu precisava.

- Essa moça se empolgou com o brinquedinho que deixamos na mão dela! – disse ele, virando-se para Marisa.

- Pois é, eu disse ao senhor que ela daria conta. – Disse Marisa, piscando para mim.

Senti meu rosto corar e minhas mãos congelarem, sorri e desviei meu olhar para o lado me dirigindo à sala de reuniões.

- Bom dia. – Disse o Sr. Rafael, aos outros que já estavam na sala. E enquanto se sentava continuou. – Senhores, essa é a Letícia, que está completando nosso quadro de funcionários da nova revista desta editora. Ela fará as matérias, que gosto de chamar de matéria-texto. São matérias que não incluem entrevistados, nem tem um assunto principal a ser seguido sempre, cada revista um novo tema, claro que relacionado ao público. A primeira matéria dela já está pronta, e está ótima, fala sobre ídolos, porque os adolescentes tem ídolos e colecionam matérias, fotos e reportagens sobre eles. Eu achei ótima!

- Mas Senhor, ela não seria responsável pela coluna da revista? – Perguntou uma moça bem magra de cabelos louros e ondulados até os ombros.

- Sim, mas quando li a matéria que ela fez adorei, e decidi aumentar de uma coluna para uma página inteira. – Disse ele, com um ar de quem não deve explicações à ninguém, e então se virou para mim. – Letícia, nossa revista se chamará ENCARTE e será quinzenal, com uma semana de antecedência você deve enviar sua matéria ao redator Carlos. – Disse, apontando para um rapaz com os cabelos arrepiados mais longos que o normal que acabavam ficando emaranhados, o rosto fino e os olhos grandes, se eu não soubesse que ele era redator diria que tem 18 anos. Ele abriu um sorriso, parecendo ouvir meus pensamentos. E então o Sr. Rafael continuou. – Acredito que essa será uma parceria perfeita, ele tem ótimas idéias de escrita para diversos assuntos, ele sempre enxerga todas as maneiras possíveis de transmitir um assunto ao leitor. A Rafaela decide quais as cores das páginas, e o Carlos Eduardo faz os desenhos, eu os chamo de decoradores. Essas são as pessoas que trabalharão diretamente com você. Faremos uma estréia na noite anterior à primeira edição da revista

no Pallace Flowers Hotel, você tem direito a levar um acompanhante e os convites serão entregues a vocês até o final desta semana. Você não precisa comparecer aqui todos os dias, porém todas as quartas-feiras temos reunião de edição às dez horas. Você marca seus horários com o editor e com os “decoradores”. Alguma dúvida?

- Não. Está perfeito. – Respondi envergonhada, me sentindo o centro das atenções.

- Com o tempo você vai conhecer o resto da equipe ENCARTÉ. – Disse o Sr. Rafael sorrindo.

A reunião durou três horas, muitos assuntos foram tratados, a minha matéria era a única que estava pronta. Percebi que eu deveria escrever sempre que tivesse alguma ideia, e não esperar as reuniões para decidir os assuntos, seria bom ter uma matéria extra para alguma emergência ou bloqueio de idéias posteriores. A reunião foi esclarecedora, tive muitas ideias boas e consegui perceber cada tipo de pessoa que havia na minha equipe, com quem poderia contar e quem não me ajudaria em hipótese alguma. Fiquei um pouco chateada quando o Sr. Rafael disse que não seria o chefe de edição desta revista, foi então que percebi que ele é um dos maiores acionistas da editora e que estava participando da reunião apenas porque era a primeira edição. Ele nos apresentou à Márcia que estava sentada na outra ponta da mesa, uma mulher baixa de cabelos bem escuros com óculos de armação laranja, roupas modernas e as unhas pintadas de azul. Mas foi só quando ela começou a expor as suas ideias que percebi porque ela seria a chefe de edição, ela tinha ideias jovens e paixão pelo que fazia, ela era perfeita para o cargo.

Saí da reunião ao meio dia, liguei para o Fernando e ele me informou que estava em casa com a Ângela. Ela já havia recebido alta e estava muito bem. Peguei um taxi e fui direto pra casa da minha amiga.

CAPÍTULO 10

Ao chegar na casa da Ângela, o Fernando veio abrir o portão para eu entrar.

- Como ela está? – Perguntei.

- Está muito bem. Nem parece a mesma de ontem.

- O que será que aconteceu com ela? Você acha que é genético, não seria bom irmos atrás da família dela para descobrir algo?

- Não! – Disse ele de imediato.

- Desculpe. – Respondi por impulso.

- Ela não quer que eu vá. Conversei com ela e ela disse que se lembra muito pouco do pai, mas não gosta nem um pouco do que lembra. E quanto à família da mãe, eles nunca quiseram saber dela, e ela não quer saber deles. Forcei um pouco a barra, mas ela começou a se alterar então parei. Não diga nada sobre esse assunto.

- Ok, mas se eu fosse atrás, ela não ficaria brava com você. – Sugeri esperando um apoio da parte dele.

- Não! Eu prometi a ela que não deixaria ninguém desenterrar o passado dela. Você não vai! - a voz dele baixa e imponente deveria me fazer calar, mas eu nunca me calava, principalmente quando queriam me forçar a fazer algo que eu não queria.

- Mas Fernando, precisamos saber, será bom pra ela. Ela pode iniciar um tratamento e...

- Não! Já está decidido! – Ele respondeu ríspido. – Vamos entrar, ela está te esperando.

Ele seguiu entrando na minha frente, passei pela porta sentindo-me mal pela conversa, parecíamos estar nos entendendo muito bem, mas de repente ele voltou a ser aquele homem sem sentimentos de antes. Quando cheguei à cozinha, Ângela já havia começado a comer. Quando me viu, levantou-se rapidamente e veio em minha direção com os braços abertos. Não consegui disfarçar a tristeza, mas a abracei com muita força como se pudesse a proteger pra sempre.

- Lê, obrigada por tudo! O Fernando me contou que ficou muito preocupada, e que o ajudou bastante. Não precisa ficar preocupada comigo, estou bem.

- Conversaremos mais tarde. Você precisa comer. - Falei me sentando e apanhando o prato para me servir.

- Ok. Mas me conta como foi a reunião, o que acharam da sua primeira matéria?

- Adoraram. Já me contrataram, sou parte da Revista. Você não faz idéia de como é tudo diferente, sei que as cobranças serão duras, mas estou tão empolgada. Tenho várias ideias. - Eu precisava levar a conversa a um nível mais alegre, estávamos comendo. Eu precisava conversar e queria conversar mais tarde com a minha amiga, sem o marido super protetor.

Fernando saiu para trabalhar logo quando acabamos de almoçar. Com meu horário flexível no trabalho, decidi que passaria a tarde com a minha amiga. Nos sentamos lado a lado no sofá da sala. Ela mudava de canal como se procurasse algo interessante para assistir.

- Ângela, precisamos conversar! – Falei, virando meu corpo, de modo que pudesse olhar em seus olhos.

- Lê, já disse que você está perdendo tempo ficando preocupada com isso. – Ela disse, desviando os olhos para a janela.

- Ângela, você é minha família mais próxima, sempre fui sincera com você. E se você não for sincera comigo e me responder tudo o que tenho pra te perguntar, vou embora agora.

- Ok. - Ela disse desligando a TV e virando-se para me encarar.

- Bem, primeiro quero saber tudo o que aconteceu, o que você sentiu, cada detalhe, cada pensamento, cada sensação. É muito importante que você me conte tudo.

- Por que você quer saber os detalhes? Foi só um momento de estresse. Muitas coisas na cabeça, muitos problemas.

- Ângela, eu quero saber o que você tem.

- Já disse: estresse.

- Tudo bem, então vou embora. – Disse me levantando lentamente.

- Não! Fique, por favor! - ela agarrou meu braço, e voltei a me sentar.

- Eu preciso saber o que está acontecendo com você. Eu me sinto tão impotente.

- Está bem. Vou te contar. – Disse Ângela, puxando minha mão para o seu colo. – Eu estava no quarto da Gabi, arrumando umas roupinhas na gaveta da cômoda, quando comecei a pensar coisas...

- Coisas? Que coisas?

- Não sei, muitas coisas ao mesmo tempo, numa velocidade muito grande, momentos da minha vida, desde que fiquei grávida. Eu estava confusa, me sentei no chão, e coloquei as mãos na cabeça desejando que parasse. Não consegui ver mais nada, só meus pensamentos e sentimentos, eu sentia frio quando as imagens pareciam ser do final do inverno, e sentia muito calor quando eram mais recentes. Os sentimentos de cada imagem que passava na minha cabeça era extremamente forte, sentia grande vontade de chorar e de rir ao mesmo tempo. Não senti quando o Fernando me levou ao hospital, não escutei nada, eu parecia estar presa nos meus pensamentos.

- Você não se lembra de nada?

- Me lembro dos meus pensamentos. Eram lembranças desde quando fiquei grávida.

- Só disso? Você não se lembra do que aconteceu?

- Me lembro de acordar, quando o médico me colocou no soro. Lembro de não conseguir falar, ele me perguntava se eu estava bem mas eu não conseguia responder. – Ela parou de falar, e desviou os olhos de mim. Parecia envergonhada e muito assustada.

- O que pode ser?

- Não sei, mas tenho muito medo.

- Medo do quê?

- De ficar louca.

- Você não está ficando louca, você teve um lapso de estresse. Foi só isso.

- Não, Letícia. Eu não tenho estresse. Me fala que tipo de estresse eu posso ter? Eu não trabalho mais, não pago contas, não faço nada o dia todo. Os médicos dizem que estresse quando eles não sabem o que é.

- Ângela, com a gravidez você fica mais sensível, seus sentimentos ficam mais fortes. – Falei, envolvendo-a em meus braços.

- Letícia, isso eu não contei a ninguém. Mas eu tenho tido sonhos estranhos.

- Que tipos de sonhos?

- Sonhos misturados, muita informação ao mesmo tempo.

- Fica calma, eu acho que você ainda está abalada pelo dia que passou no hospital. – Eu disse, desviando o olhar para a janela.

- Não! Já faz um mês que estou tendo pesadelos. – Disse Ângela segurando no meu braço, me forçando a encará-la. – O Fernando acorda assustado, mas eu sempre digo que estou tendo pesadelos por causa da barriga que me atrapalha a dormir.

- E ele não te faz perguntas?

- Não. Ele sempre me abraça e diz que vai acabar em poucos meses. Mas eu não acho que vá acabar. Eu acho que estou ficando louca.

- Não acredito! Você realmente acha que está ficando louca?! Ângela, você é saudável. Você só está sensível com a gravidez, e seu medo de estar ficando louca está te deixando mais agitada. Olha, fica calma. Eu vou estar sempre do seu lado, mas prometa que vai me contar se acontecer qualquer coisa de diferente com você, tá?

- Obrigada, amiga. Eu prometo que vou te contar.

- Eu sou sua amiga, e estou aqui pra te ajudar.

Nos abraçamos por um longo tempo, e eu me perguntava o que estaria acontecendo com a minha amiga. Estaria ela ficando louca mesmo? Seria genético como o médico havia suspeitado? A mãe dela era normal, nunca apresentou alterações psicológicas. Mas e o pai? Eu não sabia nada sobre o pai dela, apenas que ele era uma pessoa muito agressiva, talvez a mãe dela quisesse poupar a filha de saber a verdade sobre o pai, talvez ela tivesse medo que a filha herdasse a doença do pai. Talvez eu devesse forçá-la a procurá-lo. Ou não, ela poderia ficar mais nervosa e não faria bem ao bebê. Mas a verdade é que eu estava apavorada e sentia que se houvesse mais alguma coisa ela não me contaria.

- Tenho que trabalhar. – Falei, me afastando lentamente dos seus braços.

- Pensei que você fosse passar a tarde aqui.

- Não posso ficar. Preciso trabalhar um pouco. Participei da minha primeira reunião hoje, e preciso fazer umas anotações importantes.

Me despedi e saí rapidamente, não queria que ela percebesse que eu estava assustada com as coisas que havia me contado.

Peguei um taxi e fui à academia do Fernando. Eu precisava confrontá-lo, dizer que sabia sobre os pesadelos e saber o por que ele havia escondido isso de mim. Saber por que ele não queria que eu procurasse saber mais sobre a família dela.

A academia era muito bonita, nunca havia entrado, já passei na frente algumas vezes. Era cheia de vidros e espelhos, os equipamentos modernos e uma escada vazada de metal e madeira em um dos cantos. Passei rapidamente os olhos pelo lugar e deduzi que ele poderia estar no andar de cima. Coloquei a mão esquerda sobre o corrimão e pisei no primeiro degrau quando escutei a voz grossa atrás de mim.

- Posso te ajudar ?

Me virei e encontrei um rapaz moreno, alto, forte e com lábios carnudos, tanta beleza me deixou desconcertada por alguns segundos e devo ter corado, pois um sorriso se instalou no canto de sua boca. Seus olhos correram por meu corpo fazendo um calafrio subir pela minha espinha.

- Procuro pelo Fernando. Sou amiga da esposa dele.

- Prazer, Jacob, sou sócio dele.

- Prazer Jacob. A academia é muito bonita nunca tinha entrado aqui.

- Quer se associar? Adoraria ser seu instrutor.

- Eu não sou de fazer exercícios. No momento só estou procurando o Fernando mesmo. - Falei, olhando ao redor, notando as pessoas malhadas fazendo exercícios. Com certeza eu não faltaria nenhum dia se ele fosse meu *personal trainer*, senti meu rosto esquentar.

- Venha. Ele está no escritório. - Falou e começou a subir as escadas. Eu o segui.

- Fernando, encontrei essa moça lá embaixo, ela está te procurando e nem me disse o nome dela.

- É Letícia. Me desculpe. - Falei, me sentindo envergonhada.

- Letícia, não liga, ele não vale as suas desculpas. É até melhor pra você que ele não saiba seu nome. -

- Falou Fernando, lançando um olhar de reprovação para Jacob.

- Bom, vou deixá-los a sós, já que percebi que não sou bem vindo aqui. - Falou Jacob fazendo cara de decepcionado.

- Obrigada. - Respondi sorrindo.

Ele saiu e fechou a porta. Fernando estava em pé ao lado de um armário cheio de pastas coloridas, algumas pastas estavam abertas sobre a mesa preta e algumas empilhadas sobre a cadeira. Fernando me encarou, como se me encorajasse a dizer o que eu tinha a dizer.

- Por que você não me disse sobre os pesadelos? - Falei logo de uma vez, sem uma introdução ao assunto, sem nem mesmo citar sobre quem eu estava falando. - Você escondeu isso de mim. Por que?

- Letícia, eu não tenho obrigação de contar nada a você. - Aquelas palavras me atingiram de uma forma inesperada, meu sangue fervia. Eu me aproximei mais dele e com a proximidade ele parecia mais alto.

- Você escondeu essa informação do médico. - Gritei.

- Escuta, Letícia, não te devo explicações e se você veio aqui só pra me confrontar é melhor você ir embora.

- Eu não vou embora, eu sou a única família que ela tem! - Gritei mais alto, a calma dele me irritava ainda mais.

- Eu sou a única família dela, sou o marido dela e pai do filho que ela espera. Você é apenas a amiga.

Aquelas palavras me deixaram descontrolada. Eu passei com elas todas as dificuldades que ela teve, eu estava do lado dela quando ela perdeu a mãe. Senti o seu sofrimento por esta perda, passei pelas fases do luto junto com ela. A acolhi no meu apartamento e cuidei de todo o funeral sozinha. Ele não tinha o direito de me excluir da vida dela. E eu não permitiria que ele fizesse isso.

- Eu sou como uma irmã, e você não vai me excluir da vida dela! - Eu gritava ofegante, olhando nos olhos dele. - Vou procurar o pai dela e saber se ele tem alguma doença e não quero saber o que você pensa sobre isso. Você é um egoísta! Um babaca! - falei me virando para sair da sala. Mas ele me alcançou e segurou forte o meu braço, me virando para ficar de frente para ele.

- Você não vai procurar o pai dela. Ela não quer encontrar ele. Ela não gosta dele, ele traz lembranças que ela quer enterrar. - Ele gritava e me assustei, pois aquela máscara de serenidade havia sumido e seus olhos azuis pareciam chamas cintilantes.

Jacob abriu a porta nos assustando e fazendo com que a mão do Fernando se afrouxasse. Puxei meu braço com mais força que o necessário, e os olhos de Jacob fitaram meu braço que provavelmente estava vermelho.

- Está tudo bem aqui? Dá pra escutar os gritos da minha sala.

- Eu já estava de saída. - Falei me aproximando da porta.

- Letícia. - A voz do Fernando era suplicante e não mais imponente como antes. Parei, mas não me virei. Meus olhos encaravam Jacob, que fez um sinal com a cabeça para que eu escutasse seu amigo. - Ela nunca te perdoaria. - Aquelas palavras ficaram ecoando na minha cabeça, passei correndo pela porta e desci as escadas.

Decidi ir andando para o shopping, pensando naquelas palavras. Era difícil admitir, mas ele estava certo. Ela nunca me perdoaria. Quando sua mãe faleceu, falei para que ela procurasse o pai dela, que eu a ajudaria se ela quisesse. Mas ela ficou tão transtornada que nunca mais toquei neste assunto. Mas agora era diferente, era para a saúde dela.

CAPÍTULO 11

Ao chegar ao shopping fui direto à livraria que escrevi minha primeira matéria, mas desta vez não fui escrever, fui pesquisar. Procurei a seção de psicologia e comecei a folhear os livros, buscando alguma informação que pudesse explicar o que minha amiga estava passando. Olhei alguns livros de medicina, mas nenhum me deu a resposta que eu procurava. Por outro lado, resolvi escrever uma matéria sobre a mudança hormonal mensal que as garotas sofrem, e como o humor das adolescentes é mais afetado que das mulheres mais velhas nessa fase do mês. Quando me dei conta já eram oito horas da noite e eu não havia comido nada desde o almoço na casa da Ângela. Me levantei lentamente esperando que a leve tontura atacasse meus sentidos devido à falta de glicose no meu organismo, mas a fraqueza foi maior e minhas pernas ficaram trêmulas, quando pensei em me sentar novamente senti uma mão segurando meu cotovelo direito e outra mão apertar minha cintura. Minha vista escureceu e não consegui ver quem estava me ajudando a sentar novamente. Fechei os olhos, respirei fundo e abri novamente, e então um homem estava agachado à minha frente, e quando meus olhos focalizaram os seus, senti uma pontada no estômago que poderia ser confundida facilmente com fome, não fosse aqueles lindos olhos caramelo me olhando sem piscar. Não consegui pronunciar nenhuma palavra, fiquei paralisada na profundidade daqueles olhos.

- Você está bem? - sua voz macia acalmava meus sentidos.

Como se não bastassem os olhos maravilhosos a voz era completamente sedutora. O que me fez ficar mais alguns minutos sem responder.

- Você está bem? – Ele repetiu, pegando as minhas mãos que estavam sobre os joelhos.

- Sim, sim. – Respondi, forçando meus olhos a piscarem.

- O que aconteceu? Você quase desmaiou. – Disse ele, soltando minhas mãos e colocando-se em pé.

- Eu preciso comer alguma coisa, já faz um tempo que almocei. – Falei, tentando me levantar novamente.

- Devagar. – disse ele, ameaçando me segurar novamente.

- Obrigada. – Falei, encarando seus olhos, que por mais envergonhada que eu estivesse, era impossível não me perder neles.

- Meu nome é Fred. – Disse, levantando sua mão para um cumprimento formal.

- Prazer, me chamo Letícia. Você não me é estranho, a gente se conhece? – Eu disse, tentando justificar meus olhos que não desgrudavam dos dele. Ele sorriu, desviou os olhos para o lado.

- Pode ser. - respondeu.

Peguei minha bolsa, empilhei os livros nos braços e voltei a encará-lo.

- Obrigada. Vou comer algo antes que eu realmente desmaie.

- Também estou indo comer algo, posso te acompanhar? Seria estranho andar atrás de você. – Disse ele, pegando a pilha de livros dos meus braços. – Uau, você é psicóloga? - Perguntou inspecionando os livros.

- Não. Estou só pesquisando alguns assuntos. – Falei, seguindo em direção à seção de psicologia para guardar os livros.

- No que você trabalha? – Perguntou ele com um sorriso no canto da boca.

- Eu escrevo matérias para uma revista adolescente. E você? – Perguntei, pegando um livro por vez das mãos dele e colocando nas prateleiras.

- Eu escrevo também. – Respondeu ele, me entregando o último livro.

- O que você escreve? – Perguntei, colocando o último livro na prateleira acima da minha cabeça.

Sem responder ele foi andando em direção ao display com os livros em destaques, o que me fez pensar que ele não havia escutado a minha pergunta. Ele pegou um livro e me entregou virado com a capa para baixo, peguei o livro de sua mão e virei para ler o nome do livro na capa.

- Negócios? Não faz meu estilo. Acho que li alguma coisa sobre este livro, é um bestseller. Você já leu?

- Já, muitas vezes.

- Então você escreve sobre negócios. – Falei, colocando o livro novamente na bancada

- Sim, negócios e marketing.

Ao me virar buscando a porta da livraria, minha bolsa enroscou na pilha de livros, trazendo todos ao chão. Senti o calor subir ao meu rosto, me dando a certeza de que eu estava mais corada que o normal. Imediatamente agachei para pegá-los.

- Nossa, como você é desastrada. – Disse ele, se agachando para me ajudar.

- É. Um pouco. – Sorri, sem encarar seu rosto.

Como se não bastasse toda a vergonha que eu havia passado quase desmaiando nos braços dele e derrubando a pilha de livros na entrada da loja, notei que na parte de trás dos livros que derrubei havia a foto do autor, sim, a foto dele.

- Fred Bernini? – Li em voz alta.

- Sim. – Disse ele, tentando conter a risada.

- Meu Deus, que vergonha! – Eu disse, colocando a mão na testa, desejando que abrisse um buraco no chão onde eu pudesse sumir. – Você me mostrou o seu livro e eu nem percebi.

- Tudo bem, você não comeu nada o dia todo. – Disse ele, colocando os livros novamente na bancada. – Vamos! – E saiu andando em direção à porta.

Andamos lado a lado uns dois minutos sem pronunciar nenhuma palavra, até que senti uma necessidade enorme de falar, antes que o clima ficasse mais constrangedor do que já estava.

- Então você é um grande escritor! Qual a sensação de ter escrito um Bestseller? Você é famoso! – Falei com um sorriso de criança nos lábios.

- Ainda sou uma pessoa normal. – respondeu ele, sem muito entusiasmo.

- Não, você é um escritor. Você passa suas ideias para as pessoas. Você ajuda as pessoas que lêem seus livros. Grandes executivos compram seu livro. – Falei indignada com a falta de entusiasmo dele.

- Você também.

- Claro que não. Eu escrevo matérias para uma revista que ainda vai ser lançada na semana que vem, para adolescentes que estão mais interessadas na vida dos ídolos do que ler sobre disfunção hormonal.

- Você ainda é jovem, vai ter muito sucesso e vai ser reconhecida.

Neste momento me perguntei quantos anos ele devia ter, e com certeza não passava dos trinta. Mas notei que ele estava ficando envergonhado por eu estar falando dele como uma pessoa anormal.

- Espero que sim. – Respondi.

Antes de chegarmos à praça de alimentação, viramos à direita e ele foi andando um pouco à frente em direção a um restaurante de massas, todo contornado com madeira escura, cortinas verdes de tecido pesado amarradas nas laterais dos vidros que formavam grandes janelas. Fiquei impressionada ao me dar conta que já havia passeado diversas vezes nesse shopping e nunca havia notado aquele lindo restaurante. Na frente da porta de entrada do restaurante havia um homem vestido

com um paletó preto, camisa branca e gravata vermelha. Fred parou esperando até que eu parasse ao lado dele, colocou a mão esquerda num encaixe perfeito nas minhas costas nos aproximando do homem, que nos recebeu muito bem nos levando à uma mesa de dois lugares e nos deixou acomodados. No cardápio, os mais variados tipos de massas e molhos.

- Querem pedir a bebida? – Perguntou um garçom, também muito elegante.

Levantei os olhos encarando meu acompanhante, esperando que ele tomasse a frente.

- Um Chateau Berliquet. – Disse Fred com ar de quem conhecia sobre o assunto.

- A garrafa? – Perguntou o garçom.

- Sim a garrafa. – Assim que o garçom nos deixou, ele se virou para mim e perguntou – gosta de vinho tinto?

- Gosto, mas não entendo muito sobre vinhos. – Respondi.

- Esse vinho é francês, envelhecido em carvalho, tem um aroma frutado e um leve sabor de erva-doce e baunilha.

- Ah. – Me senti péssima, por não conseguir dizer mais nada sobre o assunto.

- Vinhos não são o seu forte. - Foi uma afirmação e não uma pergunta, mas senti necessidade de dar uma explicação.

- Não, quer dizer, sim, eu gosto muito de vinhos, mas não entendo nada sobre eles e, então não consigo manter uma conversa produtiva sobre vinhos sem que vire um monólogo. – sorri e encarei o cardápio, tentando evitar ficar vermelha de vergonha e tentando imaginar o que eu pediria.

Ele também sorriu, e logo chegou o garçom com a garrafa e duas taças. Ele nos serviu, com toda aquela condecoração. E um outro garçom trouxe uma cestinha com torradas e um pote com alguns molhos.

- Já escolheram o que vão pedir?

- Sim. – Respondeu ao garçom e olhou pra mim. – Eu quero um raviólli de massa verde com mozzarella de búfala ao molho branco, e acho que ela vai querer um capelletti de frango ao molho quatro queijos.

Fechei o cardápio concordando com a escolha que ele fez. E o entreguei ao garçom que retirou os dois cardápios e saiu em direção à outra mesa.

- Pedi certo? Se você quer outra coisa, eu posso pedir para o garçom mudar.

- Não conseguiria pedir melhor. O vinho, o prato, tudo perfeito.

- Então me fale sobre você. – disse ele me encarando.

- O que você quer saber? – Perguntei, tentando ser misteriosa, mas eu era péssima em flertar.

- Tudo! – Seus olhos brilhavam mais escuros por causa da luz fraca do restaurante, e me senti intimidada.

- Sou filha única, nasci no interior, estou em São Paulo há seis anos, sete meses antes de casar descobri que meu noivo me traía com a secretária. E recentemente fui convidada para escrever matérias para uma revista. – Falei, quase que despejando as palavras na mesa. – Agora é a sua vez.

- Você deve ter sofrido muito. Planejar uma vida ao lado de uma pessoa e descobrir que ele está

envolvido com outra pessoa. Nossa!

- É, acho que a pior parte foi vê-lo com ela.

- Você que viu? Imagino que deve ter sido horrível! – Disse ele, indignado.

- Sim foi, mas estou bem. Já me recuperei. - Respondi.

- Faz tempo?

- Algumas semanas. Duas ou três.

- Desculpe, não sabia que era tão recente.

- Tudo bem. Eu estou recuperada. – Sorri, mas não o convenci.

- Bom, eu tenho mais dois irmãos e sou o mais novo, meus pais são muito rigorosos, meus irmãos são médicos e quando eu decidi fazer administração minha família inteira foi contra. Ninguém me apoiou. Logo em seguida fiz letras, e resolvi escrever meu primeiro livro. Foi sucesso na faculdade, professores começaram a utilizar o livro em provas, e eu me animei a escrever mais. Depois fui convidado a apresentar palestras em faculdades, e quando me dei conta meu último livro estava no top das melhores revistas e eu estava dando palestras para grandes executivos. Foi tudo muito rápido. A sorte bateu na minha porta e eu abri. – Disse ele, com um sorriso torto, que me desconectou do chão.

- Não é sorte, é talento e capacidade.

- Não, é saber aproveitar cada oportunidade.

O garçom interrompeu, colocando os pratos na mesa, que pareciam saborosos. Comemos quase em silêncio, falando de vez em quando sobre coisas como tipos de escritas, gosto por livros, faculdades, nada muito pessoal.

De repente meu celular tocou, interrompendo uma conversa sobre Shakespeare e seu modo de tratar o amor. Era o Fernando, dizendo que estava no hospital de novo com a Ângela, sua voz era preocupada e totalmente diferente de como ele havia falado comigo naquela tarde.

- Desculpe, preciso ir. Minha amiga, ela está.. – Me atrapalhei com as palavras do mesmo jeito que me atrapalhei para tirar minha bolsa que estava pendurada na cadeira. – ela está grávida, e não está muito bem. O marido dela me ligou do hospital, preciso pegar um taxi. Preciso vê-la, ela precisa de mim. Eu...

- Calma! – ele disse se levantando e segurando meu antebraço. – Eu te levo.

- Não, obrigada, você já fez muito por mim hoje. Eu só preciso me acalmar e arranjar um taxi.

Ele fez um sinal para que eu o esperasse e se dirigiu ao garçom, que o levou a um balcão, para facilitar o pagamento da conta. Segui lentamente à saída e o aguardei do lado de fora do restaurante, notei que ele não tirava os olhos de mim, e senti um misto de esperança e confusão em meu coração.

- Vamos, meu carro está no estacionamento. Em qual hospital ela está?

- Naquele hospital e maternidade, aqui perto. Não sei o nome.

- Eu sei qual é. - Ele me conduzia pelo shopping com as mãos nas minhas costas. E estranhamente me senti como se alguém realmente se importasse comigo. O que era muito estranho, já que havia acabado de conhecer aquele cara.

Descemos ao subsolo e quando ele apertou o botão do alarme, um Volvo S80 preto se manifestou. Ao tocar na maçaneta, Fred segurou a parte superior da minha mão.

- Você me permite? – Sua voz era macia e senti o calor do seu corpo perto do meu. Imediatamente retirei minha mão e ele me afastou para que pudesse abrir a porta pra mim. Fiquei maravilhada com o carro, bancos de couro, painel cheio de botões e teto solar, mas aquele simples gesto acertou em cheio meu coração.

Eu sabia que ele estava rápido demais, mas o carro era tão confortável que se eu fechasse os olhos teria a sensação que estava parada. A música penetrou minha mente e me desliguei por alguns minutos, Home.

- Você gosta de Michael Bublé?
- Ah? – Voltei da escuridão que estava na minha mente.
- Michael Bublé! – Apontou o dedo indicador para o rádio do carro.
- Sim, gosto.
- Eu também gosto. Me identifico com o jeito que ele canta.
- Ah. – Respondi sem entusiasmo.
- Você está preocupada com sua amiga, não é?!
- Sim, desculpe. Você está me ajudando tanto e eu estou sendo uma péssima companhia.
- Não, você está sendo ótima. Sua amiga está grávida de quantos meses?
- Sete. Ela tem tido alguns problemas.
- Problemas? Com a gravidez?
- Sim. Quer dizer, não. Não com a gravidez em si, mas talvez por causa da gravidez, sei lá. Ninguém sabe o que ela tem.
- Meus irmãos são médicos, se você precisar de uma segunda opinião, posso falar com eles.
- A questão é que não tenho nem uma primeira opinião. Ela deve ter algum problema genético relacionado às emoções. A mãe dela fugiu com ela pra São Paulo, quando ela ainda era pequena. Ela não conhece a família, e a mãe dela faleceu recentemente.
- Ela não tem contato com os avós, algum tio?
- Não. E não quer que eu vá procurar ninguém. Ela quer ignorar o que está acontecendo.
- Complicado. É pior quando a pessoa não quer ajuda.
- Não sei mais o que fazer. – Meus olhos encheram de lágrimas e eu os desviei para a janela.
- Calma, eu sei que você está fazendo tudo o que pode. – Disse ele, pousando a mão na minha perna. Seu toque foi reconfortante e não abusado.
- Não sei nem como te agradecer. – Falei, me ajeitando no banco. E ele retirou a mão da minha perna.
- Você não tem do que agradecer. Não há nada demais no que estou fazendo.

Ao chegar ao hospital encontramos o Fernando sentado na sala de recepção.

- Como ela está? – Perguntei, sem nem mesmo cumprimentá-lo. E percebi que ainda estava muito brava com ele pela conversa que tivemos.

- Não sei. O médico disse que voltaria para me dar uma posição da situação dela.

- O que ela está sentindo? O que ela tem? – Perguntei afobada, atropelando as palavras.

- Ela começou a sentir dores na cabeça e... – Ele parou por um instante, olhou para o lado, passou as mãos pelo cabelo – desculpa, mas quem é você?

Percebi que não havia apresentado o Fred.

- Desculpe, esse é o Fred, meu... – respirei, olhei para ele e voltei a encarar o Fernando - amigo, esse é o Fernando, marido da minha amiga.

- Prazer. Apesar de não ser o melhor momento. – Disse Fred, estendendo a mão para Fernando.

- Desculpa, eu... – Disse Fernando sem jeito, pegando na mão de Fred. – só não queria... Você pode nos dar licença?

- Claro. Vou pegar alguma coisa pra beber. Já volto. – Disse, olhando para mim.

Assim que ele saiu, meus olhos atacaram o rosto do Fernando.

- O que foi isso? – Perguntei inconformada com o modo que ele expulsou o Fred.

- Isso o que? – Perguntou, levantando as mãos na defensiva.

- Você expulsou o Fred daqui. Ele só quer ajudar.

- Ele é médico por acaso?

- Não, mas tem dois irmãos que são.

- Será que eu posso ter um pouco de privacidade pra falar dos problemas da minha mulher? – Disse ele, sussurrando.

E então percebi que na verdade ele não queria expor a Ângela.

- Tudo bem. O que aconteceu com a Ângela? - Perguntei, deixando nossas desavenças de lado por um instante.

- O mesmo de sempre, ela começou a sentir dores de cabeça, e a falar coisas sem sentidos. Não sei mais o que fazer. Ela não quer que eu faça nada, ela sempre diz que vai ficar bem. Mas eu sinto que poderia fazer mais.

- E pode! – Falei.

- O que? O que eu posso fazer? Me ajude. – Disse, pegando nos meus braços.

- Você pode procurar o pai dela. Saber se ele tem algo, talvez descobrir algo que possa ajudar.

- Não! – Disse alto, alto demais para o ambiente. Soltou meus braços. - Eu prometi a ela que nunca desenterraria o passado.

- Fernando essa é a única forma de ajudar.

- Ela nunca me perdoaria. Nem a você. – Disse, virando-se de costas para mim.

Pelo reflexo das grandes janelas de vidro, notei que o Fred estava encostado na parede de um dos corredores.

- Fernando. – Respirei fundo, esperando até que ele se virasse novamente. – Se eu fosse atrás do pai dela, você contaria?

- Sim. Eu não vou deixar que você vá. E não vou mais discutir isso com você.

Ele se virou, e caminhou até a recepção. Me sentei em uma poltrona, e logo Fred estava com a mão esticada à minha frente, segurando um copo de chá.

- Obrigada. - Sorri

- É pior quando a família não aceita o diagnóstico. Desculpa, não pude deixar de ouvir.

- Tudo bem.

- E você? Como está? – Perguntou, se sentando na poltrona ao meu lado.

- Preocupada. Eu não sei o que ela tem e não posso nem falar com nenhum familiar dela para tentar descobrir se há algum caso parecido na família.

- Sei que não posso ajudar muito, mas estou aqui se precisar.

- Obrigada. Você já tem ajudado tanto.

O médico se aproximou da recepção e conversou com o Fernando, que em seguida veio nos informar.

- Ele disse que ela está descansando, e assim que acordar e estiver se sentindo bem poderá repousar em casa. – Sua expressão era de alívio, mas seus olhos continuavam preocupados. Ele virou e sentou-se em uma poltrona distante.

- Que bom. – Eu disse aliviada.

- Posso te levar em casa? – Disse Fred, me olhando nos olhos.

- Quero esperar ela acordar. Obrigada. Não sei como te agradecer. Você fez muito por mim. Sem ao menos me conhecer.

- Se precisar pode contar comigo.

Sem pensar o abracei forte. E fui correspondida, ele me envolvia como se nada pudesse atravessar aquele abraço.

- Obrigada. – Eu disse, me afastando lentamente.

- Preciso ir embora. Tchau! – Ele disse apertando seus lábios lentamente na minha testa. E partiu pela porta, deixando apenas o ar gelado tomar conta da recepção do hospital.

CAPÍTULO 12

A semana passou mais rápido do que eu imaginava, normalmente quando se espera muito por algo, o tempo insiste em passar lentamente, mas comigo é sempre diferente. Eu estava ansiosa com a noite de estréia da revista, estava cheia de ideias para minhas matérias, e sem notar me afastei das pessoas. Havia dois convites pendurados na geladeira, mas quem eu levaria? Minha melhor amiga estava grávida de oito meses, e o único homem que eu conhecera nos últimos dias, havia ido embora sem pegar meu telefone.

Ah, claro! E como se não bastasse o fato de ter que chegar sozinha na festa, eu teria de ir de taxi. Meu carro só seria liberado pela concessionária no dia seguinte à estréia. Ótimo! Finalmente, quando resolvo trocar de carro porque o antigo estava me deixando na mão, o novo mal chegou e já está me deixando na mão também. Perfeito!

A mulher do espelho me encarou. O vestido preto era básico, mas me deixava chique. Comecei a pensar em quem eu estava me transformando. Sempre imaginei minha vida ao lado do Gabriel, imaginava que me casaria com ele, teria filhos e agora tudo parecia sem sentido. Eu estava perdendo minha identidade ou finalmente me encontrando?

É, definitivamente estava me encontrando, eu estava no emprego que sempre quis. Passei o batom e apertei forte os lábios. Ajeitei os cabelos com a mão e apaguei a luz do banheiro.

Ao descer do taxi, senti meu coração pulsar na garganta. Fotógrafos por todos os lados, pessoas me perguntando quem eu era. Entrei o mais rápido possível, e logo encontrei o Senhor Rafael.

- Como você está linda!

- Obrigada. – Corei.

- Aproveite a nossa festa! – Disse, dando ênfase na palavra nossa.

- Estou preocupada com as minhas matérias.

- Minha querida, isso é normal. Como toda primeira obra, ficamos inseguros, mas as suas matérias são boas. Você é brilhante! – Ele se aproximou do meu ouvido e disse, sussurrando. – Não conte a ninguém, mas você foi a minha melhor escolha para essa revista. – Deu uma piscadela e saiu sem olhar para trás.

Escutar aquilo me deixou mais calma, e então percebi que ele tinha razão. Meu medo era nada mais que pura e simplesmente insegurança.

Às nove horas em ponto, quando o salão principal e o mezanino estavam completamente lotados, o Senhor Rafael subiu ao palco e apresentou slides da nova revista. A emoção de ver minha matéria no telão foi imensurável. Ao terminar a apresentação, ele convidou a equipe da revista para subir ao palco junto com ele e receber os aplausos de todos que foram apreciar a estréia. Depois dos aplausos recebemos a primeira edição da revista com todas as páginas impressas em papel dourado.

Ao descer do palco senti alguém segurar meu braço. Me virei intrigada, para olhar quem poderia ser.

- Fred? – Falei, empolgada demais. E neste momento esqueci meus bons modos e o abracei com força. Como se o conhecesse há muito tempo.

- Oi! – Disse ele, deixando escapar uma risada de surpresa e retribuindo o abraço.

- Desculpa! Eu... – Senti meu rosto esquentar e tive a certeza de estar ficando corada.

- Tudo bem. Eu estava com saudade de você. Quer dizer, - Nesse momento ele ficou corado, olhou para baixo, colocou as mãos nos bolsos da jaqueta bege e voltou a se explicar. – nem peguei seu telefone naquele dia, pensei em ligar para a sua editora, mas como você não se mostrou interessada em me dar seu telefone, achei melhor não pressionar. E então no começo da semana recebi o convite para a estréia, e me lembrei que você escreve pra essa revista. Decidi vir e deixar que o destino se preocupasse em nos juntar de novo.

- Destino? Juntar? Uau! – sorri, passando a mão pelos cabelos e desviando os olhos para a multidão no salão.

- Desculpe, muito cedo pra falar isso? – Ele riu, e percebi que ele estava tão encabulado quanto eu.

- Vai me oferecer uma bebida? – Falei, mudando de assunto.

- Claro, é open bar! – Ele riu, quebrando aquele clima tenso entre nós.

- Você acredita mesmo em destino? – Perguntei, a caminho do bar.

- Acredito. – Disse, puxando um banco para eu me sentar, se sentou no banco que acabara de desocupar ao lado do meu.

- O que vai querer? É por minha conta! – Ele sorriu, achando graça da piada. Sorri também.

- Surpreenda-me!

Sem dizer nada, ele correu os olhos pelo cardápio e apontou ao garçom o coquetel escolhido.

- E uma coca-cola com gelo e limão, por favor. - E voltou a me encarar.

- Coca-cola? – Perguntei, arqueando uma sobrancelha.

- Sim. Não gosto muito de bebidas alcoólicas.

- Sério?

O garçom chegou trazendo meu coquetel rosa em uma taça grande toda enfeitada. Definitivamente o coquetel mais bonito que eu já havia visto. Ele colocou a coca-cola na frente do Fred e saiu.

- Uau! – Foi o único som que minhas cordas vocais permitiram liberar.

- Experimente! – Ele disse, ansioso.

Experimentei, e não era só o coquetel mais bonito que eu já havia visto, mas também o mais gostoso que eu já havia experimentado. Bem doce, de frutas vermelhas, difícil de distinguir todos os ingredientes. Era tão perfeito que parecia uma coisa só, e não uma mistura de ingredientes.

- E então, o que achou?

- Maravilhoso! Você andou pesquisando sobre mim? Você sabe tudo o que gosto! – Falei, dando mais um gole no coquetel.

- Que bom que gostou. - Seu sorriso era triunfal, e a simplicidade daquela situação me trouxe uma sensação de bem estar.

- Olha quem está aqui! – Ouvi uma voz grave dizer, e notei a expressão do Fred se formar em um belo sorriso e ele se levantou. Era o Senhor Rafael, que o cumprimentou com um longo aperto de mão e um abraço. – Fico feliz que aceitou meu humilde convite.

- Só estou aqui pelo open bar! – Disse Fred, abrindo seu mais lindo sorriso.

- Estou vendo, coca-cola com limão! – Zombou o Senhor Rafael, deixando transparecer a alegria em rever o rapaz. – Vejo que já conheceu minha melhor escritora!

Sorri encabulada balançando a cabeça para os lados.

- Na verdade a gente já se conhecia. – Respondeu o Fred, como se estivesse se explicando.

- Sei. – Murmurou, mostrando incredibilidade às palavras. – Aproveitem a festa! – Deu dois tapinhas nas costas do Fred e acenou com a cabeça para mim, nos deixando rapidamente para cumprimentar um casal que se aproximava.

- Melhor escritora? – Perguntou, voltando-se para mim.

- Não era de mim que ele falava! – Sorri envergonhada.

- Eu já sabia. – Ele disse, tomando um gole de coca-cola.

- Do que? – Perguntei.

- Que você é a melhor escritora.

Não consegui segurar e ri bem alto.

- Por que a risada? – Ele disse me encarando de perto.

- Com licença, posso roubar esse garotão por uns instantes? – Perguntou o Senhor Rafael.

- Claro, fique à vontade! – Falei ao senhor Rafael, e lancei um olhar de desculpas ao Fred, que me olhava como se estivesse indo para a berlinda.

Quando eles saíram comecei a notar as pessoas ao meu redor, vestidos, sapatos, cabelos, comportamentos, e tudo relacionado ao ambiente.

- Oi. – Uma voz trêmula falou perto dos meus ouvidos, e vi um rapaz sentar-se no banco que estava ocupado pelo Fred.

- Gabriel! – Exclamei alto. – O que você... como você entrou aqui? – Perguntei.

- A revista contratou meu escritório, sou o advogado dessa revista. E você? O que faz aqui?

- Eu... eu... – Fiquei tão apavorada que gaguejei. – eu escrevo matérias para a revista.

- Meus parabéns! – Disse, pegando na minha mão. – Finalmente conseguiu o que sempre desejou.

- É, parece que agora minha vida está caminhando para algum lugar. Foi só você sair de perto que tudo ficou bem. – Falei, evitando encarar seus olhos.

- Letícia, por favor. Não precisa falar assim. – Ele parou e respirou fundo. – Você está saindo com ele?

- Com quem?

- O cara que estava aqui.

- Ele não estava aqui. Ele está aqui!

- Sim ou não?

- Não te interessa, Gabriel. Será que você pode se levantar. Ele já deve estar voltando.

- Vou esperar. – Ele olhou para os lados, como se estivesse apenas esperando o tempo passar. – Você gosta dele?

- Não vou te responder. Vá embora! – Falei trincando os dentes.

- Ele te faz rir, não é? Como no começo do nosso namoro. Você se divertia muito comigo. Eu vi vocês dois rindo aqui.

- Ele é ótimo. – Falei, virando meu corpo totalmente para o bar, ignorando a presença dele.

- Desculpa a demora. – Disse o Fred ao meu ouvido, com suas mãos pousadas em meu ombro.

No instante em que eu estava me levantando para sair dali com o Fred, Gabriel se levantou estendendo a mão direita para o cumprimentar.

- Prazer, eu sou o Gabriel Costa, advogado da revista. Você é quem?

- Fred, Fred Bernini.

- Você trabalha para a revista? – perguntou o Gabriel.

- Vamos Fred. – Falei puxando o seu braço.

- Não, sou convidado. – Ele respondeu, resistindo às minhas mãos. O que me fez perceber que ele notou algo estranho nessa apresentação súbita.

- Calma, Lê. Estamos apenas conversando. - O Gabriel falou sorrindo. Percebi o tom sarcástico que usou para me chamar pelo apelido.

- Você está alterado Gabriel. – Falei, tentando puxar o braço do Fred, novamente.

- Você está com medo do que, meu amor? Ele não sabe que éramos noivos? Vai me dizer que você ainda não contou pro seu novo namoradinho? – Sua voz era de zombaria.

- Não, não contei, porque você é insignificante pra mim. – Voltei a puxar o braço do Fred, ele colocou a mão sobre a minha que o puxava, numa tentativa de me mostrar que eu podia ficar calma, mas eu estava cada vez mais apavorada.

- Então você é o safado que a traiu? – Os olhos do Fred transbordavam em raiva.

- Ah, foi assim que ela me apresentou a você? Então ela contou. – Seu sorriso era de satisfação.

Coloquei as mãos na cabeça e senti o chão estremecer, mas não era o chão, eram minhas pernas. Me virei de costas e segui quase correndo para a saída. O segurança abriu a pesada porta de madeira, para que eu saísse. O vento gelado me surpreendeu e a lua cheia também, ela parecia maior, mais perto. Avistei um taxi e quando dei o primeiro passo para fazer sinal ao taxista. A grande porta se abriu novamente e o Fred seguiu na minha direção. Ele trazia minha bolsa e minha revista que estavam no balcão.

- Me desculpe. – Ele me entregou a bolsa e a revista. Em seguida tirou a jaqueta bege e jogou

sobre meus ombros.

- Tudo bem. – Respondi.
- Eu devia ter saído quando você me pediu.
- Sério, não tem problema. Eu só não suporto olhar pra ele.
- Você quer ir para outro lugar?
- Prefiro ir pra casa. Obrigada. – Falei desanimada.
- Eu te levo. O manobrista já foi buscar meu carro.
- Se não se importa, prefiro ir de taxi. – Falei, devolvendo a jaqueta.

Parei na beirada da calçada, e pensei na mulher do espelho. E percebi que eu estava me afastando de novo das pessoas.

- Posso voltar atrás na minha decisão? – Falei, dando meia volta e ficando de frente para ele.
- Isso pode custar caro! – E quando ele abriu aquele sorriso novamente, me perdi naquela imagem.

- Não sendo pra mim, tudo bem! – Respondi, sorrindo.

O carro chegou e assim que entramos, meu celular fez barulho de ligação perdida.

- Alguém tentou te ligar. Posso adivinhar quem foi? – Disse ele sorrindo.
- Muito fácil. – respondi, olhando no visor. – Não, é o Fernando. - e meu coração parou por um instante.

- Tem mais um? – Ele disse, em tom de brincadeira.

- Não, é o marido da minha amiga que está grávida.

- Ah, ele eu conheço.

- Ele deixou uma mensagem de voz.

Disquei rapidamente e coloquei no viva-voz para que o Fred escutasse a mensagem também. “Letícia, é o marido da Ângela. Estou no hospital, ela não está bem, se você puder vir pra cá. É urgente!”

- Já sei! – Disse, virando o carro na rua para seguirmos para o hospital.

- Obrigada.

- Vou começar a achar que você mora no hospital!

- É. Eu acho que vou mais pro hospital do que seus irmãos que são médicos.

Seguimos quietos para o hospital, apenas o rádio tocava.

CAPÍTULO 13

Chegamos e vimos o Fernando conversando com um médico na recepção, achei melhor esperar que ele viesse nos contar o que o médico estava dizendo. Ele tinha o poder de me fazer sentir que não era parte da família da Ângela. Os dois se aproximaram e Fred segurou minha mão, como se pressentisse algo ruim, ou como forma de mostrar que estava me apoiando, não consegui distinguir.

- Oi, Letícia, Fred. – Ele nos cumprimentou apenas com a cabeça. - A Ângela entrou em trabalho de parto, estão preparando a sala e ela quer ver você. – Seu rosto estava estranho, nunca o havia visto assim. Preocupação, talvez, medo.

- Eu? – Meu coração disparou como se quisesse pular pra fora do meu peito, e um torpor subiu pelas minhas pernas.

- Sim. Vamos, não temos muito tempo. – Disse o médico, virando as costas e seguindo pelo corredor estreito.

- Eu já volto. – Disse ao Fred. Sem coragem de olhar nos olhos do Fernando, talvez por medo de ver o quanto ele estava desesperado. Eu estava!

Apenas três macas preenchiam a sala grande e fria, estávamos sozinhas, o médico disse que voltaria em poucos minutos para buscá-la.

- Oi, amiga. – Eu disse, abraçando-a como era possível.

- Lê, preciso te pedir uma coisa. – As palavras eram precisas e urgentes.

- Pode pedir, sabe que eu faria qualquer coisa por você. – Me afastei o suficiente para olhá-la nos olhos, mas ainda segurando sua mão fria.

- Preciso que cuide da Luna. – Seus olhos se encheram de lágrimas.

- Luna? Que Luna?

- Decidi mudar o nome da minha filha, não quero que seja Gabriela. Quero que seja Luna. Preciso que você prometa que na minha ausência você será como uma mãe pra ela.

- Você está me pedindo para batizá-la? Claro que eu aceito.

- Não. Estou pedindo que seja a mãe dela, pra sempre. - Uma lágrima escorreu pela sua bochecha.

- Como assim? Que história é essa?

- Eu não vou resistir, eu sei que não.

Meu corpo estremeceu, minhas pernas formigaram, e me apoiei na maca, sem que ela percebesse como eu estava desnorreada.

- Calma. Claro que vai. Você vai ter uma filha. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

Lágrimas escorreram pelos seus olhos, e nesse momento eu deveria mostrar segurança e ser forte, mas não consegui conter minhas lágrimas.

- Só me prometa cuidar da minha filha e do Fernando. O Fernando vai perder o rumo, não deixe que ele faça nenhuma besteira. Me prometa! Por favor!

- Sim, prometo. - respondi como se fosse um robô, sem emoção, sem entender o que saía da minha boca.

- Obrigada.

- Vamos rir dessa conversa doida, depois. Você vai ver! - Falei enxugando as lágrimas da minha bochecha.

- Lê, você é minha melhor amiga, minha irmã, minha única família. Sabe disso, não é?

- Sei. – Foi só o que o nó que se formou em minha garganta me permitiu dizer.

- Te amo! – Ela chorava como se algo estivesse doendo dentro dela.

- Também te amo, irmã! – Disse abraçando-a com muita força.

O médico entrou e disse que a sala estava pronta e que o Fernando a aguardava para começarem o parto. Enfermeiros entraram e a levaram tão rapidamente que só deu tempo de gritar boa sorte enquanto ela passava pela porta.

Voltei para a recepção, onde Fred ainda me aguardava. Ao me ver aproximar, abriu os braços, sem pensar o abracei forte. Meus soluços faziam ecos no hospital, mas ele não se importava. Ele me colocou sentada no sofá e agachou ao meu lado, segurando minha mão.

- Estou aqui. – Ele disse.

Não consegui dizer nada, nem agradecer mais uma vez, apenas assenti com a cabeça. Como ele poderia me ajudar tanto, sem nem mesmo me conhecer? Qualquer outra pessoa me deixaria no hospital e iria embora. Por que ele ainda estava ali mais uma vez?

As horas passavam lentamente, e então o celular do Fred tocou. Escutei ele dizer “mãe”, e saiu para atender fora do hospital. Em seguida ele voltou, esfregando as mãos nos braços frios.

- Preciso ir. – Ele disse apontando para o celular. – Minha mãe pediu que eu a buscasse na casa da minha tia, acho que elas brigaram. – Ele abriu um sorriso, como pedido de desculpas. – Você vai ficar bem?

- Claro. Não se preocupe comigo.

- Tem certeza? – Ele arqueou uma sobrancelha, duvidando da minha resposta.

Sorri com um certo esforço.

- Sim. Pode ir. Obrigada por tudo. – Eu disse, me levantando e seguindo em direção a ele.

- Olha. – Ele disse, tirando a carteira do bolso. – Fique com meu cartão, qualquer coisa você me liga.

- Obrigada. – Peguei o cartão e sorri.

- Pra qualquer coisa, ouviu?

- Pode deixar. – revirei os olhos.

Ele se aproximou e me deu um beijo na testa. Eu o abracei, não trocamos nenhuma palavra. Ele simplesmente partiu pela porta. Tive a sensação de que não o veria novamente.

Em seguida Fernando apareceu.

- Nasceu? – Perguntei.

- Não, os médicos estão tendo dificuldade. O coração da Ângela falhou, e me tiraram da sala. – Sua voz falhava e sua respiração estava ofegante.

- O que está acontecendo? Me conta a verdade. - Falei me aproximando dele.

- Os médicos disseram que talvez houvesse alguma complicação, mas eu não quero perder nenhuma das duas.

Nos sentamos na recepção, e ele me encarou.

- O que ela queria com você?

Eu não podia dizer que ela estava com um mau pressentimento, não naquela hora. Ele surtaria, eu estava surrada!

- Ela estava com medo do parto. – Menti, me odiando por isso. - Queria que eu promettesse cuidar da Gabi se algo acontecesse. Mas era só medo da dor.

- Luna. - Ele balançou a cabeça. - Ela não quer que nossa filha tenha um nome que te lembre do cara que te magoou. - Ele sorriu, se lembrando da conversa que teve com ela sobre a mudança do nome.

- Jura? Esse é o motivo?

- Imaginei que você não sabia. Mas por que ela te pediria para cuidar da nossa filha? Por que ela diria isso?

- Era só medo. Ela me considera a única pessoa da família dela, então... – Achei melhor não continuar, talvez pudesse piorar os pensamentos dele.

- Por que Luna? Não entendo porque esse nome. Tenho certeza que foi alguma coisa com esses flashes na cabeça dela.

- Não questione. Você não quer entender o que está acontecendo, então simplesmente aceite, assim como você fez com o fato de ela não querer procurar a família. – Eu sabia que aquele não era o momento, mas eu precisava colocar aquilo pra fora do meu peito.

- Não vou discutir com você. Eu entendo as razões dela, e você como a única família deveria entender. – a ênfase nas palavras que ele utilizou soou aguda no meu ouvido e refletiram uma pontada no meu coração.

Pelo corredor chegava o médico andando lentamente, retirando as luvas. Nos juntamos a ele, aguardando alguma notícia sobre a Ângela.

- A criança está bem. Está encubada, mas não corre risco de morte.

- E a Ângela? Ela está bem? - perguntou Fernando aflito.

O médico respirou fundo e encarou o chão. Levantou a cabeça lentamente.

- Ela, infelizmente, não resistiu.

As palavras me pegaram de surpresa e eu estremeci, minhas pernas adormeceram e senti que meus joelhos não me sustentariam por muito tempo, meus olhos perderam o foco e tudo ficou embaçado, como se uma forte neblina invadissem o corredor do hospital, e com ela trouxesse um vento muito gelado. Ouvi os gritos sufocados que ecoavam do peito do Fernando, e não tive coragem de olhá-lo, encostei levemente minha mão na parede me curvando de dor. Minha garganta queimava,

meus pulmões incharam dificultando minha respiração, meu corpo inteiro doía e tive a impressão que por minhas veias corriam veneno. O sangue martelava forte em meus ouvidos não me deixando escutar nada, nada além do vazio na minha mente. Me encostei na parede e escorreguei ao chão, desejando que meus pulmões nunca mais me deixassem respirar. As lágrimas invadiram meus olhos, e um grito liberou meus pulmões, rompendo o silêncio. Minha pele adormeceu por completo e a única dor que sentia vinha de dentro, pulsando no meu coração e se alastrando por cada veia do meu corpo. A dor era insuportável, e eu queria que ela acabasse de uma vez, eu queria apenas fechar os olhos - para sempre.

CAPÍTULO 14

Senti uma ardência na garganta e gosto de remédio, abri os olhos e fitei o teto branco por uns instantes. As últimas lembranças me invadiram a mente como uma enxurrada desordenada, palavras, rostos, imagens do corredor do hospital, e por fim me dei conta de que não havia sido um pesadelo. Tentei me levantar e a agulha enterrou ainda mais no meu braço. Eu estava dopada. Olhei para a esquerda, haviam três macas vazias e uma porta entreaberta, olhei para a direita e a luz da janela me cegou por uns instantes, e então percebi que não estava sozinha, deitado na maca ao lado, Fernando, ainda inconsciente.

Uma enfermeira entrou silenciosamente.

- Você está melhor? – Ela me perguntou, com uma voz suave.

- Não. – Respondi lentamente, por efeito do remédio.

- O que você sente? Posso ajudar?

- Solidão, tristeza, dor... – Minha voz perdeu a força e meus olhos se encheram d'água, fitei o teto por mais uns instantes.

- Nossa! – Disse ela admirada. – O remédio que aplicamos é forte, você não devia nem sentir seus dedos! – E ela sorriu.

Seu sorriso foi como um golpe no peito. Saber que nunca mais eu poderia sorrir novamente, doía. E então uma lágrima escorreu por meu rosto. Não conseguia falar mais nada, nem produzir qualquer tipo de som, apenas fechei os olhos. A enfermeira aumentou a velocidade com que o soro entrava nas minhas veias e saiu silenciosamente do quarto. Assim que a porta se fechou, puxei a agulha do meu braço, senti uma físgada aguda na veia, mas a dor não era nada comparada ao que sentira antes. Levantei, calcei os sapatos e caminhei ainda zonzinha, em direção à porta.

O corredor estava frio, tentei parecer bem, para que nenhum médico ou enfermeira viesse me abordar, mas sentia meus olhos inchados, o peso das pálpebras dificultava o disfarce. Andei sem direção, os corredores pareciam labirintos, até que virei para o lado e uma janela enorme de vidro me surpreendeu. Me aproximei e por um instante desejei não estar ali, meu coração disparou, como um aviso desesperado para minha mente, dizendo que eu estava em um terreno perigoso. Mas seus olhos me encararam, aqueles pequenos olhos com um brilho intenso, realmente me pegaram de surpresa. Pequenas mãozinhas se movimentavam para cima e para baixo, como se ela quisesse sair dali, tanto quanto eu. Respirei fundo e me aproximei, meus olhos focaram a placa de identificação, Luna. E então vi um lapso de um sorriso em seus pequenos lábios, e diversas sensações envolveram meu peito, todas misturadas, angústia, dor, calor, e por incrível que possa parecer, alegria, sim alegria por vê-la, a pequena Luna, que estava sorrindo pra mim. E para minha surpresa o reflexo no vidro também sorria. Ela me devolveu a vida, e naquele momento percebi o quanto ela era importante pra mim e o quanto eu precisava ser forte.

Uma mão apoiou meu ombro direito, me virei e o Fred estava lá, onde sempre estive desde que nos conhecemos, ao meu lado. Abracei-o com a maior força que pude naquele momento. Mas eu não chorava mais.

- Ela é linda, não é? - Ele sussurrou ao meu ouvido.

- Sim, linda! Como a mãe. – Minha voz brigando com o nó que se instalou em minha garganta.

Sem dizer mais nada ele me apertou contra o peito, e me senti pela primeira vez acolhida de

verdade. Então ele se afastou lentamente, o suficiente para segurar meu rosto com as duas mãos e com os dedos limpou minhas lágrimas. Naquele momento me esqueci do mundo ao redor. Ele se aproximou lentamente, seus lábios quentes tocaram os meus bem devagar. Senti seu abraço me envolver, apertando meu corpo contra o dele, com um beijo mais urgente, com mais desejo.

Nos afastamos lentamente e percebemos que havia uma enfermeira no berçário, fiquei corada. Ela sorriu e pegou a Luna nos braços, para nos mostrar mais de perto.

No fim do corredor, Fernando andava em nossa direção. Tentei sorrir, mas foi uma tentativa frustrada. Ele parou ao perceber que estávamos no corredor do berçário. Então deu as costas e a passos largos virou o corredor em direção à saída. Corri para alcançá-lo, mas ao chegar na recepção ele já estava atravessando as portas de vidro, que se fecharam atrás dele.

- Filha, o que aconteceu? O Fernando passou tão rápido por aqui. Acho que nem nos viu.

Meu pai estava sentado com um copo de café em uma mão e o celular na outra.

- Mãe, nem vi vocês aqui!

- O que aconteceu, filha?

- Mãe, a Angela... ela não... - lágrimas invadiram meus olhos e engasguei nos meus soluços.

Sem dizer nenhuma palavra, minha mãe me abraçou. Chorei como uma criança em seus braços.

CAPÍTULO 15

Hoje é a missa de sétimo dia, ainda não acredito que isso aconteceu, não acredito que a minha melhor amiga se foi, a única pessoa que me entendia sem precisar de palavras, que conhecia meus melhores sonhos e meus maiores medos, que mergulhava na minha mente apenas olhando nos meus olhos. Ainda dói, ainda arde minha garganta, e eu sinto que vou desmoronar a qualquer momento.

O Fernando não se envolveu com os detalhes do enterro, eu preenchi as papeladas, escolhi a roupa que ela seria enterrada, o caixão, e todas as outras coisas, claro que com o Fred ao meu lado, me amparando, me encorajando e me apoiando.

Uma buzina me resgatou dos meus pensamentos, fechei a porta e desci as escadas, sentindo que estava ligada no modo automático. Quando abri a porta do prédio, dei de cara com o Fred. Isso me trouxe à vida, e comecei a sentir minhas pernas, minhas mãos e finalmente meus lábios, quando ele me beijou de modo inesperado e completamente apaixonado, um beijo molhado e cheio de vida.

Passei, inevitavelmente, o caminho inteiro imaginando que em todo o tempo que passei com o Gabriel, ele nunca veio me buscar na porta, sempre me esperou dentro do carro. Isso parece bobo, mas são nesses pequenos detalhes que estão os grandes significados. Apesar de estarmos totalmente calados, sinto um ar acolhedor cada vez que ele me olha pelo retrovisor, que ele ajustou assim que entramos no carro, de modo que com um leve inclinar de cabeça ele consegue ver meus olhos.

Durante a missa sentia que não estava ali, não sentia meus braços, minhas pernas, não escutava nada nem ninguém, tudo o que passava na minha cabeça eram os momentos que passei com a Ângela, quando a conheci, quando ela decidiu se casar, quando eu decidi me casar, quando ela descobriu que estava grávida, nada fazia sentido se eu não podia compartilhar com ela. E agora? Como eu poderia viver?

- Letícia!

Me assustei com pessoa que apareceu na minha frente, era a mãe do Fernando.

- Oi. Como a senhora está? - Falei, me ajeitando no banco enquanto ela se sentava ao meu lado.

- Eu gostaria de conversar com você. - Disse ela, olhando dos meus olhos ao Fred, então entendi que ela queria conversar apenas comigo.

- Fred você me dá licença? Volto logo.

- Claro. - Disse ele retirando a mão que apoiava meu quadril.

Andamos para fora da igreja caladas. Enquanto a missa ainda parecia estar no meio. Ao chegarmos do lado de fora da igreja, ela me encarou e percebi que além das lágrimas havia preocupação.

- Letícia, eu estou muito preocupada. O Fernando só viu a Luna uma vez. Faz quatro dias que estou na casa dele para ajudar a cuidar da Luna, e só eu cuido dela.

- Como assim?

- Ele evita ver a menina. Ele sai cedo, chega tarde. Ele nunca a segurou nos braços.

- Oh, meu Deus! Isso é horrível!

Fiquei horrorizada com a notícia. Se a Ângela estiver vendo tudo isso, ela ficará muito decepcionada.

- Eu vou conversar com ele. Acho que ele precisa de um pouco de tempo para assimilar tudo o que está acontecendo.

- Obrigada. Talvez ele a escute. Eu preciso voltar para minha casa, você sabe que moro no interior e fiquei para cuidar da menina. Mas em breve terei de voltar, meu marido não está muito bem de saúde. Não sei o que fazer.

- Não se preocupe. Vou falar com ele. - Mas eu sabia que ele não iria me escutar. Afinal, a gente nunca se deu bem.

- Vamos entrar, a missa já deve estar acabando.

Entramos em silêncio, mas minha mente gritava. Eu queria prensa-lo contra uma parede e gritar com ele, despejar toda a minha frustração sobre ele. Mas me contive. Voltei para o meu lugar ao lado do Fred, mas meus olhos não saíam de Fernando. Eu precisava fazer alguma coisa. E rápido.

A missa finalmente acabou.

- Fred, obrigada por me acompanhar. Mas eu preciso muito conversar com o Fernando, sobre a Luna. Ele tem renegado a menina. Eu preciso..

- Tudo bem. Quer que eu te espere no carro?

Meu Deus! De onde saiu esse príncipe encantado? Ele me esperaria no carro? E nem estamos namorando.

- Não obrigada. Acho que vai ser demorado e nada agradável. Posso te ligar mais tarde?

- Claro.

Ele me deu um beijo na bochecha e saiu da igreja. Fiquei me sentindo mal por um tempo, afinal, ele tem feito tanto por mim e eu nada por ele. Mas eu precisava ter essa conversa com o Fernando. Eu devia isso à minha amiga.

Caminhei até a frente da igreja, onde o Fernando e sua família recebiam os pêsames dos amigos e familiares. A Luna havia ficado em casa com uma prima do Fernando.

- Oi. - Falei ao Fernando.

- Oi. - Ele respondeu, em seguida desviou seus olhos para o chão. E aquela atitude me fez perceber que olhar para mim devia trazer muito sofrimento para ele.

- Posso falar com você?

Ele me encarou. Notei em seus olhos algo mais do que tristeza, notei surpresa.

- Claro. - Respondeu, me conduzindo para fora da igreja.

Chegamos a um belo jardim com alguns bancos, ele fez menção para eu me sentar, mas eu não me sentei. Precisava falar tudo o que eu pensava de pé.

- Que diabos você está fazendo?

- O que?

Dava para notar surpresa não apenas nas suas palavras, mas também em seus olhos profundamente azuis.

- Que merda você está fazendo? Olha, eu nunca confiei em você. Nunca o achei bom o bastante para a minha amiga, e eu juro, juro que não gostaria de saber que eu sempre estive certa, não agora que minha amiga se foi e deixou a coisa mais preciosa da vida dela aqui sozinha, e com a minha

promessa de cuidar dela...

- Promessa? Do que você está falando?

- Fernando, a Ângela me fez jurar que cuidaria da Luna se alguma coisa acontecesse com ela.

- Quando? Quando ela disse isso? Por que ela pediu isso à você?

- Minutos antes do parto. Isso não importa! Sua mãe veio até mim hoje, e disse que você sequer segurou a Luna em seus braços. Isso é verdade?

Ele não respondeu, apenas desviou os olhos para a porta da igreja.

- E isso é ser pai? - eu gritava sem me importar se alguém poderia estar nos ouvindo.

- Você não entende! - Ele disse baixo com o maxilar tenso.

- Não. Eu realmente não entendo como um homem pode renegar a própria filha, sabendo que ela está assustada, indefesa, sabendo que tudo é novo pra uma pequena menininha que saiu da barriga da sua mãe e nunca mais a viu, nunca mais a sentiu.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto e soluços embargaram a minha voz. Meu Deus! Como era difícil imaginar que tudo o que eu estava dizendo para choca-lo era a mais pura verdade.

- Você tem razão.

Ele se sentou e chorou como uma criança. Eu não sabia o que dizer, nem o que fazer. Vê-lo ali, indefeso e vulnerável me cortou o coração. Não estava sendo fácil para ele também.

- Fernando, precisamos nos unir. Precisamos fazer isso juntos.

- Eu não sei se consigo.

- Temos que conseguir. Pela Luna. Pela Ângela. Ela nunca nos perdoaria se soubesse que fracassamos com a filha dela.

Me sentei ao lado dele, e ficamos muito tempo calados. Apenas deixando as lágrimas caírem. Ele segurou minha mão, foi estranho mas ao mesmo tempo bom. Senti que ele estava me dizendo que tentaríamos.

Após um bom tempo sentados ali, a mãe dele apareceu para nos chamar. O Fernando pediu para que fossem para sua casa e informou que iria mais tarde, pois ainda precisávamos conversar.

A igreja estava vazia, todos já haviam ido embora. Passamos pelo altar e atravessamos para o outro lado da igreja onde havia uma porta para o estacionamento. Apenas o segui, sem falar nada. Ele abriu a porta do carro, me sentei no banco do passageiro e ele fechou a porta. Ele dirigiu calmamente pela cidade. Entramos em uma estrada e então percebi que não estávamos indo para a casa dele, mas sim ao cemitério. Fiquei em choque, não queria estar ali, mas ao mesmo tempo sabia que precisávamos estar ali. Ele estacionou o carro e descemos. Seguimos um ao lado do outro ainda sem nos falar ou nos olhar, não precisávamos nos comunicar. Eu sabia exatamente aonde estávamos indo. E meus pés reagiram às informações que meu cérebro acabara de processar.

- O que foi? - Fernando perguntou quando notou que eu não o acompanhava mais.

- Eu não quero... - E não só meus pés, mas também minha boca parou de responder aos comandos.

Fernando se aproximou, e sem que eu previsse me envolveu em um abraço que achei que ele nunca fosse capaz de me dar. Era um abraço acolhedor, cheio de sentimentos e sofreguidão. Deixei-

me envolver pelo cheiro de sabonete que ele exalava, e afundei o rosto em seu peito deixando que os soluços se libertassem. Chorei.

Chorei por um bom tempo acolhida naquele abraço tardio. Chorei sentindo a rouquidão que vinha do peito do Fernando, ele também estava chorando. E percebi que o abraço não era para me acalmar, mas sim acalmar a ele.

- Você consegue, nós conseguimos... Juntos. - Ele se afastou apenas o necessário para me encarar nos olhos.

Assenti uma vez, e então ele me soltou seguindo ao meu lado.

Chegamos ao túmulo da Ângela, ela foi enterrada junto com a mãe. Eu costumava estar com a Ângela ao meu lado, chorando pela mãe. Todo aniversário da mãe dela comprávamos um buquê de begônias e trazíamos ali.

O Fernando se abaixou em frente ao túmulo e começou a falar com a Ângela. Eu não conseguia escutar direito, mas sabia que ele estava questionando um monte de coisas. Foram longos minutos. Então ele simplesmente levantou e seguiu em direção ao carro. Passei os dedos pelo túmulo e balbuciei “Te amo, amiga”.

Andei lentamente em direção ao carro, ele me aguardava encostado na porta do passageiro, me olhava enquanto eu andava. Não consegui decifrar seu olhar, parecia zangado.

- Eu vou te ajudar com a Luna, sua mãe precisa voltar para a casa dela. Eu trabalho escrevendo artigos, posso trabalhar da sua casa, cuidando da Luna e você pode sair da sua academia quando eu tiver alguma reunião. - falei.

- Obrigado. - Seus olhos deixaram a expressão dura e a surpresa tomou o lugar. - Podemos fazer isso? Só até ela crescer um pouquinho e eu puder colocá-la em uma creche.

- Claro que podemos. Eu jurei para a minha melhor amiga que cuidaria da filha dela como se fosse minha.

- Só não me force a nada. Eu preciso de um tempo para entender tudo isso.

- Ok. Vou passar essa noite na sua casa, assim sua mãe pode ir hoje mesmo com sua prima.

- Obrigado.

- Vou pegar um taxi, preciso pegar umas roupas em casa antes.

- Ok, passamos lá antes.

Ele abriu a porta do carro novamente, e isso começou a me incomodar. Seguimos em direção à minha casa. Ao chegar desci apressada pedindo apenas 5 minutos para que eu pudesse fazer uma mala e pegar meu netbook. Ele concordou e ficou no carro me esperando.

Subi as escadas distraída procurando as chaves dentro da minha bolsa. Ao chegar no corredor do meu apartamento notei um homem mexendo no celular, sentado em frente à minha porta. Meu coração deu um loop ao notar que era o Gabriel. Tentei voltar, mas ele percebeu minha presença, se levantou rapidamente e veio em minha direção.

- Letícia, eu soube sobre a Ângela. Sinto muito.

- Obrigada, mas estou com pressa, me dá licença. - falei, me desviado de seus braços que tentavam me segurar e seguindo com as chaves em direção à minha porta.

- Quer dizer que o lance com o escritor é sério?

- o que?

- Ele estava na igreja segurando sua cintura.

Me virei para encara-lo.

- Você estava me seguindo?

- Não, eu fiquei sabendo sobre a missa da Ângela e fui te dar apoio, mas parece que você não precisa.

- Fique longe de mim e dele. Não existe mais nada entre nós, você entendeu?

Ele se aproximou de mim os olhos prendendo-se nos meus, agarrou meu braço e falou bem perto do meu ouvido.

- Você é minha. Nós vamos ficar juntos de novo. Nem que...

- Solta ela, Gabriel!

Aquela voz grave ecoou pelo corredor, assustando a nós dois.

- Fernando, soube sobre a Ângela, meus pêsames amigo. - falou, me soltando e seguindo com a mão estendida para cumprimentar o Fernando.

- Obrigado, mas não somos mais amigos desde o momento que você começou a agir como um canalha com a Letícia. - falou Fernando, sem retribuir ao cumprimento de Gabriel. - Acho melhor você ir embora, pelo que ouvi a Letícia já pediu para você ficar longe dela.

- Calma, vocês dois estão muito arredios, eu só queria desejar meus pêsames. - disse Gabriel ironicamente.

- Já disse. Pode ir embora. - disse Fernando abrindo passagem e indicando a escada.

Me apressei para abrir a porta, enquanto Gabriel descia as escadas. Minhas mãos tremiam, não sei o que poderia ter acontecido se Fernando não tivesse aparecido. Finalmente abri a porta e entramos rapidamente, enquanto Fernando fechava a porta, corri para a cozinha pegar dois copos de água. Ele parecia calmo, mas pelo tom de voz que usou com o Gabriel, eu sabia que ele não estava calmo. Entreguei o copo com água a ele e tomei o outro copo.

- Ele tem aparecido aqui outras vezes?

- Não só hoje e aquele dia que você estava comigo. - seus olhos me fitavam, mas ele parecia não estar ali.

- Me fale a verdade. - sua voz era forte e imponente, por um instante me fazendo vacilar.

- Estou falando. Ele só veio essas duas vezes.

- Então por que eu não acredito? - ele se aproximou de mim, olhando nos meus olhos.

- Não sei, mas eu juro que foram só essas duas vezes. Vou arrumar minhas coisas.

Sai da sala em direção ao meu quarto. Não entendi esse instinto de proteção repentina, entendo que ele ficou nervoso pelo que poderia ter acontecido comigo se ele não tivesse chegado a tempo. Mas sua reação foi um tanto exagerada.

Peguei uma mala e coloquei algumas roupas, chinelo, produtos de higiene, afinal, não sabia por quanto tempo ficaria lá. Pelo visto, muito tempo.

Fernando estava em pé, olhando pela janela.

- Ele já foi? - perguntei, o tirando de seus pensamentos.

- Sim. - respondeu, virando-se para me encarar. - Desculpe pela minha reação. É que ele tem estado agressivo com você essas duas vezes.

- É, eu sei. Ele nunca foi assim. Acho que está caindo na real, percebeu que me perdeu pra valer. Vai passar, ele vai superar.

- Meu medo é que ele faça algo com você antes de superar.

Medo? Ele disse medo? Por que ele ficaria com medo?

- Por que você subiu?

- Eu liguei o som do meu carro e encostei no banco, então percebi que o carro dele estava estacionado do outro lado da rua. - Ele respirou fundo. - Escuta, Letícia, você precisa ficar mais atenta à ele. Eu ouvi ele falando que estava na igreja. Ele está te seguindo. Talvez você precise fazer um boletim de ocorrência na delegacia, eu posso ir com você.

- Não! Não acho que seja necessário. Ele nunca me machucaria.

Eu não poderia fazer isso. Ele seria chamado para se explicar. E nós quase nos casamos. Como eu poderia fazer isso agora?

- Ele estava segurando forte o seu braço. - Ele disse se aproximando e olhando para meus braços. E me surpreendi com a descarga elétrica que senti quando seus dedos tocaram meu braço esquerdo, seus olhos varrendo minha pele em busca de algum machucado.

Puxei meu braço seguindo em direção à porta.

- Ele não vai me machucar. Tá legal ? Vamos logo, vai ficar tarde.

- Ele já te machucou.

Não sei se ele disse isso se referindo ao meu braço que estava com as marcas vermelhas dos dedos do Gabriel, ou se ele se referia ao meu coração. Entramos no carro calados. Sempre foi assim, nós nunca conversamos muito, mas esses silêncios têm começado a me incomodar.

Chegamos à casa do Fernando. Enquanto ele se despedia dos pais, decidi ficar com a Luna. O quarto rosa estava todo arrumado, os detalhes projetados pela Ângela eram perfeitos. O quarto é lindo e a menina dormia calmamente em seu berço. Eu ainda não havia ficado sozinha com a Luna, queria pega-la em meus braços, queria dizer que ficaria tudo bem, que eu estava ali agora. Mas ela havia acabado de dormir e poderia acordar. Fiquei por um bom tempo olhando para ela. Até que notei a presença de Fernando na porta. Olhei para trás e lá estava ele, nos observando da porta.

- Você está com fome? Vou fazer o almoço.

- Nossa, não tinha percebido que já passa das duas horas da tarde. Eu vou com você. - Falei pegando a babá eletrônica e me aproximando da porta.

Ele não se mexeu, percebi que queria olhar a Luna de perto, mas seus pés cravados no chão mostravam uma luta interna que eu não poderia vencer. Deixei que ficasse ali olhando de longe para o berço, mesmo sabendo que ele não conseguia ver a menina deitada. Fiquei olhando também para o berço, esperando uma reação dele. Até que ele simplesmente virou as costas e desceu as escadas.

Desci em silêncio, na cozinha ele começava a pegar as panelas, macarrão, e outros ingredientes, só me resta va arrumar a mesa, e como eu conheço a cozinha muito bem, peguei os pratos direto nas portas e abri as gavetas corretas. Ele me observa de canto de olho.

- A parte boa é que você conhece muito bem a casa.

- É, conheço. - *Ah, droga! Esqueci de ligar para o Fred!* - Fernando, preciso fazer uma ligação.

- Fique a vontade, pode usar o telefone da sala.

- Obrigada, mas vou ligar do meu celular mesmo, com licença. - falei apressada seguindo para a sala, retirei o celular do bolso e disquei para o número da última ligação recebida. Expliquei a situação para o Fred, ele pareceu entender bem. Me apoiou o tempo todo e disse que se eu precisasse de qualquer coisa poderia contar com ele. Mas me assustou dizendo que precisávamos conversar pessoalmente. Insisti para que dissesse do que se tratava, mas ele não quis. Assegurei que assim que eu pudesse deixar a Luna com o Fernando iria encontrá-lo.

Desliguei o telefone com um vazio enorme no peito, sentindo que estou perdendo uma pessoa maravilhosa que nem tive a chance de conhecer. Sentindo que não sou mais a mesma, e que sempre vai ficar faltando um pedaço de mim. Respirei fundo e segui para a cozinha tentando não parecer triste, o Fernando precisa sentir que sou um porto seguro para que ele possa se recuperar.

Ao chegar na cozinha me assustei ao não encontrar o Fernando. Subi as escadas e notei que a porta do quarto da Luna estava aberta. Parei na porta do quarto e fiquei observando o Fernando apoiado no berço passando a mão na cabeça da Luna e cantando uma música bem baixinho. Em pouco tempo ele percebeu minha presença.

- Me desculpa, ouvi algo na babá eletrônica e vim ver. Não sabia que estava aqui. - Falei assim que ele virou a cabeça para me encarar.

- Tudo bem. Ela dormiu de novo. - Disse levantando-se e seguindo novamente para a cozinha.

Eu queria poder dizer alguma coisa para confortá-lo, para que saiba que é passageiro, para que saiba que também está sendo difícil pra mim, mas meu medo é que ele se feche novamente e não volte a entrar no quarto. Ao chegarmos na cozinha, ele passou as mãos pelo cabelo deixando escapar um suspiro.

- Está tudo bem? - perguntei, me posicionando na frente dele, para encarar aqueles olhos que me amedrontam às vezes de tão profundos e escuros. Mas me impressionei com o que vi, seus olhos estavam claros e cheios de água.

- Sim, eu assustei porque ela tossiu. - ele desviou os olhos dos meus. - Eu corri pra lá, e ela estava me olhando. Aqueles olhinhos parecem muito com os da Ângela.

- Parecem, ela se parece muito com a Ângela. - Falei, e um sorriso que não pude conter apareceu em meus lábios. Mordi os lábios quando notei que ele me encarava novamente. Ele ficou me olhando, balançou a cabeça em sinal de concordância e eu senti que ele sorria com os olhos. Mas sua boca permanecia séria.

CAPÍTULO 16

Passaram-se dois dias desde que decidi ficar na casa da Ângela para ajudar Fernando com a Luna. Na verdade tenho feito tudo sozinha, banho, leite, durmo na cama que improvisamos no quarto da Luna. Sinto que tem sido difícil para o Fernando, mas ele tem voltado cedo para casa e tem ajudado em todas as outras tarefas da casa, como lavar roupa, fazer comida, lavar louça. Meu trabalho tem sido fácil, a Luna dorme a maior parte do dia, tenho trabalhado bastante e recebido elogios do Carlos, meu redator, e depois que expliquei minha atual situação à Márcia, chefe de edição, ela tem me apoiado muito e disse até que posso participar das reuniões via telefone.

Estava sentada na sala quando Fernando chegou, e sem dizer uma palavra seguiu para seu quarto. Me concentrei no meu netbook, precisava finalizar a matéria que estava escrevendo, não que eu estivesse atrasada, na verdade estou muito adiantada, tenho três matérias guardadas. Mas estava bem inspirada escrevendo.

Trinta minutos depois, Fernando estava na sala inclinado no carrinho de bebê ao meu lado, continuei escrevendo, e para minha surpresa ele a pegou no colo, simplesmente não consegui escrever mais nada, mas também não queria que notasse que eu estava prestando atenção nele, então continuei digitando no notebook.

- Ela está ganhando peso? - Me perguntou, segurando-a desajeitado.

Como estava calor, a deixei vestida apenas com um body rosa de ursinho. As perninhas da Luna estão gordinhas. E não posso deixar de sorrir.

- Acredito que sim, meus braços já começaram a doer quando a faço dormir. - Disse com o sorriso se alargando. Ele também sorriu.

- Quando precisamos leva-la no pediatra? - *“Precisamos? Ah, meu Deus! Era isso mesmo? Ele já estava se incluindo nas atividades da Luna?”*

- Na semana que vem ela completa um mês, marquei o pediatra para quarta-feira.

- Ok, vou acabar me esquecendo, você me avisa um dia antes?

- Claro! Fernando, eu preciso buscar meu carro.

- Por que ?

- Caso eu precise sair.

- Sair com a Luna?

- Não. Mas se eu precisar ir pro trabalho, pra alguma reunião.

- Você usa o meu carro. - Respondeu ríspido.

- Não. Não vou dirigir o seu carro. E preciso me encontrar com o Fred. Ele tem algo importante para me falar.

- Liga pra ele. Pode ir hoje. Eu fico com a Luna. Você já deu banho nela?

- Já. Mas e se precisar trocar a fralda dela?

- Eu me viro. Vá se encontrar com ele! - Só neste momento ele tirou os olhos da Luna e me encarou.

Seus lábios pareciam sinceros, mas algo em seus olhos me diziam que ele não queria que eu fosse.

- Ok. Assim ele me deixa em casa e pego meu carro.

Quando fiz minha mala, não pensei que precisaria me arrumar para um encontro, e a única roupa que serviu para sair foi um vestido simples que pensei usar em alguma reunião no trabalho.

Meia hora depois recebi uma mensagem no celular:

FRED: “Estou no portão, Linda”.

Me despedi do Fernando, deixei algumas recomendações sobre a Luna, dei um beijinho na testa dela e segui para o portão.

Fred estava encostado na porta do carro, de calça jeans e camiseta polo azul escura. Me aproximei e ele sorriu se aproximando com os braços abertos e me envolveu em um abraço. Após me beijar no rosto, abriu a porta para que eu entrasse.

- Você está linda! - Disse se acomodando no banco do motorista.

- Obrigada!

- Como você me ligou há meia hora atrás, não fiz reserva e nem tenho nenhum plano pra essa noite! - Disse sorrindo para mim. Seu sorriso me encanta e seus olhos fazem eu me perder em questão de segundos. - Você tem planos?

- Não. - sorri. - Eu só queria te ver.

- Ótimo, porque eu estava morrendo de saudades. - Disse ele me surpreendendo em um beijo avassalador. E então me perdi de verdade.

Quando seus lábios deixaram os meus, me recompus com dificuldade.

- Então pra onde vamos? - Perguntei me ajeitando no banco do carro.

- Já sei. - Ele disse com um sorriso, sem me olhar e ligou o carro.

Quinze minutos depois entramos em um condomínio de alto padrão com dois prédios. Fred estacionou o carro em uma vaga próxima ao elevador.

- Não acredito que você vai me levar para a sua casa no nosso segundo encontro. - Falei zombando.

- Esse não é o nosso segundo encontro! - Respondeu, me apertando em um abraço, de modo que seus olhos encararam os meus.

- O primeiro na livraria não conta, no hospital também não e na igreja muito menos.

- Todos contam, cada minuto ao seu lado é maravilhoso!

- Fala sério Fred. - Falei me soltando de seus braços e fechando meu sorriso. - Nenhum momento comigo foi bom. Você me conheceu na livraria, eu nem sabia quem você era, estava passando mal, depois fomos ao restaurante e saímos correndo para ir no hospital ver minha amiga e todas as outras vezes foram nessas circunstâncias.

Andamos até o elevador, e antes de apertar o botão ele segurou minhas mãos me encarando sério e disse:

- Você não tem ideia do efeito que causa em mim, não é? Você é linda, engraçada, inteligente, é

impossível não se apaixonar. A forma como você se preocupava com sua melhor amiga, a forma com a qual você encarou a responsabilidade de ser mãe da filha dela.

- Eu não sou mãe dela. - Falei de repente. Assustada com essa palavra.

- Não? Você dá banho nela, dá leite, passa algumas noites acordada ao lado dela, abriu mão da sua vida pra se dedicar à ela. É claro que você é mãe! Assumi todas essas responsabilidades sem pestanejar.

Eu não havia me dado conta de todos esses fatores, não havia me dado conta de que realmente abri mão da minha vida, do meu conforto para cuidar da Luna. Não havia pensado no papel que estava tendo na vida da Luna.

- Tem razão. - Falei sorrindo por me imaginar mãe, mas ao mesmo tempo em choque por estar caindo em si.

Ele sorriu e apertou o botão do elevador, sem tirar os olhos de mim. Subimos para o seu apartamento no sexto andar. O apartamento tem a decoração bem masculina. Paredes brancas, sofá de couro preto, quadros abstratos, sem fotos, sem flores. Simples e chique.

- Adorei seu apartamento, é bem espaçoso. - Falei, andando pela sala até a porta que levava à varanda.

- Espaçoso e sem graça. Pode falar.

- Não, na verdade eu adorei sua decoração. Bem chique!

- Obrigada. Vou preparar um macarrão ao molho de gorgonzola, você gosta?

- Adoro! - Falei o seguindo para a cozinha.

- Ok, sente-se aqui. - Ele falou, me apontando uma banqueta em frente à cozinha.

Ele caminhou pela sala até uma adega, retirou uma garrafa, analisou o rótulo e com sinal afirmativo, passou por mim seguindo para a cozinha. Fiquei observando, com a certeza de que estava com cara de boba olhando para ele, mas não me importei, nada me importava, eu estava feliz ali e queria aproveitar cada momento. Ele ficou do outro lado do balcão, me entregou uma taça e brindamos.

- À felicidade. - Ele falou, batendo sua taça na minha.

- À felicidade. - repeti. Apesar de eu me sentir muito bem ao lado dele, uma tristeza pairava sobre meus pensamentos.

O vinho era perfeito. Tudo estava perfeito. Mas ainda assim aquela tristeza não me deixava curtir o momento. Conversamos sobre muitas coisas. Ele falou sobre os irmãos dele, falamos sobre trabalho, ele me perguntou sobre a Luna. Me senti muito à vontade.

Quando o macarrão ficou pronto, sentamos na mesa da varanda para comer.

- Letícia, eu gostaria de conversar sobre uma coisa muito séria com você, mas não sei como falar sem parecer precipitado.

- Fred, assim você me assusta. - Falei, colocando o garfo sobre o prato.

- Calma. Não era essa a intenção. Fui convidado para ministrar um curso em Paris.

- Que legal! Parabéns! - Falei me levantando para abraça-lo.

Ele se levantou e me apertou em um abraço envolvente, cheio de sentimentos e algo mais que não consegui identificar, talvez medo, ou pesar. E então sussurrou em meu ouvido:

- Vem comigo pra Paris.

Suas palavras me pegaram de surpresa e enrijei. Senti meu sangue congelar. Aquilo era o que toda mulher gostaria de ouvir, e qualquer uma em sã consciência não pararia para pensar nem um segundo. Sentindo minha reação, ele acariciou meus cabelos e prosseguiu:

- Posso arrumar um emprego pra você em alguma revista por lá, você sabe, tenho contatos. Você moraria comigo, não teria gastos.

- Uau... isso é... totalmente... inesperado. Quero dizer, é fantástico! Eu adoraria ir, é a melhor proposta que já recebi na minha vida. É um sonho!

- Adoraria? quer dizer que não vai aceitar. - Suas palavras eram cheias de pesar, e seus braços afrouxaram o abraço. Enfim senti o sangue bombeando sob minha pele, ainda frio.

- Não posso aceitar. Tenho a Luna agora e preciso cumprir com o que prometi para a minha amiga. Ela ainda é pequena, precisa de mim.

- Ela tem o pai dela... Olha eu sei que você prometeu à sua amiga, mas até quando você acha que ele vai permitir que você more na casa dele?

- Eu sei! É complicado, mas agora não posso ir.

- Vamos fazer o seguinte, você pensa e me responde até o final de semana. Eu vou no final desse mês. E queria muito que você fosse comigo. Isso fará muito bem para sua carreira.

Eu já tinha a minha resposta. E ela ditaria o fim de algo lindo que nem chegou a acontecer.

- Ok. Te respondo no final de semana.

Terminamos de comer, retiramos as coisas da mesa em silêncio, e quando terminamos ele me surpreendeu com um abraço e um beijo apaixonado. Não conseguia me desgrudar dele, aquilo era o que eu precisava, carinho, amor. Ele me conduziu ao seu quarto sem desgrudar sua boca da minha, suas mãos passeavam pelo meu corpo determinadas. Chegamos perto da cama e ele se afastou de mim, mantendo seus olhos nos meus e perguntou:

- Você confia em mim?

- Sim. - Respondi ofegante.

Ele colou sua boca na minha, com um beijo quente e cheio de desejos, e antes que eu pudesse pensar, me entreguei.

Girei a maçaneta bem devagar, com a ajuda da luz do celular encaixei a chave na fechadura pelo lado de dentro e fechei a porta, mas quando eu estava girando a chave na fechadura a luz acendeu e pulei de susto, me virando para olhar quem a acendeu.

- Fernando! Desculpe, te acordei?

- Eu estava te esperando. - Ele respondeu seco.

- Você não precisava me esperar. Me desculpe, demorei demais e...

Ele veio andando em minha direção, sem camisa, só com o short do pijama, e pegou a chave do carro da minha mão.

- Vou guardar seu carro na garagem.

- Não precisa! Pode deixar na rua.

- Tenho duas garagens, não tem necessidade de deixar ele na rua.

- Ok. - falei concordando. Quando ele decide fazer alguma coisa, não há ninguém que tire isso da cabeça dele.

Ele guardou meu carro e trancou a porta da sala, pendurando as chaves no porta chaves atrás da porta. Sentou-se ao meu lado no sofá, onde eu o aguardava.

- Como foi sua noite com a Luna? - perguntei.

Por alguma razão, que não sei dizer qual, eu me sentia estranha, como se estivesse nervosa, como se devesse alguma satisfação à ele, como se ele tivesse me pego fazendo alguma coisa errada. Assumi, como sendo apenas pelo fato de estar na casa dele. Eu me sentia com dezesseis anos chegando de uma festa depois de ter bebido cerveja.

- Foi boa, troquei a fralda dela, dei leite, e eu acho que ela sorriu pra mim. - Seu rosto se iluminou e sorri. Notando meu sorriso, ele perguntou - o que foi?

- Nada. - Falei mexendo nas minhas unhas.

- Que foi? Fala. - Ele insistiu

- Você já está com cara de pai, sorrindo e bobo. - Falei e soltei uma gargalhada.

Ele sorriu e ficou pensativo, eu apostaria mil reais que ele estava pensando na Angela. De repente ficou sério novamente e me perguntou.

- Como foi seu encontro? Se divertiu muito? - apesar de ter perguntado, eu podia jurar que ele não estava interessado na resposta.

- Foi bem legal. - tenho certeza que fiquei vermelha, pois senti meu rosto esquentar. - Ele me levou no apartamento dele, jantamos, conversamos, tomamos vinho.

- Apressadinho esse Fred, não? - Um lampejo passou por seu rosto, mas não consegui identificar o que era.

- Por que apressadinho?

- Já te levou no apartamento dele no primeiro encontro?

- Não foi bem assim, não foi o primeiro encontro. - Falei nervosa.

- Onde vocês foram no primeiro encontro?

- Bem, eu o conheci na livraria e fomos jantar em um restaurante de massas no shopping.

- Isso não foi um encontro oficial, você tinha passado mal.

- Como você sabe disso? - Perguntei espantada.

- Sabendo. Eu sei muito sobre você. A Angela gostava muito de você. - Falou me encarando nos olhos. Minha boca congelou e não consegui pronunciar nenhuma palavra. Percebendo minha falta de argumentos, ele prosseguiu: - Então eu sei que ele só queria te levar pra cama.

Entendi a provocação e respondi de imediato.

- Não, na verdade ele me convidou para morar em Paris, ele vai ministrar um curso por um ano e pode me arrumar um emprego, afinal, nós dois somos escritores, ele é famoso e conhece muita gente.

O efeito do que eu disse foi diferente do que eu esperava, também não sei o que eu esperava, talvez uma risada sarcástica. Qualquer coisa, menos aquela reação. Ele arregalou os olhos.

- Bom, então parabéns e boa viagem! - Levantou-se e saiu da sala.

Eu não consegui me mexer, fiquei perplexa. De todas as conversas que tive com o Fernando aquela foi a mais estranha, ele nunca me olhou nos olhos, nunca realmente conversamos sobre qualquer coisa, ele parecia estar interessado na minha vida, parecia cuidar de mim, ou pior parecia com ciúme, ou raiva. Sim, talvez fosse raiva por achar que eu fosse capaz de abandonar ele e a Luna.

CAPÍTULO 17

Era quarta-feira, acordei com a Luna chorando e antes que pudesse me levantar, Fernando já estava sobre o berço pegando-a nos braços.

- Posso acender a luz? - Perguntou, apoiando-a no trocador.

- Pode, claro ! - Falei me levantando.

- Pode ficar deitada. Não vou para a academia hoje, já passei algumas ordens por telefone, as coisas lá estão sob controle.

Ele é dono de uma academia e nunca deixou de ir trabalhar, ele diz que o olho do dono é que engorda o gado.

- Não, preciso me levantar. Você não precisa faltar ao ser trabalho, eu posso cuidar da Luna.

- Eu preciso me virar sozinho com a minha filha. - respondeu ríspido. Ok, agora eu tinha certeza que ele estava pensando que eu os abandonaria.

- Por que ? Eu não estou te ajudando? - perguntei brava, parando em pé ao lado dele.

Ele parou de passar o lenço umedecido na Luna e me encarou.

- Você não poderá ficar aqui pra sempre, você tem sua vida. Isso não é obrigação sua, é a minha.

Fiquei muito nervosa, era verdade, o que ele dizia era verdade, não era obrigação minha, mas eu queria estar ali e não poderia gritar isso pra ele, porque ele tem todo o direito de me expulsar de sua casa se quiser. Então calmamente me recompus e falei muito séria olhando em seus olhos:

- Eu prometi à minha melhor amiga que cuidaria da filha dela. Tudo bem que você é o pai, e o único que tem direitos. Mas eu não vou quebrar a promessa que fiz à minha amiga. Não vou ! - Falei saindo do quarto e entrando no banheiro.

Sentei-me no chão e a única coisa que podia fazer era chorar. Chorei como uma criança contrariada pelos pais, chorei por não ter minha amiga ao meu lado, chorei porque eu queria ir morar em Paris com o homem por quem eu estava apaixonada, chorei porque eu queria ser forte para lidar com o Fernando, chorei porque eu não queria que a Luna crescesse sem a mãe dela, e chorei porque minha amiga me deixou nessa situação, a culpa era dela, e eu não sabia lidar com aquilo, porque era ela a mais sensata de nós duas, era ela a mais racional, ela sempre foi o meu porto seguro.

- Letícia, abre a porta!

O Fernando estava me chamando, não sei quanto tempo estive sentada no chão, mas sei que minhas costas doíam. Eu devia estar soluçando alto. Como não respondi ele chamou de novo.

- Letícia, está tudo bem?

- Sim. Já estou indo.

Lavei meu rosto e abri a porta.

Seus olhos não estavam surpresos por ver meus olhos e nariz vermelhos. Então tive a certeza que estava soluçando alto. Seus olhos pareciam tristes por me ver assim. E antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, despenquei a chorar.

- Ela não está mais aqui, porque ela fez isso comigo? Não consigo lidar com isso, é muita coisa. Ela tinha que me ajudar, ela me ajudava sempre. Ela sabe lidar com as situações. Eu devia ter

morrido e deixado uma filha pra ela. Ela saberia o que fazer, ela saberia lidar com você, com o Gabriel, com o Fred e com tudo.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me abraçou e acariciou meus cabelos.

- Eu sei, ela sempre sabia o que fazer.

Não consegui dizer nada, apenas soluços passavam pela minha garganta. Então ele continuou.

- Eu sei lidar com essa situação, eu contratei uma senhora para cuidar da Luna e da casa, ela virá aqui hoje e você pode seguir sua vida. Se mudar para Paris, ter sucesso na sua carreira. - Ele segurou meu rosto, me fazendo encara-lo nos olhos. - Eu estou te tirando da sua promessa. Não preciso de você e a Angela entende isso. Ela te ama, e não quer te ver infeliz.

- Não! - Minha garganta queimava. - Eu não vou deixar a Luna. Eu já recusei a proposta de ir para Paris, eu nem sequer pensei nisso, eu respondi na hora que ele me perguntou.

Seu rosto se iluminou. Não consegui decifrar o que se passava pela cabeça dele, mas parecia ser uma notícia boa. Eu diria alívio, mas não era só isso.

- Ok, a decisão é sua, mas eu preciso saber porque. - Ele falou, ainda segurando meu rosto.

- Primeiro porque eu já amava a Luna antes de ela nascer, e durante essas três semanas eu percebi que não sei mais viver sem ela. Segundo que eu já sofri demais com o Gabriel, queria sim que desse certo com o Fred, mas só de pensar na possibilidade de dar errado e de eu estar em um lugar totalmente diferente e longe de todos, não quero arriscar. Estou tendo uma oportunidade muito boa na revista, e isso é certo, não quero trocar o certo pelo incerto.

- Entendo. - Ele disse me soltando, lentamente e muito pensativo.

- Não me expulse da sua casa, eu sei que não posso viver aqui pro resto da minha vida, mas eu quero estar ao lado dela, entende? Eu quero participar e quero te ajudar.

- Eu não poderia te expulsar. Você pode ficar o tempo que quiser. - E saiu de cabeça baixa, com uma das mãos na cintura e a outra na nuca.

Não sei o que ele poderia estar pensando, ele é indecifrável, hora parece feliz, hora parece arrasado. Não consigo entender.

Tomei um banho demorado, como havia tempos não tomava. escovei os dentes, os cabelos, vesti um vestido curto, fazia calor. Da cozinha, vinha um cheiro de café, ovos e bacon. Luna estava em em seu carrinho no canto da cozinha, rindo e babando eu seu brinquedinho de borracha.

- Hum, o cheiro está muito bom. - Ele se virou colocando o pano de prato sobre a pia e me encarou. Senti um arrepio quando seus olhos passearam por meu vestido, subindo até pararem em meus olhos. O silêncio parecia eterno. Então ele se sentou.

- Fazia tempo que eu não tomava um café da manhã assim. - Ele disse me entregando um prato.

- Obrigada, eu também. - Falei me sentando.

O clima estava pesado, tomamos café em silêncio evitando olhar um ao outro. Quando a Dona Maria chegou, a senhora que o Fernando contratou para cuidar da Luna, conversamos um pouco e aproveitamos o dia para trabalhar na editora.

Passei a maior parte do dia me relacionando com as pessoas da revista, mal consegui escrever com tantas pessoas vindo falar comigo, o que foi até um alívio pois eu tenho certeza que ficar em silêncio só me faria pensar em uma coisa, e eu me recusava pensar nele.

Cheguei em casa exausta e morrendo de vontade de apertar as bochechas da Luna. Guardei o carro e abri a porta da sala. O Fernando estava sentado assistindo um filme só com a parte de baixo do pijama. Seus músculos à mostra, não consegui não reparar. Até que ele perguntou.

- Quer que eu vista uma camiseta?

Me tirando dos devaneios, respondi:

- Não! não precisa ! Sinta-se em casa. Afinal é a sua casa!

Ele pausou o filme e se levantou, andou até ficar exatamente à minha frente e apoiou as mãos nos meus ombros. Tive que levantar a cabeça para encará-lo. Nossa acho que nunca tinha reparado em quão alto ele era, de forma que se me abraçasse poderia pousar o queixo facilmente no topo da minha cabeça.

- Enquanto você estiver aqui, quero que sinta-se na sua casa. Chega a ser injusto você se sacrificar tanto.

- Não é sacrifício estar aqui. - Isso me fez pensar em quanto tempo eu não ia para a minha casa, em quanto tempo eu não dormia na minha cama. Até que era injusto, eu estava dormindo em uma cama no quarto da Luna.

- Ok, só quero que sinta-se à vontade aqui.

- Obrigada, vou tomar um banho. A Luna está dormindo?

- Sim.

Subi as escadas me sentindo completamente triste, vazia, eu sentia falta da minha casa, das minhas coisas, sentia falta de me jogar no sofá e adormecer ali mesmo, mas o que eu mais sentia falta era da minha amiga, e estar na casa dela me fazia, de alguma forma, senti-la mais próxima. Peguei minha camisola, dei um beijo na testa da Luna que dormia serenamente e segui para tomar um banho.

Muitas coisas passaram pela minha cabeça, sentia como se cada gota do chuveiro fosse um pensamento e aquela enxurrada de pensamentos me deixava cada vez mais tonta. Por fim, decidi que não pensaria mais em nada, decidi aceitar que essa era a minha vida e que assim seria. Sem romantismo, sem grandes feitos. A vida que eu assumiria a partir de agora era apenas dedicada à Luna. Hoje abro mão dos homens, filhos e tudo o que eu poderia ter desejado na adolescência.

Desci as escadas e me deparei com o Fred conversando com o Fernando na sala, os dois estavam rindo, cada um com uma garrafa de cerveja na mão. Notei que o Fernando havia colocado uma camiseta. Logo que perceberam minha presença, os dois se levantaram e o Fred veio ao meu encontro.

- Oi, me desculpe vir aqui tão tarde, tentei te ligar mas só dava caixa postal e eu realmente preciso falar com você.

Quando meus pulmões juntaram ar suficiente para responder, fomos interrompidos por Fernando, que estendia a mão para Fred.

- Cara, vou deixar vocês conversarem. Prazer te conhecer! - os dois apertaram as mãos e sem me olhar, Fernando passou por mim e subiu as escadas.

- Meu celular está sem bateria. O que está acontecendo? - Falei, depois que o Fernando levou com ele o ar pesado que pairava pela sala.

Ele me dirigiu até o sofá e após sentarmos falou.

- Adiantaram minha partida. Pego o vôo amanhã, preciso estar lá na sexta-feira à noite.

Eu sabia que teria de me despedir, mas achei que teria tempo para isso. Aquela notícia me deixou arrasada, eu não tinha o que dizer, não sabia o que fazer, nem como agir. Meu silêncio era mortal.

- Lê, eu sei que não era assim que você imaginava.

- Não era mesmo. Mas nós sabíamos que seria assim, sabíamos que o fim chegaria.

- Fim? - Ele parecia confuso. - Por que fim?

- Porque nós dois sabemos que um relacionamento à distância não vai funcionar. Eu não quero isso pra mim. Desculpa, mas a gente termina aqui.

Eu não conseguia dormir, não conseguia tirar da cabeça o olhar triste do Fred, quando me abraçou e foi embora. Mas também não me permitia chorar, não mais, nunca mais choraria por um homem. O Gabriel me ensinou que não vale à pena. Mesmo que ele não tenha feito nada, um dia faria. Desci as escadas para beber água, notei a luz da cozinha estava acesa, mas nenhum barulho vinha de lá. Fernando estava sentado à mesa, sem camisa novamente, com uma garrafa de água em uma mão e um copo de vidro na outra.

- Achei que tinha esquecido a luz acesa. Faz tempo que está aqui? - Falei, pegando um copo do armário.

- Não muito.

Me sentei à sua frente e estendi o copo para que me servisse a água. Ele me serviu lentamente, pensativo, olhando apenas para o meu copo.

- Insônia? - Perguntei.

- Não.

- Eu também não, só está sendo difícil dormir hoje. - Falei, tomando um gole de água.

Ele respirou fundo, como se tivesse algo a dizer e virou o resto da água que tinha em seu copo. Colocou o copo na mesa bruscamente e ficou me encarando. Tomei o restante da minha água e fui até a pia para lavar meu copo, percebendo que ele não estava muito para conversa hoje. E me perguntei: quando é que ele esteve para conversa?

Percebi que ele havia se levantado pelo barulho da cadeira, mas não ouvi seus passos, presumi que estava em pé ao lado da mesa atrás de mim. Até que escutei sua voz, alta, grossa e sem nenhum tipo de sentimento.

- Não consegue dormir por causa do Fred? Ele me falou que teve que antecipar a viagem. Me virei e fitei seus olhos que me encaravam.

- Não, não é por causa dele.

Ele deu um passo em minha direção, seus olhos estavam confusos fitando os meus, congelei quando percebi que seus olhos azuis, que quase sempre eram tão frios, estavam parecidos como o azul do mar. Profundos, cristalinos, cheios de sentimentos. Ele se aproximou mais, uma de suas mãos pousou em minha nuca, pude ver bem no fundo dos seus olhos e apesar de parecerem transparentes, não demonstravam nenhum de seus pensamentos. Ele se abaixou em minha direção lentamente, me dando tempo suficiente para me afastar, mas não consegui raciocinar, minhas pernas pareciam feitas

de gelatina. Minha respiração ficou mais rápida, seus lábios encontram os meus sugando lentamente meu lábio inferior, e eu me derreti. A outra mão agarrou minha cintura, enquanto ele me beijava suavemente, apenas com os lábios. Subi minhas mãos pelos seus braços e agarrei seu pescoço. Neste instante, sua língua invadiu minha boca, varrendo qualquer pensamento são que eu pudesse ter. Ele me apertou, e eu o apertei mais. Passei as mãos no abdome definido dele, ele desceu as mãos até minha coxa e subiu até minha bunda por baixo da camisola, ele a ergueu e sem pensar levantei os braços para que a retire totalmente. Nossas bocas se descolaram por um milésimo de segundo e eu me senti desolada. Ele retomou o beijo, me fazendo esquecer que eu estava apenas de calcinha na cozinha, seus lábios, sua língua, eram as únicas coisas que conseguia pensar.

Ele entrelaçou minhas pernas com facilidade por sua cintura e me levou até o quarto dele. Me deitou na cama e se deitou sobre mim, sem ao menos descolar os lábios dos meus. Seus braços me soltam, apoiando um cotovelo na cama ele esticou a mão até o criado mudo, abriu a gaveta e retirou uma camisinha. Não sei quando ele desembalou, nem como, mas sei que seus lábios não me deixaram por nenhum segundo.

É sexta-feira, abri os olhos e me vi nua enrolada nos lençóis do Fernando. Que vergonha! Ele não estava no quarto, levantei-me rapidamente, vestindo minha calcinha e a camisola que estavam no criado mudo. Segui nas pontas dos pés para o quarto de Luna, mas nem o Fernando nem ela estavam no quarto. Escutei um barulho na cozinha.

Ele deve estar fazendo o café da manhã.

Aproveitei para tomar banho, e enquanto a água escorria pelos meus cabelos me lembrei da noite anterior, dos beijos, do sexo. E um pânico se instaurou na minha mente, eu não podia ter deixado aquilo acontecer, não vai ser bom. Eu sei que não vai. Ele era o marido da minha melhor amiga, nunca senti nada por ele, na verdade nem mesmo gostava dele. Será que estou o usando como consolo? O Gabriel, depois o Fred, minhas decepções amorosas começaram a me sabotar - pior - começaram a sabotar a minha melhor amiga. Sou uma péssima amiga!

Me desculpe Angela! Eu sei que você me pediu para cuidar da sua filha e não do seu marido.

Desliguei o chuveiro me sentindo mais suja do que quando entrei. Eu não fazia ideia do que fazer, de como agir. Mas queria encontrá-lo, queria ver como reagiria. Se fingiria que nada havia acontecido ou se conversaríamos sobre o assunto. Eu não sabia o que dizer, então decidi esperar ele falar primeiro.

Avistei o carrinho da Luna no canto da cozinha e meu coração derreteu. Quando finalmente entrei na cozinha, não era o Fernando quem estava lá, mas sim Maria. Ela me olhou, e notou algo em meu rosto que a paralisou, talvez choque ou decepção. Enquanto enxugava as mãos no avental se aproximou se desculpando.

- Desculpe senhora! Fiz muito barulho?

- Não, claro que não. - Disse abrindo a porta do armário e pegando uma xícara para me servir do café que estava na cafeteira ligada em cima da pia.

- O senhor Fernando foi trabalhar logo que cheguei.

- Hum. - respondi, enquanto experimentava um gole do café. - Vou me arrumar, preciso ir na editora hoje.

A verdade é que eu não precisava ir a lugar nenhum, precisava apenas olhar nos olhos do Fernando e entender o que aconteceu ontem a noite. Porque eu não sabia mais o que pensar, minha

mente parece esvaziar quando lembrava dos beijos, das mãos. *Meu Deus, que beijos, que boca.* Não posso pensar nisso, isso é errado. Porque deixei ele me beijar?

Passei a manhã sentada na livraria em que conheci o Fred. Escrevendo e tentando esquecer as complicações da minha vida. Foi uma manhã muito produtiva. Almocei no shopping e passei o resto da tarde no meu apartamento.

Fazia tempo que não passava um tempo lá. Limpei a geladeira, muitas coisas estavam estragadas, retirei os lixos, lavei algumas roupas. Me sentei no meu sofá e liguei a TV, mas não consegui prestar atenção ao que estava passando. Só conseguia pensar no que aconteceu nos últimos meses, o fim do meu noivado, a morte da minha amiga, o Fred me oferecendo um lar e uma carreira, a Luna que eu não faço ideia de como criar, e agora o Fernando com seu abdome definido, olhos profundos e beijos devastadores. Como eu deixei tudo isso acontecer? Onde minha vida se perdeu?

Acordei com o barulho de mensagem recebida no celular. Me assustei ao perceber que ainda estava no sofá do meu apartamento. Olhei no relógio, marcava 17:45h. Dormi exatamente uma hora. Olhei a mensagem.

FERNANDO: Letícia, vou demorar. Liguei em casa para te avisa e a Maria disse que você não estava. Você volta antes de ela ir embora?

EU: Sim, já estou voltando!

CAPÍTULO 18

- Letícia?

Suas mãos tocavam suavemente meu ombro, seus dedos tiraram uma mecha de cabelo de cima dos meus olhos.

- Letícia? - me chamou de novo com uma voz macia e suave.

Se eu não estivesse dormindo de mal jeito no sofá, com certeza não acordaria.

- Oi. - respondi me ajeitando e sentando lentamente.

- Você está bem? Está tarde.

A TV estava ligada, mas devia ter se passado um bom tempo, pois lá fora estava muito escuro.

- Estou, acho que estava cansada. Que horas são?

- Onze horas.

- Nossa. Está tarde? Você acabou de chegar?

- Sim. Fiquei dois dias sem trabalhar. Tive muito trabalho para colocar em dia.

Acho que ele se justificou demais, não entendi o porque? E sinceramente, também não acredito que ele tenha tantas coisas para fazer. Afinal, é uma academia. Mas não iria questionar e nem brincar com esse assunto.

Confirmei com a cabeça e me levantei. Quando pisei no primeiro degrau o escutei dizer baixinho, mas o suficiente para eu ouvir.

- Desculpa.

Meu coração parou, preendi a respiração e me virei.

- Pelo que ? - Perguntei, com muito medo de ouvir a resposta.

Ele se aproximou me encarando, ficando muito perto de mim. Meu corpo reagiu me fazendo estremecer, minha respiração ficando mais curta.

- Eu não devia ter... - ele divagou, desviando os olhos para a janela. - te beijado. - E seus olhos azuis finalmente encararam os meus.

Naquele momento pensei que fosse desmoronar. Ele estava dizendo que havia sido um erro.

- Eu é que não devia ter permitido.

O ar pesou entre nós. O silêncio ficou insuportável demais para mim.

- Boa noite! - Falei subindo as escadas.

Fiquei deitada olhando para o teto, mas meu pensamento estava longe, estava nele, na noite anterior, no que ele poderia estar pensando, no que ele sentiu. Vejo por baixo da porta que a luz do corredor se acende. Não ouvi passos, mas vejo pela parte de baixo da porta que ele está parado do outro lado. Minha respiração acelera. Entre por favor, entre. De repente a sobra some e a luz se apaga. Queria levantar, falar com ele, entender o que foi aquilo, mas o medo era muito grande. Porque se ele respondesse que não foi nada, eu ficaria arrasada. Mas se ele dissesse que foi algo, devastaria meu coração, minha lealdade à minha amiga, minha melhor amiga, a quem prometi cuidar da filha dela, não lhe roubar o marido. Então faço o que minha única opção permite - dormir.

- Bom dia. - Falei ao entrar na cozinha e retirar Luna do carrinho, levantando-a no alto, beijando-lhe a barriguinha e falando com a voz que usamos para falar com bebês e cachorros. - Oi, lindinha ! Você está crescendo, é crescendo, tá ficando gordinha, sua gordinha, sua gordinha!

Olhe para o Fernando que me observava sentado, com um meio sorriso se curvando em seus lábios.

- Bom dia !

Coloquei a Luna no carrinho e me sentei para compartilhar o café da manhã maravilhoso que ele preparou.

- Meus pais vem hoje aqui, vão passar o final de semana com a gente.

- Ok, posso ir para minha casa, assim eles dormem do quarto da Luna, eles podem dormir na bicama que eu estou dormindo.

- Não. De jeito nenhum. Eles querem te conhecer melhor. Eles vão dormir na minha cama e eu durmo no sofá.

- Vai por mim, você não vai querer dormir naquele sofá. Acordei com torcicolo e nem dormi a noite toda lá. Você pode dormir na bicama.

- Se não te atrapalhar.

Simplesmente balancei a cabeça em negativo. Acho graça quando diz essas coisas, estou na casa dele, eu sou quem atrapalha e não ele.

A campainha tocou e me levantei, mas ele foi mais rápido falando “Eu atendo”, enquanto passava por mim. Peguei o carrinho da Luna e segui para a sala. Cheguei no instante em que estavam entrando na sala, a mãe do Fernando me cumprimentou retirando Luna do carrinho. Sentou-se com ela no sofá e encarou o filho que estava em pé ao lado na porta.

- Hoje vocês estão livres. Vão se divertir, vão no cinema, jantem fora, vão a um barzinho, eu não quero vocês aqui antes da meia noite.

- Mãe... - Fernando começou a dizer e parou. Olhou para mim em busca de uma luz, ou salvação.

Não sei o que dizer para a mãe dele. Então balanço a cabeça confusa. Ela nos olha e diz.

- Vocês precisam de descanso. Vocês precisam se divertir. E mesmo que não se divirtam, precisam de um tempo para pensar em outras coisas além de trabalho e essa coisinha lindinha e gordinha aqui. - Disse abaixando e beijando a testa de Luna.

- Ela tem razão. Que tal um cinema à tarde?

Ai Meu Deus! Ele não pode estar falando sério. Sim ele está, porque são aqueles olhos cristalinos me encarando de novo. O que eu faço? O que eu respondo?

- Pode ser. - Respondi totalmente sem graça. - Vou aproveitar que vocês estão aqui e vou pra minha casa. Preciso pegar umas correspondências, pagar umas contas. Você me pega lá pra gente ir no cinema?

- Claro, às quatro horas.

Balancei a cabeça em concordância e subi as escadas. Seus olhos não desgrudam de mim.

Ok! Fique calma! Isso não é um encontro. Você pode escolher uma roupa normalmente, sem ficar nervosa. Droga! Não tenho nada para vestir!

Escolhi um vestido preto com flores vermelhas bem pequenas e sapatilhas vermelhas. Me maquiei pouco para não parecer que eu tinha levado muito tempo me arrumando. Olhei no relógio marcava três e quarenta e cinco, me sentei no sofá e peguei o controle remoto na mão, mas a campainha tocou. Me levantei e dei uma olhada no espelho para garantir que eu estava bem arrumada, sequei minhas mãos suadas no vestido. *Por que eu estava me sentindo tão ansiosa?*

Abri a porta e meu corpo congelou, tentei fecha-la novamente, mas ele colocou a mão na porta e a empurrou, quase batendo com a porta no meu rosto. Me fazendo gritar.

- Vá embora Gabriel.

- Não, não vou, quero conversar com você.

Meu corpo inteiro tremia, ele empurrou mais a porta e entrou no meu apartamento. Me puxando pelo braço ele me arrastou até a frente da TV, se aproximou do meu rosto o suficiente até que eu pudesse sentir seu hálito enquanto ele falava.

- Você precisa me ouvir. Eu te amo! Eu estou arrependido, quero você de volta. Quero me casar com você.

- Acabou Gabriel. Acabou!

- Você ainda está nervosa, sei que está, sei que ainda sente raiva de mim, mas a gente pode se reconstruir juntos.

- Não. Escuta, eu não te amo. Eu não tenho raiva de você. Te perdoo. E te agradeço, pois hoje eu sei que não te amava.

Eu sei o quanto o magoei com essas palavras, mas é a verdade e eu precisava dizer isso a ele, eu realmente não sentia mais nada por ele. Sua dor era notável, ele me agarrou com mais força e me puxou pra perto. Tentei empurrar, mas ele é mais forte que eu. Com uma das mãos ele segurou minha nuca e me beijou. Me debati contra ele, mas foi inútil, quanto mais me debatia, mais ele me apertava machucando minha nuca e o pulso que ainda segurava. Então fiz a única coisa que podia, mordi seus lábios com tanta força que cheguei a sentir o gosto do sangue na boca. Ele me soltou levando as mãos à boca. E comecei a gritar por socorro.

- Sua vadia! - Ele gritou, me fitando com seus olhos de raiva, dando um passo à frente.

Minhas pernas não obedeceram meus comandos, fiquei parada em choque com os olhos arregalados.

- Nem pense em encostar um dedo nela.

me assustei com a voz forte e ofegante que vinha da porta. Fernando estava lá parado na porta. Seus olhos transbordavam raiva.

- Vá embora Bruno. - Falei.

Ele nem olhou para o Fernando, ergueu a cabeça e seguiu para fora do apartamento. Minhas pernas finalmente amoleceram e cai ajoelhada no chão. O medo finalmente invadiu minhas veias e transbordaram pelos meus olhos. Eu chorava como uma criança, soluçando. Fernando fechou a porta e se ajoelhou ao meu lado, me abraçando, tentando me consolar.

- Acabou, Letícia, acabou. Ele já foi embora.

Seus dedos passam pelos meus cabelos, acariciando lentamente.

- Você quer ir na delegacia?

Balancei a cabeça negativamente.

- Tem certeza? Já é a segunda vez. - De repente ele parou de acariciar meus cabelos. - Tiveram outras vezes?

- Não. Só essas duas. - Disse me levantando.

- Isso está se tornando perigoso, e se eu não estivesse aqui? O que ele seria capaz de fazer?

- Fernando, eu não vou na delegacia.

- Ok, você que decide. Ainda quer ir no cinema?

- Sim, só vou ao banheiro.

Deixei que ele escolhesse o filme, afinal sabemos o quanto isso é importante para os homens, e ele ficou empolgado para escolher o filme. Acabou escolhendo um filme de ação, que eu acabei gostando.

- Quer jantar? São seis e meia.

A pergunta parecia casual, não fosse a maneira como ele olhava para os dedos da mão com a cabeça baixa.

- Pode ser. Estamos proibidos de chegar cedo em casa. - falei sorrindo.

Ele sorriu e o dia se iluminou. Seus olhos estavam tão expressivos. Como nunca percebi isso antes?

- Vou te levar num lugar que eu adoro. Mas é bem simples.

- Quanto mais simples, melhor. Vamos? - Falei

Seguimos até o carro, e ele me guiou pelo shopping sempre à frente dele, quando entramos no elevador ele fez sinal para que eu passasse na frente dele pousando a mão nas minhas costas, e quando algumas pessoas estavam no meio do caminho também. Sempre atento aos meus passos e ao redor.

Andamos por cinco minutos de carro, até que ele estacionou em uma rua com calçadas largas. Andamos lado a lado, ele me perguntando sobre o meu trabalho e eu sobre o dele. O lugar realmente era bem simples, mas bem aconchegante, as mesas possuíam sofás. Sentamos perto da janela.

- Boa noite! - Disse a garçonete, que parecia ter vinte e poucos anos, cabelos escuros presos em um coque frouxo, short curto e blusinha de alças. Simples e bonita. E seus olhos, claro não desgrudavam do Fernando.

O que era totalmente normal e comum acontecer, notei como a moça que nos vendeu os ingressos do cinema sorriu para ele, as mulheres no shopping também o encaravam. Ele é muito bonito tenho que admitir.

- Boa noite. Queremos dois milk shakes de baunilha e dois lanches especiais da casa. Certo, Le?

De tudo o que ele falou, meu cérebro só conseguiu processar “Le”, e essa palavra ecoou na minha mente mais três vezes, até eu perceber que os dois estavam aguardando minha resposta.

- Certo. - Me forcei a responder.

- Se quiser pedir outra coisa, tudo bem ? Mas acho que você devia experimentar essa combinação.

- Pode ser.

A garçonete saiu.

- Está tudo bem? - Ele perguntou.

- Sim, claro, por que?

- Você parece meio perdida.

Como ele adivinhou? É claro que eu estava perdida, estava totalmente perdida, e perdidamente... Ferrada!

- Não. Estou bem!

E ele olhou para a janela. O pensamento longe. Como eu gostaria de saber no que estava pensando.

- O que você está pensando?

Pensei que ele fosse desviar do assunto, dizer que não estava pensando em nada. Mas ele me surpreendeu mais uma vez.

- Acho que nunca vou ser capaz de amar de novo.

- O que? Claro que vai. - Meu coração apertou.

- Você vai ter outra melhor amiga?

- Ei, são coisas diferentes.

- Não, não são coisas diferentes. Eu escolhi a Angela para passar o resto da minha vida comigo. Eu escolhi envelhecer ao lado dela. Não quero nenhuma outra mulher.

Tá legal, por essa eu não esperava! Na verdade eu esperava que ele não fosse querer se apaixonar de novo, acho que é normal. O que não é normal é o efeito que essa frase teve no meu coração, senti uma pontada de tristeza. Não por ele, mas por mim.

- Você está falando isso pelo que aconteceu entre a gente? - Quando percebi o que tinha pensado, já havia falado em voz alta e me arrependi por ter dito. Abaixei os olhos e fitei o saleiro que estava no meio da mesa.

Minha vontade era de sumir dali. Correr até tudo virar um grande borrão, uma mancha.

- Não. Claro que não. - Ele apoiou os cotovelos sobre a mesa e segurou a cabeça com as mãos, fitando o mesmo saleiro. - Quanto a isso, me desculpe. Você não merece... não merecia acordar sozinha. Você merece mais, mais do que posso te dar.

- Eu não quero mais. - *Meu Deus! O que eu estou dizendo? Alguém cala a minha boca!* - O que eu quero dizer é que eu cansei, cansei de procurar o príncipe encantado. Desisto. - Ele levantou a cabeça, com a boca aberta e me fitou com seus olhos cristalinos, tão transparente que eu conseguia enxergar o fundo da sua alma. - É sério! Quero aproveitar a vida. Sem obrigação, sem cobranças. E obrigada por me deixar acordar sozinha, eu não saberia como olhar nos seus olhos.

- É complicado. Nós não deveríamos...

- Com certeza não deveríamos.

- Mas eu... - Ele tornou a olhar pela janela. Pensativo.

- Você?

- Eu desejo você.

Ainda bem que exatamente nesta hora a garçonete chegou com o pedido. Eu não sei o que seria capaz de responder ou se seria capaz de responder, mas confesso que tive que morder o lábio inferior para esconder um sorriso.

- Sabe. Eu tive dúvidas sobre a sua escolha para comer.

- Por que? - Ele perguntou sorrindo.

- Sei lá, você não parece o tipo de pessoa que come porcarias. - Falei soltando uma risada. E a gargalhada dele foi deliciosa de ouvir.

- Posso saber por que eu tenho cara de quem não come porcarias Dona Letícia?

- Por causa da academia, seu corpo sarado. - Devo ter ficado vermelha quando falei isso, porque senti meu rosto queimar.

- Você gosta de porcarias, não faz academia e não tem barriga nenhuma.

- Tem razão. - Falei, dando uma mordida no lanche.

Comemos e conversamos bastante, sobre diversos assuntos. E até alguns segredos, como ele adorar ler livros infanto-juvenil, e eu adorar seriados adolescentes.

- A conta por favor. - Ele falou para a garçonete.

- Ei, deixa que eu pago. Você pagou o cinema. - Falei, pegando a bolsa que estava ao meu lado no sofá.

- Não. Eu vou pagar, Letícia.

- Fernando, não aceito mais seus convites. Você não me deixou pagar nada.

- Você acha que eu vou deixar uma mulher pagar a conta e passar vergonha no lugar que eu mais gosto de comer?

Soltei uma gargalhada e ele pareceu se divertir.

Saímos da lanchonete e seguimos pela calçada lado a lado. Ele parou do lado da porta do passageiro e abriu a porta para mim e deixou um espaço muito estreito para que passasse. Encarei seus olhos e não sei se foi impressão minha mas eles me desejavam. Seus olhos queimavam. Me aproximei dele e ele me beijou, não foi um beijo leve, foi um beijo forte, sua língua invadia minha boca, suas mãos subiram até minha nuca, foi um beijo com desejo, muito desejo. Enfim me soltou e entrei no carro desnorteada.

Ele fechou a porta, e ficou me encarando. Eu estava visivelmente desconcertada. Mas sustentei seu olhar.

- Quer saber? Foda-se. - Ele falou, e me beijou novamente. Eu retribui suas carícias, seus beijos. Eu queria mais, e sabia que ele também queria mais.

Do mesmo jeito que ele começou a me beijar, ele parou. De repente.

- Eu sei que não deveríamos, mas eu quero você. Quero você agora.

Eu não sabia o que dizer. Eu também queria, mas ali? Era insano!

- Podemos ir pro meu apartamento. - Falei, tentando controlar a respiração ofegante.

Mal conseguimos subir as escadas do meu prédio, com tantos beijos e tanto desejo. Abri a porta, enquanto ele beijava minha nuca, e passava os dedos pela minha barriga. Seguimos para o quarto, ele tirou a camiseta soltando-a no chão. Tirou meu vestido e meu sutiã enquanto me beijava. Abri o botão e o zíper da calça dele, e ele a deslizou até os pés. Me colocou na cama e se deitou sobre mim. Sua boca beijando todo o meu corpo. De repente ele puxou minha calcinha e senti o tecido se rasgar sobre a minha pele, mas quando ia dizer alguma coisa, ele me penetrou. E esqueci completamente quem sou.

- Você tem camisinha? - Ele perguntou em meio aos suspiros.

- Na gaveta. - Falei apontando para o criado-mudo.

Ele se levantou e foi ao banheiro. Sentei-me na cama e me vesti, tive que pegar outra calcinha pois aquela foi para o lixo. Ele saiu do banheiro e parou na porta.

- Melhor irmos. Está ficando muito tarde. - Ele falou.

- Claro. Vamos.

Não falamos nenhuma palavra no carro, ele ligou o som em uma rádio. Mas nem prestei atenção ao que estava tocando. Eu só pensava em como aquilo era errado e que não devíamos continuar, mas mesmo assim aquela frieza repentina estava me matando aos poucos, eu via o calor em seus olhos, mas suas ações eram frias. Aquilo me confundia. E por um minuto não pude deixar de pensar em como estaria se estivesse na Europa com o Fred.

CAPÍTULO 19

Seis meses, Luna estava completando seis meses.

- Passou tão rápido! - Falou Fernando pegando-a no colo.

A campainha tocou.

- A Maria chegou. - Falei passando pela sala enquanto Fernando me seguia. - Tem certeza que você quer me levar? Talvez demore um pouco. Não é melhor eu ir com meu carro?

- Letícia, já te falei, não tem problema nenhum, eu espero! Só preciso dar uma passada rápida na academia, assinar uns documentos e nós vamos para a editora.

- Ok. - Respondi. - Abrindo o portão da garagem para a Maria entrar e o Fernando tirar o carro.

- Oi, Maria! Estamos de saída.

Fernando entregou Luna para a Maria e seguimos a caminho da academia. Nosso relacionamento, não é bem um relacionamento, é frio, fazemos sexo de vez em quando, na verdade sempre. Não falamos de sentimento e ele sempre se esquivava de perguntar profundas. E já deixou muito claro que não quer um relacionamento, que não é capaz de amar novamente e que não quer magoar ninguém. A verdade é que eu achei que seria mais fácil. Achei que, como eu também não queria um relacionamento sério, eu não me envolveria, mas é tudo mais fácil na teoria, eu estou morrendo a cada dia. Como se não bastasse a culpa que sinto por estar fazendo sexo com o marido da minha melhor amiga, ele me despreza sempre que tem oportunidade. Claro, não basta dizer com todas as letras que não vai se apaixonar por mim, ele precisa mostrar isso. Eu tento parar, me afastar, mas a cada dia estou me afundando mais nisso, me entregando aos poucos. Quando não falamos de coisas profundas ou sentimentos, nos damos muito bem. Temos os mesmos gostos para comida, para filmes e livros.

- Acho que você ainda não conhece a academia. - Falou, estacionando o carro em uma vaga da academia.

- Conheço sim, uma vez vim gritar com você por causa da Ângela.

- Verdade. - Ele falou sorrindo e balançando a cabeça.

Andamos em direção à entrada. Um rapaz moreno nos avistou de longe veio ao nosso encontro gritando.

- Finalmente a trouxe aqui ! - Fernando pareceu não gostar do comentário.

Ele se aproximou e me envolveu em um abraço. Eu o abracei, sem jeito. Finalmente o reconheci, Jacob, que me recebeu da outra vez que estive aqui.

- Lembra de mim? Sou o Jacob, sócio desse cara aqui! - Disse me soltando e apertando a mão de Fernando.

- Claro que me lembro. - Sorri.

- Menos Jacob, menos. - Fernando disse olhando pra mim. - Não acredita nesse cara, é só papo.

- Ele se virou para Jacob novamente e perguntou. - Onde estão os papéis?

- Na sua sala chefe. - E bateu continência sorrindo.

- Você não vale nada, Jacob. Fica longe da Letícia !

Ouvir isso fez meu coração pular. Apesar de saber que o medo dele é de Jacob me contar algo que não deve e não de dar em cima de mim. Mas talvez das duas coisas.

E aí gata, quer dar uma volta? - Ele disse com a mão na cintura e o cotovelo levantado.

Dei uma gargalhada e passei meu braço por entre o dele.

- Você não vale nada mesmo. - Falei.

- Ahh, não escuta o que esse cara fala. Ele está perdido. Onde já se viu, parar de amar.

Meu coração parou e minhas pernas, bom elas continuaram seguindo em frente, mas não sei qual pedaço do meu cérebro fez isso, pois cada célula do meu corpo congelou.

- Pelo visto vocês conversam.

- Claro que conversamos! Desde sempre, desde a faculdade. Desde que começou a namorar a Angela e ficou *gamadão* na melhor amiga dela, que namorava um babaca amigo dele.

- O que?

- É, ele ficou babando em você. Aliás, ele baba em você desde a escola.

- Por que você está me contando tudo isso? Você sabe que eu sou a melhor amiga da esposa dele. E como você sabe que a gente estudou junto?

- Ex-esposa. - me corrigiu. - Estou te contando porque meu amigo se fechou para o mundo, não quer ter sentimentos. Não quer sofrer, mas eu acho que ele está se apegando muito às coisas ruins. E eu acho que se você gosta dele, talvez possa ajudá-lo a ser feliz de novo. Eu sempre falo e ele não me escuta. Já me mandou à merda várias vezes.

- Como você sabe que estudamos juntos?

- Ele me falou. Mas então quer dizer que você se lembra dele?

- Claro que me lembro. Ele era o menino mais bonito da escola. E mais popular também.

- Pois é. E era gamado em você.

- Por que ele nunca me disse nada?

- Bom, primeiro porque você era namorada do babaca amigo dele. Depois porque ele se casou com sua melhor amiga e agora porque ele acha que você não se lembra dele. Por que você nunca falou disso com ele?

- Bom, pelos mesmos motivos que você acabou de falar.

- Fato é que vocês dois estão lutando contra algo que está na cara que já não tem mais volta.

- Não sei. É muito complicado. Eu também não quero mais me apaixonar.

- Vocês não percebem que já estão apaixonados? Tire ele daquela casa, convença-o a mudar, a guardar as lembranças da Angela. Seis meses se passaram e ele ainda tem um porta retrato com a foto dela na mesa do escritório. O que dirá da casa em que ainda mora.

- Ela escolheu aquela casa. Ela decorou aquele lugar do jeito que sempre sonhou.

- Meu Deus! Você é igual a ele. Desapega do passado, desapega da dor. A vida segue.

- Você não entende.

- Você acha que ela está feliz, vendo vocês dois se arrastarem nessa tristeza aqui?

Ele era direto demais para o meu gosto. Mas ele tem um pouco de razão. Minha amiga nunca ficaria feliz sabendo que eu estou triste, ou que o Fernando desistiu de ser feliz.

- Lá vem o Fernando. Promete que vai pensar no que eu disse? - Perguntou Jacob, me beijando a mão e me entregando a Fernando.

Fiz um sinal que sim com a cabeça e sorri. Fernando revirou os olhos.

- Nos vemos de novo minha Deusa? - Perguntou Jacob. E percebi que era apenas para provocar Fernando.

- Claro. - Respondi, entrando na brincadeira com um piscadela.

- Você não perde tempo Jacob. - Virou-se para mim e disse. - Você não irá vê-lo de novo coisa nenhuma.

- Veremos! - Ele desafiou.

Me despedi de Jacob e segui ao lado do Fernando até o carro. Ele estava com a cara fechada. Quando entramos no carro perguntei.

- Você está bravo?

- Não.

- Ciúme?

- Não tenho ciúme de você. Já falei várias vezes que é só sexo.

Aquelas palavras me feriram, como todas as vezes que ele as disse.

- Então quer dizer que posso sair com outros caras?

- Por que? Você quer sair com Jacob?

- Não, com ele não, mas nunca falamos disso.

- Pode. Você pode sair com quem quiser. Eu não me importo.

Eu acreditaria que ele não se importava, se ele não estivesse tão na defensiva agora. E se eu não tivesse escutado tudo o que o Jacob falou.

- Qual é a sua? Por que está tão nervoso? Você não confia no Jacob ou no que ele pode dizer pra mim?

Não sei por que falei isso, mas sei que não devia ter dito. Acho que fiquei nervosa por ele dizer que não se importa. Ele sempre disse que era só sexo, mas todas as vezes que diz isso meu coração morre um pouco mais e eu queria provoca-lo. Queria que ele perdesse o controle.

Seus dedos agarraram bem forte o volante, até suas juntas ficarem brancas, ele não olhou nos meus olhos, mas nem precisava, sei que seus olhos viraram pedras de gelo.

- O que ele disse pra você?

- Nada.

Então ele gritou:

- O que ele disse pra você?

- Me leva pra editora agora. - Falei.

Fomos em silêncio até a editora. Quando eu estava descendo ele disse friamente.

- Me ligue que eu volto pra te buscar.

- Não precisa. Eu pego uma carona.

- Ótimo!

Mal fechei a porta e ele arrancou com o carro. Fiquei me sentindo péssima.

Deixei meu computador com um técnico da editora para os testes e atualizações de rotina e passei a tarde com a minha chefe. Finalmente contei a ela o que estava acontecendo, nós estávamos mais próximas, eu estava indo três vezes por semana na editora.

- Uau! que moderno, sexo sem compromisso. Vou aderir essa moda. - Falou.

- Márcia! Shh.. - Falei meio sem graça.

- Relaxa, ninguém está ouvindo. A porta está fechada.

- Me ajuda. Não sei o que fazer.

- Está na hora de você seguir em frente. Se afastar, saber o que realmente você sente por ele. É o melhor pra vocês dois.

- Talvez você tenha razão.

Conversar com a Márcia me fez ver as coisas por outra perspectiva. Talvez ela tenha razão, talvez eu devesse me afastar e não fazer sexo por um tempo.

Pedi carona ao Carlos, meu redator.

Ele passou o caminho todo me contando as fofocas da editora, quem está dormindo com quem, quem pediu demissão. Paramos para comer um lanche. Eu sempre me divirto com ele.

- Entregue. - Falou ele, parando em frente à casa do Fernando.

- Obrigada, Carlos! Nossa está tarde. - Falei, notando o horário que marcava no rádio do carro.

- As horas passam quando a gente se diverte, docinho.

Me despedi com um beijo no rosto e desci do carro.

Eram oito horas, e eu nem avisei o Fernando, ele deve estar muito bravo. *E estava!*

Ele me aguardava em pé ao lado da janela da sala. Assim que eu entrei, já foi logo dizendo.

- Você é rápida.

- Desculpe, demorou mais do que eu achei que fosse demorar. Depois acabamos indo comer um lanche.

- Esse foi o escolhido?

- O que? - Perguntei sem entender.

- Esse cara, é com ele que você quer sair também?

- Fernando...

- Responde! - Ele falou entre os dentes, me encarando.

- Escuta, eu estou cansada desse jogo. Você diz que não quer se envolver, se esquia das perguntas pessoais que eu te faço e não quer saber da minha vida. Mas eu sinto, às vezes quando

acabo adormecendo na sua cama, que você faz carinho no meu cabelo. Você sempre diz que o Gabriel foi um idiota em me trair. Você me olha como se gostasse de mim. Você gosta, não gosta?

- Letícia.. - Sua voz era como um aviso.

- Responde você, Fernando! - Falei mais alto.

- Não posso te dar o que você merece.

Eu vi dor em seus olhos, vi seus olhos se transformarem em gelo novamente, vi minha esperança evaporar entre nós dois.

- O que eu mereço? Não, quer saber? Cansei disso. Acho melhor eu voltar pra minha casa.

- É melhor. - Respondeu, virando-se de costas e olhando para a rua.

Meu coração se despedaçou, como no dia em que perdi minha amiga. E ela estava certa, ele e eu temos tudo a ver, somos parecidos, gostamos das mesmas coisas, ele é carinhoso, preocupado. Sim. Tudo o que ela dizia que ele era. Mas eu estava certa em não deixa-lo se aproximar. Ele faria alguém sofrer, mas não foi à minha amiga. Foi a mim mesma! Como no dia da formatura, que ele disse que queria dançar comigo, mas dançou com a Pâmela, claro, ela era a garota mais bonita da escola.

- Venho visitar a Luna durante a semana. E se você precisar que eu fique com ela à noite ou de final de semana, pode me ligar.

- Eu sei.

Subi as escadas, juntei minhas coisas, dei um beijo na Luna, e fui para o meu apartamento com o coração partido.

CAPÍTULO 20 – FERNANDO

Ela se foi. Ela realmente foi embora.

Uma hora ela teria de ir. Era inevitável, não poderia ficar aqui pra sempre. Melhor assim, eu estava começando a me envolver e isso não poderia acabar bem.

Tá legal, quem eu quero enganar?

Eu já estava envolvido há muito tempo. Mas é melhor assim, eu não quero me relacionar com mais ninguém. Não quero me apaixonar, não quero mais sofrer.

- E aí, cara? Vai ficar trancado no escritório o dia todo? Tem umas gatinhas malhando lá embaixo, você devia ver.

- Jacob, você sabe que quero distância de mulheres.

- Ah é. Esqueci que a única mulher que você quer está te dando um gelo. - Jacob falou dando uma gargalhada.

- Já te falei que não quero NENHUMA mulher.

- Sei, sei. Mas e aí? Tem visto ela?

- Não. Ela só vai visitar a Luna de semana, quando a Maria está lá.

- E por que você ainda não foi atrás dela?

- Pára com isso, cara. Já te falei que não quero.

- Fernando. Vou ser sincero com você, cara. Eu nunca te vi tão feliz como naqueles meses que ela estava na sua casa. Já fez um mês que ela saiu de lá. Você vai esperar um cara boa pinta bater na porta dela e rouba-la de você?

- Dois.

- Dois o quê?

- Dois meses que ela foi embora.

- Cara, você é um babaca mesmo.

- Vamos almoçar. Vou só terminar de ler essa matéria na internet e vamos.

Terminei de ler a matéria, mas quando estava abaixando a tela do notebook, uma matéria de rodapé me chamou atenção.

“15ª convenção de escritores - convidado especial Fred Bernini, sucesso em Paris”

- Ahh, eu estou com fome. Você já estava levantando, porque sentou de novo? - Perguntou Jacob impaciente.

- Está vendo essa matéria? - virei o computador para o lado de Jacob. - Eu acho que é o cara com quem a Letícia estava saindo.

- O cara que foi pra Paris?

- Sim. Vou procurar uma foto dele no google pra ver se é ele mesmo.

E quando eu cliquei em buscar, gostaria de não ter sabido disso. Era ele, bonito, inteligente,

famoso e com certeza já tinha ligado pra ela dizendo que estava aqui.

- É ele?

- É.

- Deixa eu ver. - falou, puxando o notebook para ele. - Oi noivo da Letícia!

- Muito engraçado. - Falei amargo.

- Engraçado não. O cara é boa pinta, até eu aceitaria. O cara é bonito, rico e famoso. E ainda ofereceu uma carreira pra ela, né?

- Pára Jacob. - Falei fechando o notebook.

- É isso então? Você vai abrir mão mesmo? Vai passar o resto da vida pensando nela, só porque tem medo de sofrer outra perda? Você é o cara mais idiota que eu já vi na minha vida! Acorda pra vida Fernando!

- Chega Jacob. Ela é a melhor amiga da minha esposa! - Gritei.

- Ex-esposa, babaca !

- Para. - Falei tentando controlar meus nervos.

Mas Jacob não tem freios, ele fala o que pensa, não importa o quanto machuque, não importa o quanto você peça.

- Não, não paro. Não foi você quem morreu cara, sua filha precisa de uma mãe, uma mulher de exemplo dentro de casa. Sua esposa morreu! Ela não está aqui e não vai voltar. Então é bom que você mostre pra ela que está fazendo o melhor por você e pela filha de vocês. Ela te amava e amava a melhor amiga dela. Ela quer vê-los felizes.

Lágrimas, muitas lágrimas. Apoiei o cotovelo sobre a mesa e segurei minha cabeça entre as mãos. Aquelas palavras me atacaram como eu não esperava. Eu sabia que ela tinha ido embora, porra, sabia da morte, claro. Mas aquilo doía, ouvir aquilo doía muito. Porque ele estava certo - Ela não vai voltar! E o que eu estou esperando? O que eu estou fazendo? Como eu vou criar a Luna sozinho? Por que eu não consigo admitir que gosto da Letícia, porque é difícil aceitar que eu estou apaixonado pela melhor amiga da minha ex-esposa? Por que estou sentindo como se estivesse traindo a Angela? Ela deve estar me odiando por ter feito a amiga dela sofrer.

Jacob estava de pé ao meu lado, batendo de leve nas minhas costas.

- Acabou cara, acabou. Ela não vai voltar.

Levantei a cabeça e percebi que ele também estava chorando.

- O almoço fica pra outro dia. - Falei, pegando a chave do carro na primeira gaveta da mesa.

- Aonde você vai?

- Ser feliz! - Respondi, enxugando os olhos e saindo pela porta do escritório.

Minhas mãos suavam, como da outra vez em que estive aqui para busca-la e encontrei o babaca do Gabriel. Tinha uma senhora entrando, a mesma que me deixou entrar da última vez.

- Faz tempo que não te vejo rapaz. Entre, entre.

- Obrigado. - Respondi.

Subi os degraus de dois em dois. Eu não sabia o que dizer, mas queria olhar nos olhos dela o mais rápido possível. Ao chegar no último degrau, meu coração subiu até a boca e fui obrigado a engolir em seco. Ela estava trancando a porta e havia um homem ao seu lado - Fred.

Ela estava sorrindo, com um vestido verde e o cabelo preso em um coque no alto da cabeça. Parecia feliz.

- Fernando? - Ela disse espantada, enquanto andavam em direção as escadas, onde eu estava.

- Fred, tudo bem? - Cumprimentei estendendo a mão.

- Tudo bem Fernando. - Ele respondeu apertando minha mão.

- Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem com a Luna?

A preocupação que a Letícia tem com a minha filha é o sentimento mais inexplicável que já vi. Ela ama a Luna e eu tenho certeza de que ela daria a vida por minha filha.

- Calma, está tudo bem.

- O que você está fazendo aqui? - Ela me pergunta

O que eu respondo? *"Vim dizer que quero ter um relacionamento com você. Pois é mudei de ideia porque vi na internet que o cara que pode te dar um belo futuro está de volta. A sim, o cara que está ao seu lado agora te levando para almoçar. Eu sou um babaca!"*

- Nada importante! A gente conversa outro dia, eu te ligo.

- Fala Fernando. O que você quer?

Você.

- Queria conversar sobre... - *pensa Fernando, pensa!* - o aniversário de um ano da Luna. Está perto, quer dizer, não tão perto, mas demora pra organizar uma festa, não é?

Ela sorriu. *Esse sorriso me mata!* Sei que ela está feliz por eu ter pensado em fazer uma festa, e por incluir ela.

- Claro. Eu te ajudo sim.

- Eu te ligo. Tchau!

- Fui um idiota. E o pior, eu estava tremendo, suando e devo ter gaguejado.

A gargalhada do Jacob não melhora em nada a situação, na verdade só piora.

- Isso não quer dizer que acabou.

- Ah, Jacob acabou sim! Eu não tenho chance contra esse cara.

- Enquanto ela não estiver casada, você tem chance sim.

- Claro, vamos lá, deixe-me pensar - Falei. - Cara bonito, rico, famoso e no mesmo ramo de atividade que quero seguir carreira. Contra cara emocionalmente instável, dono de uma academia, com uma filha pra criar e claro, ex-marido da melhor amiga dela que está morta.

- O amor é cego. Vai que ela se apaixonou por você já?

- Valeu, cara. Ajudou muito. - Falei dando um soco do braço dele.

CAPÍTULO 21

Estacionei o carro em uma das vagas da academia. Algo me dizia que ontem quando o Fernando esteve em minha casa, não era sobre o aniversário da Luna que ele queria falar. Estamos brigados, não nos falamos há 2 meses, ele teria enviado um e-mail, ou uma mensagem no celular. A menos que ele tenha percebido que precisamos nos dar bem por causa da Luna. O que não faz muito sentido, mas se for só isso, falaremos só disso e pronto.

Droga, estou tremendo. E suando!

Tá legal, eu preciso ser honesta comigo mesma. Preciso entender o que eu sinto por ele. Na verdade eu sei o que sinto, só não consigo entender o porquê me sinto assim. Esses dois meses foram os piores meses, piores até do que os meses em que eu estava de luto. Foram piores porque eu sabia o que queria, mas não tive coragem de assumir, de lutar, e tentar reprimir não adiantou em nada. E agora eu tenho certeza de que gosto do Fernando porque o Fred que é um príncipe encantado de tão gentil, educado, bonito, famoso, rico e uma série de outras coisas boas ficará no Brasil pelas próximas duas semanas, e no dia em que chegou aqui veio na minha casa me chamar para almoçar, mas eu passei o almoço inteiro imaginando o que o Fernando estaria pensando sobre mim, depois que me viu com o Fred. Fiquei tão abalada, que nem almocei direito e acabei contando ao Fred tudo o que aconteceu. Ele pareceu triste, e ainda falou “a culpa é só minha, eu podia ter ficado aqui e lutado por você”. Eu falei que ele fez a escolha correta, escolheu a carreira e a prova disso tudo era o resultado rápido de todo o trabalho. Mas mesmo assim ele pareceu bem triste quando nos despedimos.

Está na hora de encarar a minha escolha. Preciso fazer alguma coisa. Preciso dizer algo pro Fernando.

Saí do carro, minhas pernas ainda tremiam. Apertei o botão do alarme, guardei a chave do carro na bolsa e quando levantei o rosto para seguir andando até a porta da academia, Jacob me observava da porta. Não pude deixar de sorrir ao vê-lo parado ali, apoiado no batente com os braços cruzados. Me aproximei, enquanto ele me media dos pés à cabeça.

- Pensei que não fosse descer do carro. - Falou, me envolvendo em um abraço.

- Estava fazendo umas anotações mentais sobre um artigo que estou escrevendo. - Menti. - Coisas de mulheres. - Sorri, dando uma piscada.

- Que bom que você está aqui pra conversar com aquele cabeça dura.

- Por que?

- Não quero me meter. Ele está no andar de cima, primeira sala à direita.

- Obrigada.

Subi as escadas, as pernas já não tremiam mais, mas as mãos ainda suavam. Bati na porta e o escutei dizendo “Pode entrar”. Abri a porta lentamente e meu coração parou por alguns segundos quando nossos olhos se encontraram.

- Letícia? - A voz era baixa, quase um sussurro de surpresa.

- Oi, vim falar com você sobre...

Não consegui finalizar a frase. Ele fez sinal para que eu me sentasse, me sentei e o encarei. Só então percebi que estava segurando o ar. Soltei o ar, e respirei fundo tomando coragem para terminar

a frase.

- Vim falar sobre nós.

- Nós? - Perguntou, erguendo uma das sobrancelhas.

- Fernando, eu preciso saber se há uma chance de existir um “nós” algum dia. Porque eu passei esses dois meses presa em um sentimento que eu não quero ter se não pudermos ficar juntos.

- Pensei que você estava com o Fred.

Aquelas palavras foram cuspidas com tanto ódio, jogadas na minha cara, que eu simplesmente desisti, me levantei, balancei a cabeça e me virei. Com os olhos cheios de lágrimas coloquei a mão na maçaneta da porta e me virei para olhá-lo uma última vez.

- Você merece ser feliz, Fernando. Você precisa sair deste luto. Ela se foi.

Desci as escadas correndo para evitar chorar ali mesmo, mas no último degrau estava Jacob, parado a minha frente com os braços abertos. Não tinha como escapar dele. O abracei e lágrimas escorreram. Quando consegui juntar forças para falar uma frase completa.

- Obrigada Jacob. Preciso ir.

Me soltei dos seus braços e corri para o estacionamento.

Abri a porta do carro e joguei a bolsa no banco do passageiro ao mesmo tempo que desabei no banco do motorista, a bolsa estava aberta e minhas coisas caíram todas no chão. *Ótimo! O que mais vai acontecer agora?* Abaixei para pegar as coisas no chão, carteira, celular, absorventes,...

Toc toc toc

Dei um pulo, batendo as costas no volante e me virei para olhar quem estava parado ao lado do meu carro. Com certeza era o Jacob, com um copo de água para me acalmar, ele não me deixaria dirigir assim.

Mas os olhos azuis que me encaravam, eram tão azuis que pareciam chamas. Senti o calor dos seus olhos me esquentar dos pés à cabeça em questão de segundos. Fiquei parada pelo choque ao assimilar que era Fernando quem estava parado ao lado de fora do meu carro. Ele abriu a porta, percebendo que eu não abriria, apoiou as duas mãos no teto do carro e se inclinou para olhar nos meus olhos.

Não disse nada, por dez longos segundos.

- Eu fiquei com ciúmes.

Não respondi.

- Quando vi o Fred saindo do seu apartamento. Eu.. eu pensei que tinha te perdido pra sempre. Tentei me convencer que era melhor assim. Mas eu não consigo tirar você da minha cabeça.

Meu coração se encheu de esperança e uma lágrima rolou.

- Nesses últimos dois meses eu só conseguia pensar em como a minha vida mudou tão rápido em tão pouco tempo, como meus sentimentos estão claros e ao mesmo tempo assustadores, porque assumir essa vida nova é aceitar que ela se foi. – Mais lágrimas rolaram. – E eu tenho medo de nunca estar preparada para deixá-la ir. – Coloquei as mãos no coração. – Mas eu quero isso pra mim, e eu queria mesmo antes de perceber.

Ele se aproximou mais e sua boca tomou a minha em um beijo pesado e cheio de sentimentos.

CAPÍTULO 22

A casa estava vazia, na sala havia uma última caixa. Luna estava agarrada à minha perna segurando seu ursinho de pelúcia preferido.

- Essa é a última? - Perguntou Fernando parando ao meu lado e limpando as mãos na parte de trás da sua calça jeans.

- Sim, a última.

Eu estava feliz por estar finalmente mudando para uma casa maior, com os detalhes, cores e decoração que eu havia escolhido junto com o Fernando. Mas meu coração estava apertado, e eu sabia que era porque estava deixando a casa da Angela. Eu sentia como se a estivesse esquecendo, deixando ela para trás. Mesmo sabendo que ela não poderia estar mais perto de mim por meio da Luna.

Os pais do Fernando e meus pais estavam nos ajudando com a mudança. Todos ficaram muito felizes quando contamos que estávamos juntos. E durante os últimos dois anos, minha mãe não parava de me perguntar quando íamos nos casar. E a mãe do Fernando não parava de perguntar quando íamos nos mudar. Uma das perguntas é fácil de responder - Estamos nos mudando hoje. A outra pergunta é mais complicada, visto que o Fernando já foi casado. Ele nunca falou nada sobre o assunto e eu também não, quero que seja natural. Mas a verdade é que não faço questão de me casar. Estou muito feliz.

- O que foi? - Perguntou Fernando, passando o braço pelo meu ombro e olhando ao redor da sala vazia.

- Sei lá. Tantas lembranças dessa casa. - respondi encostando a cabeça em seu ombro.

- Muitas lembranças!

- Vamos! Você pega a última caixa?

- Claro meu amor.

- Eu estou cansada papai. - Falou Luna, com sua voz macia.

- Já estamos indo pra nossa casa meu amorzinho.

- Mas essa é nossa casa!

- Vamos para nossa casa nova.

- Oba! E eu vou ganhar um quarto novo cheio de brinquedos?

- Vai Princesa!

- Que legal!

Luna me fazia esquecer todo o vazio que eu sentia quando me lembrava da Angela. Ela era doce como a mãe, tinha muitos traços dela, os olhos e cabelos escuros, o sorriso, o corpo magro. Ela era uma miniatura da Angela.

Saímos da casa, trancamos o portão e seguimos para a nova casa, que ficava a poucos quarteirões dali.

A casa era maior, o espaço para os carros também era maior, havia um quintal grande e a casa

ficava no meio do quintal. Nos fundos havia uma churrasqueira e um espaço com uma mesa com bancos longos. Três quartos, uma suíte e sala espaçosa.

Nossos pais nos aguardavam no fundo do quintal com a churrasqueira acesa.

- Hora de comemorar! - Gritou Fernando correndo de mãos dadas com a Luna para o fundo do quintal.

Dei risada e segui andando. Quando cheguei nos fundos, lá estava Fernando ajoelhado ao lado da laranjeira com uma caixinha aberta nas mãos.

- Quer se casar comigo?

Sorri e chorei de emoção.

- Sim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas amigas Beth, Rê, Rô, Joy, Fê e todos que leram um trecho do meu livro e me escutaram por horas incontáveis falando sobre o livro. Agradeço à minha família que torceu para que esse livro fosse publicado, e avaliaram diversas capas diferentes. E agradeço em especial ao meu marido que leu, criticou e me deu forças para continuar escrevendo mesmo quando perdi o backup com 60 novas páginas. Agradeço também à minha filha que por muitas vezes ficou quietinha para que eu pudesse escrever, e permaneceu ao meu lado enquanto eu formatava a versão final.

Agradeço à Deus acima de tudo!

A AUTORA

Juliana Piantola, nascida em 1984, mora em São Paulo com o marido e a filha. Formada em contabilidade, descobriu o gosto por leitura depois da faculdade. Mas seu gosto por escrever foi descoberto aos 15 anos quando iniciou este livro em folhas de papel almaço e lápis. Voltou a contar essa história em 2009, finalizando em 2016 e finalmente teve coragem para publicá-lo em 2017.